O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS

DO MESMO AUTOR

As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil (Com um estudo do Professor Afranio Peixoto) — Editora Guanabara, Rio.

O alienado no direito civil brasileiro — Editora Guanabara, Rio.

Os Africanos no Brasil (Revisão e prefacio de Homero Pires) — Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1922.

NINA RODRIGUES

O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS

PREFACIO E NOTAS
DE ARTHUR RAMOS

BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA
DIRIGIDA PELO PROF. DR. ARTHUR RAMOS — VOL. II

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO
1935

IMPRESSORA PAULISTA
R. Aristides Lobo 142 - Rio

PREFACIO

O animismo fetichista dos negros bahianos foi o primeiro estudo realizado por Nina Rodrigues sobre as religiões, os cultos e as praticas magicas dos negros da Bahia.

O que ha de surprehendente, neste ensaio inicial, é a reunião directa e interpretação de observações, independente de cotejos com os pesquizadores estrangeiros das religiões africanas, trabalho de approximação feito em epoca ulterior por Nina Rodrigues, principalmente no que se refere ás obras fundamentaes de A. B. Ellis sobre a religião dos yorubanos e dos gêges da Costa dos Escravos, na Africa Occidental.

O animismo fetichista foi publicado de inicio na *Revista Brasileira,* em 1896 (tomos 6 e 7), em parcellas, nos ns. de 15 de Abril, 1 de Maio, 15 de Junho, 1 e 15 de Julho, 1 de Agosto e 15 de Setembro, a que se juntava, um anno depois, um capitulo final, independente do corpo da obra, e sahido no tomo 9 da mesma *Revista,* sob o titulo: *Illusões da catechese no Brasil.*

Todos esses artigos da *Revista Brasileira* foram depois incorporados num só tomo que Nina Rodrigues traduziu

em francez e publicou em 1900, sob o titulo *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia,* edição de Reis & Comp., Bahia, e dedicado á *Société Médico-psychologique* de Paris, da qual era o Autor Membro Associado Estrangeiro.

A esta traducção franceza, Nina Rodrigues accrescentou uma *Introducção* que transcrevemos na integra (pags. III e VII da edição citada):

INTRODUCTION

Le travail que nous présentons au lecteur, n'est qu'une simple contribution de notre part au vaste problème de l'influence sociale exercée par les races noires au Brésil, influence qui depuis longtemps a appelé notre attention et la retient.

L'impossibilité d'aborder d'un seul coup et dans son ensemble un sujet aussi vaste nous a fait prendre la résolution de l'étudier par parties.

Cette étude a été publiée il y a quatre ans (1896) dans la *Revista Brazileira.* A cette époque la religion des nègres de la Côte des Esclaves, dont nous nous proposions d'étudier les pratiques à Bahia, nous était presque inconnue, et ce n'est que plus tard que nous avons pu consulter les oeuvres du Colonel A. B. Ellis. La lecture de ces travaux nous a démontré que notre description, récit fidèle de ce que nous avions observé ici, avait été des plus heureuses. Ceci explique pourquoi nous avons voulu conserver à notre travail sa forme primitive.

D'accord avec les travaux précités nous pourrions faire aujourd'hui le partage des contributions apportées par les cultes des différents peuples de la Côte des Esclaves au fétichisme des nègres de notre pays. Mais ces divisions ne valent pas à nos yeux la fidélité des descriptions de ces croyances, constituées par la fusion d'éléments divers, telles qu'elles existent et se manifestent ici, et comme nous

les décrivons. Nous avons continué et nous continuons nos observations et nos études; malgré cela nous ne voyons aucune utilité à modifier ce que nous avons écrit il y a quatre ans.

Ce livre sera prochainement suivi d'un autre que nous publierons en portugais, et dans lequel nous étudierons séparément les peuples africains que le trafic a jetés au Brésil. Ce ne sera encore qu'un essai modeste, une contribution à la solution du *Problème de la race noire dans l'Amérique Portugaise.*[1] La division des croyances africaines de nos nègres trouvera naturellement là sa place tout indiquée.

Nous ne dissimulons pas le peu de valeur de ces études. Mais quelque incomplètes qu'elles soient, nous avons la conviction qu'elles aideront, ne fut-ce que dans une faible mesure, à l'élucidation des graves questions sociales relatives à notre destinée de peuple en voie de formation. Et sans vouloir rien préjuger, tout nous porte à condamner la parité que l'on cherche à établir entre nous et le peuple des Etats-Unis de l'Amérique du Nord; chez nous, un petit noyau colonial de race blanche s'est noyé par le croisement dans les races nègre et americaine; dans l'Amérique du Nord on a évité tout mélange de race.

La division du degré de culture des peuples noirs qui ont colonisé le Brésil est devenue ainsi une question capitale pour l'étude de notre nationalité dans ses bases et ses forces vives. Cela n'est d'aucune utilité aux Etats-Unis où on a toujours su ou pu conserver la race noire, dans sa totalité, à distance respectable.

Je suis médecin, j'ai à peine besoin de le dire, et n'ai pas d'autre ambition. Les excursions de la médecine dans le domaine de l'amélioration ou du perfectionnement des peuples ont inspiré ces pages

---

[1] Deixado incompleto. Com o material encontrado, Homero Pires recompoz e publicou *Os Africanos no Brasil,* Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1932.

consacrées au service — petit sans doute, car je ne saurai faire mieux, — de ma chère patrie. Bahia, Janvier, 1890. — *N. R.*

Embora asseverando ter conservado no seu trabalho a forma primitiva, nesta edição franceza Nina Rodrigues accrescentou novas observações e fez pequenas correcções no texto.

Reeditando agora o *Animismo fetichista,* seguimos de perto o trabalho da *Revista Brasileira,* aliás cheio de senões de revisão, impresso, como foi, longe das vistas do Autor. Procurámos obviar em parte estas difficuldades, cotejando a edição da *Revista Brasileira* com a edição franceza, no intuito de respeitar o mais fielmente possivel a forma e o pensamento do Autor. Além disso, intercalámos em destaque, no texto da presente edição, as notas e observações existentes na edição franceza, completando desta sorte, num só tomo, os dois trabalhos escriptos em epocas differentes.

A *Bibliotheca de Divulgação Scientifica* sente-se especialmente honrada em incluir, na sua collecção, este volume do grande mestre bahiano. Na realidade, foi este o primeiro estudo scientifico, realizado no Brasil, sobre o fetichismo negro, e sobre elle se fechou um largo periodo de silenciosa incomprehensão. Pode-se dizer que depois de Nina Rodrigues quasi nada mais se escreveu sobre a questão da raça negra no Brasil e especialmente dos seus sentimentos religiosos. Agora, que novamente surge em fóco a questão, onde especialistas na sociologia, na linguistica, na ethno-

graphia, na anthropologia, se reunem para discutir theses, erguer equações, armar emfim o problema negro sob prismas novos e dentro do clima da epoca, será justa esta reivindicação do nome do grande professor bahiano, o iniciador de taes estudos, no Brasil.

Muitas das suas idéas certamente não resistirão á critica scientifica dos nossos dias, e, no concernente ás religiões negras, já tecemos os commentarios que nos pareceram opportunos, no *O Negro Brasileiro*. Não voltaremos agora a essas criticas, a não ser em pequenas notas á margem, sem alteração no texto, neste ou naquelle ponto, apenas indispensaveis á bôa comprehensão do assumpto.

O animismo fetichista dos negros bahianos será reeditado integralmente, respeitada em rigor, a graphia do Autor. E verão os estudiosos como a parte documentaria, a que apenas teriamos de accrescentar hoje aquillo que pertence ao trabalho do syncretismo, permanece inatacavel, erguendo-se como o primeiro material basico, ponto de partida imprescindivel ao ethnographo de nossos dias, interessado no problema da raça negra no Brasil.

Resta-me agradecer ao meu prezado amigo prof. Afranio Peixoto e á Exma. Sra. Viuva Nina Rodrigues a opportunidade que me deram para essa homenagem publica que, á memoria do Mestre bahiano, rende o mais obscuro dos seus discipulos.

Rio, Março de 1935.

ARTHUR RAMOS

O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS

Só a sciencia official, na superficialidade e dogmatismo do ensino, poderia persistir em affirmar ainda hoje que a população bahiana é na sua totalidade uma população monotheista christan. Esta affirmação havia de implicar ou o desprezo systematico no calculo dos dois terços de negros africanos e seus mestiços que são a grande maioria da população, ou a ingenuidade da nesciencia vulgar que se submette cegamente ás exterioridades de uma apparencia que o exame mais superficial mostra illusoria e enganadora.

A previsão de que não devia ser assim decorre do conhecimento das condições mentaes que exige a adopção de cada crença religiosa, junto a incapacidade psychica das raças inferiores para as elevadas abstracções do monotheismo. Mas, no caso vertente invocar esta illação como prova seria incidir fatalmente em grosseira petição de principio, pois a affirmação em contrario pretende nada

menos do que ter aqui fóros de uma derrogação tacita e formal áquella conclusão inductiva dos estudos ethnographicos. E só a observação documentada, tão minuciosa e severa como pede a natureza delicada do assumpto, deverá falar, em ultima instancia, pró ou contra a procedencia e applicação do principio, pró ou contra a sua impugnação.

Por mais de uma vez, no exercicio do magisterio, as exigencias da analyse psychologica, em materia de phreniatria medico-legal me têm levado a experimentar as difficuldades que esta controversia crêa na pratica, onde sempre os factos se revelam em contradicta formal ás affirmações infundadas da sciencia official. E, empenhado assim em bem precisar a natureza e fórma do sentimento religioso dos negros bahianos, procurei estudar os factos com a maxima isenção e imparcialidade, consumindo tempo e esforço em uma observação que já vai proseguida attentamente para quasi cinco annos. O animo estrictamente scientifico em que tinham sido concebidas estas perquirições em busca de uma solução a serio problema de ethologia pratica, mal comporta a declaração prévia de que

nada tiveram ou têm de commum com as controversias em que se debatem "os metaphysicos da materia e os do espirito".

Nos dominios do cognoscivel, o sentimento religioso é um dado psychologico positivo, que em nada presuppõe as animosidades que se dispensam deistas e atheistas.

A persistencia do fetichismo africano como expressão do sentimento religioso dos negros bahianos e seus mestiços, é facto que as exterioridades do culto catholico apparentemente adoptado por elles, não conseguiram disfarçar nem nas associações hybridas que com esse culto largamente estabeleceu o fetichismo, nem ainda nas praticas genuinas da feitiçaria africana, que ao lado do culto christão por ahi vegeta exuberante e valida. A existencia na Bahia de crenças fetichistas tão profundas, de praticas tão regularmente constituidas como as da Africa; não occultas e disfarçadas, mas vivendo á plena luz do dia, de uma vida que tem arrhas de legalidade nas licenças policiaes para as grandes festas annuaes ou *candomblés;* que conta com a tolerancia da opinião publica manifestada na naturalidade

com que a imprensa diaria dá conta dessas reuniões como si se tratasse de qualquer facto da nossa vida normal; a existencia de praticas que estendem a sua acção a espheras muito mais amplas do que aquellas em que se geraram; de crenças que são adoptadas e seguidas pelas *soi-disant* classes civilizadas, mercê já das allianças contraidas com o culto catholico, já do consorcio firmado com as praticas espiritas; esta existencia, assim vivida e multiforme, é coisa que está no animo publico e no pleno conhecimento de todos.

Mas o rigor e a precisão de observações que pretendem cunho e valor scientificos não podem tolerar que se constituam de simples referencias informações em que na melhor hypothese, mesmo inconscientemente, ou muito se pode adulterar, ou muito se pode acrescentar de emprestimo. A materia não pede só authenticidade e precisão, requer ainda referencias positivas a factos individuados por fórma a se tornarem susceptiveis, em qualquer momento, de verificação e exame por parte dos interessados em contestal-os. Sem duvida, obstaculos e embaraços de toda a sorte se levantam em opposição a uma interpretação justa e recta de

factos desta natureza, aqui mais do que em toda a parte. "Mesmo consagrando a isso muito tempo e cuidados, diz Tylor,[1] não é sempre facil obter dos selvagens informações sobre a sua theologia. De ordinario, elles se esforçam para subtrair ao estrangeiro indiscreto e desdenhoso os detalhes do seu culto, todo o conhecimento dos seus deuses, que parecem, como seus adoradores, tremer perante o homem branco e ante o seu deus mais poderoso." Sobre não conhecermos a sua lingua, a escravidão devia exagerar no negro africano essa tendencia natural dos selvagens a occultar as suas crenças.

A convicção de que a conversão religiosa é uma simples questão de boa vontade, e de que nada seria mais facil do que cancellar as crenças do negro á força de castigos para substituil-as pelas crenças do branco, vinha talhada de molde a satisfazer os interesses do senhor, justificando como verdadeira acção meritoria todas as violencias empregadas para convertel-os á fé christan. Bem differente do ardor da cathechese eram, todavia,

[1] E. B. Tylor, *La civilisation primitive,* trad. de Mme. Pauline Brunet, Paris, 1876, vol. 1, pag. 489.

as causas que instigavam mais de perto as violencias dos senhores ou seus prepostos contra as praticas fetichistas do negro escravo.

O medo do feitiço como represalia pelos maus tratos e castigos que lhe eram inflingidos, em primeiro lugar; o temor supersticioso de praticas cabalisticas de caracter mysterioso e desconhecido; em segundo o receio, aliás bem fundado, de que as praticas e festas religiosas viessem obstar a regularidade do trabalho e justificassem a vadiagem; em terceiro a cohibição prepotente do poder do senhor que não admittia no negro outra vontade que não fosse a sua, taes foram os verdadeiros motivos por que, mesmo quando se concedeu licença aos negros para se divertirem ao som monotono do batuque, os *candomblés* eram, de continuo, dissolvidos pela violencia, os santuarios violados e os fetiches destruidos. Mesmo liberto, o negro não podia encontrar na lei protecção e amparo para a livre manifestação das suas crenças, durante o regimen da escravidão, porque a lei tinha então a missão de manter esse regimen. A pretexto de que os *candomblés* eram um motivo constante de conflictos e vias de facto, que se convertiam em

fóco de desenfreiada devassidão e licença, a policia prohibia severamente, e de vez em quando dava-lhe caça, os *candomblés* das cidades, que pela sua natureza e séde deviam estar mais a coberto do que os dos engenhos, da acção directa dos senhores de escravos.

De tudo isto resultou que, obrigados á vida inteira, a dissimular e a occultar a sua fé e as suas praticas religiosas, subsiste ainda hoje na memoria do negro e subsistirá por largo tempo a lembrança das perseguições de que foram victimas nas suas crenças, intimamente associada no seu espirito ao temor de confessal-as e dar explicações a respeito. Muito recente ainda, como é, a extincção da escravidão, os pontifices fetichistas são ainda pela maior parte velhos africanos que todos foram escravos. Como causa não menos poderosa da reserva e do mysterio dos negros concorre com estas o interesse dos feiticeiros no acrescimo de prestigio que lhes vem desse segredo. A fé dos crentes e a credulidade dos supersticiosos são rude e proveitosamente exploradas pelos feiticeiros: divulgar as suas praticas seria destituil-os

do prestigio do desconhecido com grave detrimento da influencia que exercem.

Com estas causas multiplas que entendem com a difficuldade de conhecer, collidem outras que se referem á difficuldade de interpretar o sentido e a fórma das praticas fetichistas, grandemente modificadas pelo meio. Transportadas ao sólo americano, sottopostas pela violencia da escravidão ao catholicismo, imposto e ensinado officialmente, diluido o elemento africano num grande meio social de composição heterogenea, forçosa e infallivelmente a pureza das praticas e rituaes africanos terá desaparecido, substituida por praticas e crenças mestiçadas. Inteiro e puro só devemos encontrar o sentimento que anima as suas crenças, tão fetichista quando dellas são objecto as pedras, as arvores, os buzios da Costa, como quando se dirigem aos muitos santos do catholicismo.

No exame e na analyse deste sentimento, tal como elle se revela e sobrevive nos negros que se incorporaram á população brazileira, tal como elle está actuando grandemente em todas as manifestações da nossa vida particular e publica, puzemos a mira deste estudo que pretende deduzir delles

leis e principios sociologicos, geralmente despercebidos ou ignorados. Para leval-o a cabo me auxiliaram com igual efficacia a lingua portugueza que hoje todos falam e a profissão medica que exerço. Duplamente me serviu esta, inspirando e estreitando a confiança mais intima do clinico, multiplicando as observações e creando opportunidade de examinal-as á vontade.

Menos do que buscar a phylogenese africana do nosso fetichismo negro e indagar até onde se mantiveram puras as praticas e crenças religiosas importadas, é aquelle o meu intento.

Mas a obrigação de demonstrar que o fetichismo africano domina na Bahia, que é aqui a expressão genuina do sentimento religioso do negro e da grande maioria dos seus mestiços, e que não é um simples accidente occasional desta ou daquella aggremiação esporadica de negros supersticiosos ou impostores, obriga-me, nas descripções que se seguem — premissas das conclusões terminaes —, a descer a detalhes e minudencias que em outras circumstancias bem poderiam ser omittidas em beneficio da clareza e concisão.

Capitulo I

THEOLOGIA[1] FETICHISTA DOS AFRICO-BAHIANOS

Não era licito esperar que os negros podessem ter na America grande uniformidade nas suas crenças religiosas. O trafico negreiro transportava indistinctamente para o Brazil filhos de grande numero de tribus ou nações africanas. E como todos esses grupos, nas fórmas variadissimas das suas idéas religiosas, iam desde o fetichismo mais estreito e grosseiro até os limites das generalizações polytheistas, segue-se naturalmente que assim multiplas e diversificadas deviam vir com elles as crenças dos seus maiores.

---

[1] Na edição da *Revista Brasileira*, Nina Rodrigues escreveu "*Zoologia fetichista dos africo-bahianos*" como titulo deste capitulo, que emendou para "*Théologie fétichiste des nègres de Bahia*", na edição franceza de 1900. (Nota de A. R.)

No emtanto, causas pouco estudadas, mas por vezes facilmente presumiveis, fizeram com que em certas regiões do novo mundo como que predominasse sobre todos uma modalidade fetichista especial. Assim nos Estados-Unidos e nas Antilhas com o culto das serpentes dos Dahomanos, assim na Bahia com a mythologia de Jorubá.[1]

A esta mythologia predominante adherem porventura praticas e crenças de outras nações africanas menos importantes, como no pantheon romano ou no dos incas [2] se abrigavam sob o mesmo tecto os deuses nacionaes e os das nações vencidas.

Este ou aquelle africano isolado, trabalhando de feiticeiro por conta propria, sem aspiração de proselytismo, existe certamente por ahi como representante esporadico de uma tribu que não lhe mandou nem companheiros para os infortunios da escravidão, nem ainda sectarios das crenças em que juntamente commungavam na patria primitiva.

---

1 Nina Rodrigues graphou em trabalhos posteriores: *Yoruba* (ed. franceza do *Anim.*) e *Yorubá* (*Os Africanos no Brasil*, ed. de Homero Pires). — (Nota de A. R.)

2 Na edição da *Revista Brasileira* em vez de *incas*, como na traducção franceza, vem escripto *turcos*, certamente por um lapso de revisão. — (Nota de A. R.)

Dentre as causas que mais devem ter contribuido para essa preferencia, sobresaem com certeza a predominancia em numero e a precedencia na acquisição de riquezas ou da liberdade, deste ou daquelle grupo africano especial. Assim, ou porque o numero de escravos importados de Jorubá para a Bahia fosse maior, ou porque os filhos desta nação mais cedo se libertassem e tivessem adquirido recursos pecuniarios, ou porque mais estreitas se tivessem mantido as relações commerciaes directas da antiga provincia com a cidade africana de Lagos, como ainda hoje existem, ou por todas estas causas reunidas, o que é exacto é que o fetichismo africano na Bahia tem por fórma principal a desta nação e é a servida pela sua lingua. [1]

---

[1] Ha aqui na Bahia diversos negros que aprenderam em Lagos a ler e a escrever a lingua Jorubá. Não me tendo chegado até agora a grammatica e o diccionario jorubano inglez, que de Lagos mandei buscar, a traducção e a orthographia das palavras jorubanas empregadas neste trabalho, vão como me foram ensinadas por um moço negro, de pais africanos, que por muitos annos residiu em Lagos. O accento tonico das palavras em rigor póde ser figurado com os accentos da lingua portugueza. Convém saber apenas para a pronuncia que o accento inferior ou cedilha do *S* dá-lhe o som de *ch* ou *x*. Assim, *Orisá, Sangô, Esú, Osumanrê, Oso-osi, Saponan*, etc., pronunciam-se *ourixá, xangô, êxú, ouxu-*

Uma vez organizado o culto, facilmente se comprehende que, de preferencia ao culto catholico de que nada ou pouco podiam comprehender, houvessem os negros de outras nações e precedencias adoptado como sua essa religião africana, que estava mais ào alcance da sua intelligencia rudimentar, e mais de accôrdo com o seu modo de sentir.

Lamento não ter podido consultar a obra do missionario Bowen sobre a religião de Jorubá, afim de verificar até onde as crenças, praticas e rituaes seguidos na Bahia se conformam com as daquella nação e por onde nessas crenças e ritos se revelam as idéas religiosas de outras tribus, quiçá mais atrazadas ainda, que aqui na Bahia a ellas se converteram.

Curtas como são as citações desse trabalho na obra de Tylor, de onde o conheço, apenas puderam me confirmar a informação de negros viajados em Africa, de que a concepção theologica

---

manrê, oxoce, xaponan. Nas obras francezas, a palavra *Sangô* vem escripta como se pronuncia: *Shango* em umas, *Chango* em outras. (Nota do A.) Em obras posteriores, como em [illegible] no *Brasil*, Nina Rodrigues escreveu *orichá*, *Changô*, etc. (Nota de A. R.)

que predomina na Bahia é a dos Jorubanos.[1] Affirmar dessa concepção que é fetichista é dizer pouco, porque o termo fetichismo, como qualificativo geral das crenças africanas, tem hoje uma accepção por demais comprehensiva que mal se presta a qualificar as nuanças existentes nas modalidades pouco descriminadas do animismo primitivo.

A distincção de A. Lefèvre[2] em anthropismo, animismo diffuso e animismo condensado me parece susceptivel de uma applicação mais precisa. Pode-se affirmar assim que o anthropismo, isto é, "a repercussão instinctiva da sensação que leva o homem a dotar os objectos ambientes duma vontade analoga á sua", si existe, como é provavel, nos negros bahianos, deve ser a excepção. Apenas como uma sobrevivencia encontrei-o talvez associado ás concepções de um fetichismo mais elevado. A fórma por excellencia do fetichismo do africo-bahiano é o animismo diffuso, isto é, "a attribui-

---

[1] Esse cotejo foi realizado posteriormente por Nina Rodrigues, através das obras do Coronel A. B. Ellis, onde viu confirmadas as suas observações sobre o culto yorubano entre os negros da Bahia. (Nota de A. R.)

[2] André Lefèvre, *La Religion*, Paris, 1892, pag. 99.

ção a cada ser e a cada coisa, de um *double,* fantasma, espirito, alma, independente do corpo onde faz sua residencia momentanea". Mas é ainda incontestavel que para os mais intelligentes, para esses mestiços do espirito sinão do corpo daqui ou já vindos de Africa, a religiosidade attinge ás raias do polytheismo.

Com fórma de culto organizado, acredito que só existem na Bahia a religião dos Jorubanos e Jebús, a que chamam vulgarmente religião dos negros de *santo* ou de *candomblé,* e a religião dos negros convertidos ao islamismo que se chamam entre si de *musulmis,* mas a quem os outros chamam, por menosprezo, parece, de *malês.*

Os *malês* ou *musulmis* bahianos que professam um islamismo mais ou menos impregnado de praticas fetichistas, constituem hoje uma pequena minoria dos Africanos do Estado e não têm conseguido transmittir as suas crenças aos creoulos seus descendentes. Um velho africano, pequeno negociante e sacerdote da sua confissão religiosa, me explicava que a religião dos negros de *santo* e mesmo a dos catholicos são muito mais faceis, divertidas e attraentes do que a dos *musulmis,* que

se impõem uma vida severa, adstricta á observancia de principios religiosos que não toleram festas e bebedeiras. Por isso, dizia-me elle, mesmo os filhos dos *malês* têm pouca tendencia a seguir as crenças dos seus maiores e uma vez emancipados abraçam facilmente ou a religião jorubana ou o catholicismo.

Os *malês* constituem uma sociedade africana inteiramente á parte, que se faz salientar pela reserva da sua vida intima, pela observancia mais ou menos fiel dos seus preceitos de fé, pela crença num deus superior e pela inadmissão de imagens ou idolos no seu culto. Passam, porém, por crentes fervorosos de talismans, *gri-gris,* etc., e por consummados feiticeiros. Talvez o seu modo de vida não contribua pouco para o temor que em geral as suas sociedades inspiram aos outros negros, que os têm por conhecedores de altos processos magicos e feiticeiros. Por acaso os objectos e apparelhos de precisão dos europeus não constituem em Africa outras tantas provas da superioridade dos feiticeiros brancos? Um negro creoulo, servente da Faculdade de Medicina, me declarou que, apezar de catholico convencido e de não crer

em santos africanos, nem em *candomblés*, respeitava muito as feitiçarias dos *malês*, de que sempre pedia a Deus que o livrasse.

O qualificativo *malê* lembra talvez o de *malinkés*[1] empregado pelos Mandingas que são tambem musulmanos. E o velho sacerdote *musulmi* me confirma que a maior parte dos *malês* bahianos são de Haussá. Esta nação africana foi outr'ora muito poderosa neste Estado e constituiu uma sociedade tão fortemente arregimentada sobre a base religiosa que poude por diversas vezes promover graves e extensas sedições de escravos. E' muito instructiva a este respeito a parte do chefe de policia de então, Dr. Francisco Gonçalves Martins, depois Visconde de S. Lourenço, ao presidente da provincia, sobre a ultima insurreição dos *malês* na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835. O seguinte extracto dessa peça official dá uma idéa precisa da organização religiosa dos *musulmis*. "...a insurreição estava tramada de muito tempo, com um segredo inviolavel e debaixo

---

[1] Observação corrigida e desenvolvida posteriormente por Nina Rodrigues. Vide o capitulo *O culto malê* do livro "*O Negro Brasileiro*", pag. 58. (Nota de A. R.)

de um plano superior ao que deviamos esperar de sua brutalidade e ignorancia. Em geral vão quasi todos sabendo ler e escrever em caracteres desconhecidos, que se assemelham ao arabe, usado entre os Ussás (Haussás), que figuram terem hoje combinado com os Nagôs. Esta nação (Haussás) em outro tempo foi a que se insurgiu nesta provincia por varias vezes, sendo depois substituida pelos Nagôs. Existem mestres que dão lições e tratavam de organizar a insurreição, na qual entravam muitos fôrros africanos e até ricos. Têm sido encontrados muitos livros, alguns dos quaes dizem ser preceitos religiosos tirados de misturas de seitas principalmente do Alcorão. O certo é que a religião tinha sua parte na sublevação e os chefes faziam persuadir aos miseraveis que certos papeis (evidentemente talismans, *gri-gris*) os livrariam da morte, d'onde vem encontrar-se nos corpos mortos grande porção dos ditos, e nas vestimentas ricas e exquisitas que figuram pertencer aos chefes e que foram achadas em algumas buscas."

Ainda hoje existem no Archivo Publico os documentos apprehendidos a que se referia o chefe de policia. Não é improvavel que estejam escriptos

em arabe, pois o velho sacerdote *musulmi* confessou-me que a religião foi propagada principalmente por negros sacerdotes musulmanos vindos da Africa ou por libertos que lá voltaram a passeio e dos quaes muitos tinham ido a Mecca em peregrinação religiosa. Referiram-me no Archivo Publico que negros *malês,* convidados para decifrar os documentos, declararam que a maior parte delles apenas dizem respeito a preceitos religiosos. E isso é mais que provavel porque se sabe que versetos do Corão, escriptos em pedacinhos de papel e trazidos em amuletos ao pescoço, constituem um *gri-gri* muito estimado entre os negros musulmanos. Um delles recusou-se, porém, a traduzir um dos documentos, allegando que o não poderia fazer sem prévia autorização do chefe da seita.

As medidas severas tomadas pelo governo, entre as quaes figura a deportação para a Africa de todos os *malês* libertos, a repressão, muitas vezes cruel e deshumana, das autoridades provinciaes, não só reduziram a um minimo insignificante o numero dos negros mahometanos, como tornaram ainda mais reservadas as suas praticas religiosas. Deixaram apenas, me dizia um velho *malê,* aquillo

em que ninguem póde tocar, a fé que está no coração.

Reservadas como são ainda hoje as suas praticas religiosas, não tenho conseguido verificar até onde está conservada a religião mahometana. O velho sacerdote *musulmi* se limitou 'a mostrar-me um volume do antigo testamento e a me indicar o Corão traduzido em portuguez e existente nas nossas livrarias, que, me affirmou elle, tem aqui grande extracção. Observam, disse-me elle, os preceitos ali indicados até onde o consentem as autoridades civis e ecclesiasticas, e as leis do paiz. No emtanto, apezar da condição de escravos, dos privilegios da antiga religião do Estado, das perseguições que se seguiram aos movimentos sediciosos dos Africanos, o islamismo, no dizer de diversos *malês,* conta grande numero de conversões, até mesmo de escravos de sacerdotes catholicos, que nem sempre davam o exemplo da cordura e de pureza de costumes, que delles se devia esperar.

Na Bahia, a religião dos Jorubanos é sem duvida muito mais importante, já pela generalização a quasi todos os africanos, já pela adhesão

dos negros creoulos e mestiços, já pela fórma ruidosa do seu culto externo. Bowen observa que a doutrina idolatra de Jorubá parece copiada da fórma e dos costumes do governo civil. Assim como só ha um rei na nação, só ha um Deus no universo, *Olorun* ou *Olorung;* e assim como para se aproximar do rei é indispensavel a intervenção dos cortezãos, assim tambem o homem para chegar a Deus deve recorrer á intervenção dos *Orisás,* ou divindades inferiores. E, si Deus não precisa de sacrificios, porque não precisa de nada, os *Orisás,* como os homens, de bom grado aceitam carneiros, pombos, etc.

Posto que eu tenha encontrado Africanos que não conhecem *Olorun,* posto que a maior parte dos creoulos não pareçam conhecel-o, em regra os africanos e uma boa parte dos creoulos bahianos sabem perfeitamente que *Olorun* é o deus do céu. Acredito que dos poucos Africanos que desconhecem *Olorun,* uns devem ser apenas Jorubanos ignorantes, outros serão negros de outras crenças fetichistas convertidos aqui á religião de Jorubá. Quanto aos creoulos o principal motivo porque em

geral desconhecem *Olorun* é a identificação de um dos *Orisás* com Christo.

Assim tambem é indispensavel estabelecer distincção no conceito que se fazem de *Olorun* aquelles que reconhecem sua existencia. Os *musulmis* o identificam com Allah. Os creoulos e em geral os negros educados no ensino catholico tendem a confundil-o com o Deus dos christãos.

Na rua ou largo da Baixa dos Sapateiros nesta cidade existe um açougue de um negro creoulo, onde se lê a seguinte inscripção Jorubá: *Ko si oba Kan afi Olorun,* que me foi assim traduzida á letra: *Não ha um rei como Deus,* ou *igual a Deus.* Mas como que para affirmar a influencia do islamismo e do christianismo no conceito que de *Olorun* se faz na Bahia a mesma inscripção está reproduzida em uma das paredes da sala do açougue, encimada por uma cruz e pelo titulo *O Alufá.* [1] O dono do açougue não é *malê,* ao contrario é influente em um dos mais importantes *terreiros* desta cidade.

Não sei até que ponto se terá verificado na

1 Alufá chamam os musulmis aos doutores da religião mahometana.

Africa si nesta concepção de *Olorun*, Deus creador, sem representação em idolo ou imagem, sem culto ou adoração, entra ou não uma influencia qualquer do islamismo, nas relações já antigas da Africa Occidental com os mahometanos. No emtanto, a verdadeira origem de *Olorun* deve ter sido a divinisação fetichista da abobada celeste, do céu. Como fazia Riis a respeito do *Nyankupam*, da nação Oji, se póde affirmar de *Olorun* que: "as idéas que se fazem (os negros) desse Deus como espirito supremo são obscuras e incertas; muitas vezes o confundem com a abobada celeste e com o mundo superior que fica além do alcance dos homens (Tylor)."

Tenho encontrado Africanos incapazes de fazer esta distincção e em todo o caso a idéa que todos têm de *Olorun* é sempre muito vaga e indistincta. Como em Jorubá, *Olorun* não tem na Bahia culto especial, nem imagem que o represente. E esta falta de representação material não deve influir pouco para que tanto o desconheçam mesmo os Africanos.

Abaixo de *Olorun* para os Jorubanos, independente de *Olorun* para muitos dos Africanos convertidos e em geral para os creoulos, existe uma

grande serie de deuses, os *Orisás,* pela maior parte talvez de constituição evhemerica, formando uma mythologia complexa em que se sentem ainda bem discriminados a litholatria, a phytolatria, o animismo primitivo em todas as suas manifestações emfim.

A traducção da palavra *Orisá* por *Santo* devia concorrer poderosamente para facilitar a fusão das crenças fetichistas do negro com o catholicismo que lhe ensinaram no Brazil.

La conception et la représentation matérielle des *Orisas* yorubans marquent une phase curieuse et importante de l'évolution religieuse, qui doit déjà avoir été appreciée comme elle le mérite par les ethnographes, mais qui, en tout cas, ne se trouve pas mentionné dans les ouvrages sur la matière que j'ai pu consulter.

La conception des *Orisas* est déjà franchement polythéiste; elle constitue une véritable mythologie, en même temps que sa représentation matérielle reste encore entièrement fétichiste. En général les *Orisas* ou sont des phénomènes météorologiques divinisés ou proviennent de créations evhémeriques. Pour le moment ils sont encore représentés par des objets inanimés comme l'eau, la pierre, les coquillages, le fer, le plomb, etc., ou par des arbres, des fruits, que la simple singularité des formes ou tout autre caractère accidentel désigne au choix, sans qu'une ressemblance quelconque avec un être humain préoccupe les nègres.

Il y a cependant dans le culte yoruban des figures et

des images que quelques observateurs et des voyageurs ont pris pour des idoles. J'ai cherché a me rendre compte de la signification de ces figures, et je puis affirmer qu'au moins dans la généralité des cas, elles ne sont pas destinées a représenter les *Orisás*. Ces figures ne sont autre chose que des ornements représentant des prêtres ou des croyants, mais où ne résident pas des *Orisás;* elles ne sont donc par conséquent ni des fétiches ni des idoles. Ce sont des manifestations de la sculpture très rudimentaire des nègres; elles font partie des ornements des *saints* et sont destinées a être portées dans les mains lorsque le prêtre ou l'initié danse *en état de saint.*

Il est certain que si un prêtre ou sorcier voulait appeler ou fixer le saint dans une de ces figures, il le pourrait, puisqu'il peut appeler ou fixer le saint dans n'importe quel objet ou dans une personne quelconque, mais dans ce cas la figure cesserait de jouer le rôle qui lui est attribué dans les pratiques religieuses et deviendrait un saint ou *Orisá,* et comme tel ne pourrait plus être retirée de l'autel particulier aux saints.

Ce fait montre indiscutablement le chemin que la transformation du fétichisme en idolâtrie a parcouru chez les nègres Yorubans. Il suffit que les sorciers viennent a fixer les saints de préférence dans ces figures, pour que la transformation soit achevée.

Entre os *Santos* ou *Orisás* tem a primasia *Obatalá,* tambem chamado *Orisa-lá* (deus grande, superior ou primeiro); divindade que exerce um papel salientissimo na religião dos negros desta cidade. Para os Jorubanos, *Obatalá* é

uma divindade hermaphrodita e representa a potencia reproductora da natureza. Entre nós, concebem-no como uma pessoa já muito velha, de pés quasi atrophiados de ter andado por todas as terras a presidir e distribuir a fecundidade. Figuram-no por meio de conchas ou *cauris* e terra ou limo verde, dentro da area circumscripta por um circulo de chumbo, no fundo de uma tigela de louça branca, de tampa. E' de crer que este conjuncto represente ou symbolize a riqueza nos *cauris* que é a moeda dos africanos, a fertilidade da terra no limo, e as applicações industriaes do metal no aro de chumbo. Esta divindade, assim materializada na sua representação torna-se mais accessivel á comprehensão dos negros e d'ahi a sua tendencia a supplantar *Olorun,* que aliás constitue uma concepção mais elevada e abstracta.

Obatala est invoqué sous divers noms. Ses dénominations les plus importantes sont celles d'*Orisa-Guinam* et de *Gunocô,* plus spécialement adoré par les africains de la nation Tapa.

Em ordem de importancia numa concepção mythologica, devemos mencionar em seguida o *Orisá Esú,* divindade adversa ou pouco propicia

aos homens. *Esú, Bará* ou *Elegbará,* é um santo ou *orisá* que os africo-bahianos têm grande tendencia a confundir com o diabo. Tenho ouvido mesmo de negros africanos que todos os santos podem se servir de *Esú* para mandar tentar ou perseguir a uma pessoa. Em uma altercação qualquer de negros em que quasi sempre levantam uma celeuma enorme pelo motivo mais futil, não é raro entre nós, ouvir-se gritar pelos mais prudentes: Fulano olha *Esú!* Precisamente como diriam velhas beatas: olha a tentação do demonio! No emtanto sou levado a crer que esta identificação é apenas o producto de uma influencia do ensino catholico. *Esú* é um *orisá* ou santo como os outros, tem a sua confraria especial e seus adoradores. No templo ou terreiro do Gantois, o primeiro dia da grande festa é consagrado a *Esú.*

O dualismo dos negros é, pois, ainda o dualismo rudimentar dos selvagens, e *Esú* não passa de uma divindade má ou pouco benevola com os homens. *Esú* tem como idolo ou fetiche um bôlo de argilla amassada com sangue de ave, azeite de dendê e infusão de plantas sagradas. Tem a pretenção de representar uma cabeça, cujos olhos e bocca são

figurados por tres buzios ou *cauris*, implantados na massa antes que ella se tenha solidificado. Sem o menor fundamento quanto a parecença, vi comparar um desses fetiches a uma caveira de cavallo.

De même qu'*Obatalá,* Esú est invoqué sous divers noms. Ses dénominations les plus importantes sont: *Esú-Bará* et *Esú-Ogun.* Sous la première, il est représenté par des tertres élevés par les termites, où les nègres découvrent des caractères spéciaux. Cependant dans les endroits où l'on ne trouve pas de tertres, il est représenté par un gâteau d'argile pétrie avec du sang d'oiseau, de l'huile de palme et une infusion de plantes sacrées, et il a la prétention de reproduire une tête dont les yeux et la bouche sont figurés par trois coquillages ou *cauris,* incrustés dans la pâte avant sa solidification. J'ai vu comparer un de ces fétiches à un crâne de cheval, bien qu'il n'y eut pas la moindre ressemblance.

Esú-Ogun, au contraire, est représenté par des fétiches spéciaux dans la confection desquels entre le fer et dont font partie les ornements reproduits par les fig. 2 et 3.[1] Ces deux figures représentent deux adorateurs africains; une femme qui apporte dans la calebasse qu'elle a en mains, les offrandes destinées au saint et un homme qui joue du chalumeau. Les grands atours ou ornements représentés par les fig. 4 et 5,[2] d'un poids de plus de 15 kilogrammes chacun et d'une longueur totale de plus d'un mètre, se prennent au fétiche et sont portés sur les

---

[1] Não foram encontradas no texto do livro. (Nota de A. R.)
[2] Não foram encontradas. (Nota de A. R.)

épaules par l'initié pendant la danse sacrée. Comme on le voit, on trouve lá de tout; des peignes, des petites gourdes, des cuilliers, des coquillages de différentes sortes, des nattes, des éventails, des figues, innombrables *gri-gris* du reste. Un fait bien significatif nous montre le rôle secondaire des figures d'*Esu*. Chez le père du *terreiro* à qui elles appartienent et qui nous les a confiées pour faire les photographies que nous reproduisons, elles étaint jetées sur une table, couvertes de poussière, tandis que dans une corbeille placée sur un banc s'etalait le fétiche — petit morceau de fer et de bois entièrement bordé de perles en verroterrie et d'une peau fine — bien soigné, entouré d'aliments et de pots d'eau divine, reposant sur les grands tas de gri-gris décrits plus haut.

Provavelmente pelas relações que guardava a principio com *Olorun*, o céu-deus, *Sangô*, o deus do trovão, salienta-se na religião jorubana como uma das figuras mythologicas mais proeminentes. *Sangô* seria tambem chamado *Dzakoutá*, isto é, o emissor das pedras de raio, que durante as tempestades elle arremessa sobre a terra.

A divinização do trovão é coisa tão frequente e natural em todas as mythologias, em mais de um paiz africano vêm-se referencias tão precisas a *Sangô*, deus do trovão, que não é das mais provaveis a origem evhemerica que missionarios protestantes attribuem a *Sangô*. Não obstante, um

moço creoulo que por longos annos residiu em Lagos, traduziu-me de um livro de ensino da lingua jorubá,[1] a historia do rei *Sangô,* tal como é ali narrada por um mestre-escola negro, já convertido ao protestantismo. *Sangô* teria sido o primeiro rei de Jorubá, de alta fama já na arte bellica, já na arte da grande magia. Taes progressos fizeram, porém, dois discipulos seus que, receioso de ser excedido, *Sangô* resolveu desfazer-se delles. Mas um dos seus discipulos percebeu os seus intentos e tendo vencido em artes magicas ao seu collega e ao proprio *Sangô,* intimou o rei a abandonar o throno no prazo de cinco dias, uma semana dos Jorubanos e Jebús. A conselho dos seus ministros, *Sangô* resolveu retirar-se para ver se ainda era possivel resistir. Mas traido e abandonado por todos, enforcou-se em caminho. O facto amotinou o povo e para justificar-se da traição commettida, os ministros fizeram-no passar por se ter convertido em um deus. Então para dar ao povo uma prova positiva desta allegação, os ministros prepararam as coisas de modo que

---

[1] *Iwe kika ekerin li éde Jorobá* (Quarto livro de leitura em lingua jorubana).

por algum tempo havia sempre coincidencia entre uma chuva qualquer e o incendio de uma casa em cuja proximidade haviam feito enterrar previamente uma pedra de raio. Para logo corriam os ministros a explicar que o incendio, como provava a pedra de raio, tinha sido ateiado pelo deus *Sangô* como castigo de se andar dizendo que elle se tinha enforcado e não se havia convertido em deus.

O meteorito ou pedra de raio, segundo parece, é tido na Africa por objecto sagrado e como tal venerado. Entre nós, porém, o meteorito não é sómente um objecto sagrado, mas o idolo-fetiche do proprio *Sangô* e como tal adorado.[1]

---

1 Les deux citacions suivantes nous donnent l'interpretation naturelle du culte des pierres de tonnerre, des haches en silex, si repandu chez nous.

"Il faut remarquer que les Sioux, au milieu de toutes les idées fantastiques à propos des oiseaux tonnerre, nous fournissent la clef du grand mythe relatif au tonnerre, mythe qui se reproduit dans tant de pays. Ils considèrent que l'éclair pénètre dans le sol et lance dans toutes les directions des pierres de tonnerre qui ne sont autre chose que des silex etc.; le raisonnement qui les a portés à adopter cette croyance est, en somme, très fondé, car ils ont remarqué que le silex et les pierres analogues produisent des étincelles quand on les frappe". (Tylor, v. II, p. 341).

"*Shango,* qu'on appelle aussi *Dzakuta,* le jeteur de pierres, car c'est lui qui, pour les Yorubas, les quels comme tant d'autres peuples ont oublié l'âge de la pierre, a jeté du ciel les haches en pierre, que l'on trouve dans le sol et que l'on conserve comme des objets sacrés". (Tylor, p. 343). (Nota existente na traducção franceza.)

No culto de *Sangô* ha ainda um tosco idolo de madeira esculpido em uma especie de baculo mais ou menos enfeitado.

Dans le culte de *Sango* il y a encore une figure nommée *Osê* de *Sango*. Comme on le voit dans la fig. 6,[1] il represente un prêtre revêtu des insignes de *Sango*, tenant dans chaque main un hache en silex ou fétiche. Selon les explications qui m'ont été données par un père de *terreiro*, le météorite que la figure porte à la tête, symbolise l'etat de possession où *Sango* s'empare de l'initié au moment où il penetre dans sa tête. Le fini manque parfois à la figure; le prêtre féticheste est alors sculpté dans un morceau de bois grossier auquel la hache en silex de la tête donne la forme d'une crosse.

Mas este idolo é tido apenas por um ornamento e ha mesmo templos ou *terreiros* em que não se encontra. Em todo o caso, a adoração é dirigida directamente ao meteorito. Neste ponto são categoricas as informações que colhi. O Santo ou *orisá* é a pedra de raio em que, como me explicava uma negra, o santo está encantado. *Sangô* é assim a manifestação mais clara da litholatria bahiana.

Não ha templo ou *terreiro*, não ha capella fetichista na Bahia, onde não se encontre este santo. De tamanho muito variavel, parece que os meteo-

1 Não existe esta figura no livro. (Nota de A. R.)

ritos maiores que eu vi, foram os do Gantois. Na casa de Livaldina, uma sacerdotisa ou mãi de terreiro, a pedra é um pouco menor que um punho e está collocada dentro de um prato de barro vidrado. Esta mãi de terreiro pediu-me que soprasse sobre o fetiche afim de não me succeder alguma desgraça. No *terreiro* do Garcia, Isabel tem diversos meteoritos ou *Sangôs* sobre a mesa de adivinhação. *Yansan* e *Osun* mulheres de *Sangô* tambem são divinizadas e adoradas sob a fórma de meteoritos.

Por *Oké*, mostrou-me Livaldina outra pedra da mesma natureza, que apenas se distinguia das precedentes por uma faixa branca devida a um veio mineral de côr differente.

Yansan, Osun, Osun-manrê, Yè-man-já sont, comme *Sango,* des divinités issues de phénomenes metéorologiques ou de l'eau, mais tous, de même que *Sango,* ont pour fétiches des *itás,* c'est-à-dire des pierres de provenances diverses.

Yansan, déesse ou *Orisa* des vents et des tempêtes, que pour ce motif on regarde comme la femme de *Sango* ou du tonnerre qu'elle accompagne toujours, est representée par une pierre, mais elle a dans son culte, comme le montre la fig. 7,[1] un image de femme dont la rame, qu'elle tient

[1] Não foi encontrada. (A. R.)

en main, semble indiquer qu'on la regarde comme une déesse des navigateurs.

Osùn, la déesse ou *Orisa* des sources et des lacs, regardée comme une autre femme de *Sango,* sans doute à cause des relations existentes entre les coups de tonnerre, les pluies et les sources, est représentée par une pierre fluviale ou lacustre spéciale. C'est exactement la nayade des grecs et des romains, qui animait toutes les sources et les ruisseaux. La fontaine S. Pierre, voisine de la maison où je demeure dans cette ville, est l'objet d'un culte fétichiste fervent, parce que c'est la demeure d'un *Osun.*

Osun-manrê ou l'arc-en-ciel, ainsi que l'indique son nom, est parent très proche d'*Osun.*

Mas a litholatria africana não se limita a estas manifestações. Ha ainda pelos campos pedras sagradas que de ordinario tiram a sua procedencia divina das dimensões ou da irregularidade de fórmas. Tenho noticia precisa da existencia de muitas pedras desta natureza, mas pessoalmente conheço uma das mais curiosas. Esta pedra conhecida sob o nome de *Pedra de Ogun,* e adorada como fetiche, fica a meio caminho entre os engenhos d'Agua e de Baixo, no municipio de S. Francisco. De fórma de parallelepipedo irregular e collocada na encosta de um valle, á margem da estrada, a pedra tem a face voltada para o sul, enterrada no sólo até quasi o meio, mas a face do norte, com

mais de dois metros de altura, está toda descoberta. A pedra tem mais de tres metros de comprimento e apresenta na face do norte uma excavação ou entalhe natural que se estende até á face superior. Sobre esta pedra encontram-se de continuo vestigios ou restos de sacrificios, sangue, pennas de aves, conchas marinhas, etc. A primeira vez que fui visital-a, fiquei surprehendido de encontrar sobre a pedra um bom punhal, dentro de uma bainha de couro com guarnição de metal, perfeitamente conservado. Os laivos de ferrugem que se começavam a formar indicavam bem que ali tinha sido deposto havia poucos dias ainda. A veneração supersticiosa de que é objecto a pedra tornava pouco provavel que tivesse ficado por esquecimento, pois ninguem se animaria a descansar ali o punhal. E, procurando a explicação do facto, pude apurar que se havia de tratar de um simples acto votivo. Alguns dias antes, em um engenho proximo, onde a mãi do terreiro é devotada a *Ogun* se tinha dado uma tentativa de homicidio, de que resultou um ferimento penetrante no thorax, feito a punhal. O estado do doente se tinha aggravado e a policia procurava ou fingia procurar

capturar o criminoso que se havia occultado. A principio suppuz que estava ali a explicação do facto, que o punhal da *Pedra de Ogun* era provavelmente o punhal homicida e que a sua exposição ali importava o pedido da interseção do fetiche. Mas a supposição só em parte era verdadeira. O punhal pertencia a um negro casado que tentara assassinar com elle a propria esposa e fôra ali collocado por ordem de *Ogun,* que naquelles dias se tinha manifestado á mãi do terreiro.

Tempo depois, no dia seguinte ao de uma iniciação, fui encontrar a *Pedra de Ogun* toda enfeitada de ramos e cercada de postes engrinaldados de murta, com restos de lanternas que se tinham acendido durante a noite anterior. Sobre a pedra, ao longo de toda a sua face superior, tinham despejado em fio um acaçá batido.

Diversos negros e outras pessoas me garantiram com accento de profunda convicção que a *Pedra de Ogun* tem sido vista por varias vezes sob a fórma de um homem vestido de vermelho e empunhando uma grande espada. No emtanto, um pai de terreiro a quem ouvi aqui a respeito da *Pedra de Ogun* me observou que nessa denominação vai

com certeza um engano manifesto, devido talvez ao pouco conhecimento que na localidade têm da mythologia jorubana. *Ogun*, deus da guerra, tem como attributo o ferro e não podia ter uma pedra. Qualquer objecto de ferro póde ser adorado como *Ogun*, comtanto que tenha sido consagrado pelo feiticeiro. Nos differentes terreiros tenho-os visto sob as fórmas mais variadas, mas sempre de ferro e tendo como ornatos e attributos objectos de ferro.

Parece, no emtanto, que *Ogun* é ainda o deus das lutas e vias de facto, pois um velho africano me dizia, naturalmente em sentido figurado, que *Ogun* é quem abre o caminho para *Esú*.

Saponan, Wari-warú, Afoman ou *Omonolú*, deus ou santo da variola, é um outro exemplo da divinização de entidades abstractas. *Saponan* só attende ou respeita a sua mãi *Iyabayin* (a vaccina?). O idolo fetiche de *Saponan* é uma especie de vassoura de piassaba, cuja base se enfeita de diversos modos, especialmente com buzios ou *cauris*.

Os *cauris*, a moeda africana, têm saliente papel nas crenças e no culto fetichista. Não servem só para adivinhações e sorte; é ornamento de grande estima e entra na confecção dos fetiches. Já vimos

Orisa-lá representado por conchas ou buzios dentro duma tigela de louça branca.

Dadá, tal como o vi no *Peji,* santuario de Isabel, é constituido por um tecido de buzios, revestindo completamente uma especie de funil que me pareceu constituido pela metade superior de uma cabeça cortada horizontalmente. Presas as conchas por uma das extremidades, a superficie do idolo fica toda eriçada de pequenas pontas, que são as extremidades livres dos buzios. De um e outro lado do gargallo da cabeça ou funil está embutido no tecido de buzios um pequeno fragmento de espelho ordinario. Perguntou-me Isabel si eu via bem a minha imagem no espelho e lhe respondendo affirmativamente, explicou-me que as pessoas que não conseguem ver a sua imagem no espelho estão prestes a morrer. Avalio os serviços relevantes que ha de ter prestado o idolo ás suas predições porque a inclinação dos espelhos é tal que, conforme a posição dada ao idolo, torna-se muito facil ou muito difficil a uma pessoa de pé, ver nelles a sua imagem. Da circumferencia inferior do funil ou cabeça pendem longas fitas, a modo de pernas.

Oso-osi é tido por um deus caçador e notavel

caminheiro. Representam-no por um arco a cuja parte média se prende por uma mola uma pequena flecha. Fica assim o deus symbolizado pela arma de que se servia.

Yê-man-já, ou a mãi d'agua, é uma creação mythologica que symboliza a hydrolatria primitiva. De uma pedra marinha ou fluvial preparam o fetiche, mas em geral a concepção de *Yê-man-já* confunde-se com o mytho da sereia de que se torna uma simples variante. No *Peji* de Isabel, que tem entre outros *Yê-man-já* como seu santo, a pedra fetiche se acha sobre a mesa, mas na parede, em tosco desenho, *Yê-man-já* está representado sob a fórma classica de uma mulher com cauda de peixe. Numerosas fontes e regatos têm reputação de lugares sagrados e são como taes de grande veneração. Outra divinização de phenomenos aquosos ou meteoricos é a do arco-iris, *Osumanrê, orisá* ou santo muito popular tambem.

Nos nègres donnent facilement le nom de mère des eaux même à des lacs insignifiants. Au Dique, petit lac souriant, encaissé au fond de la vallée où passe la route de Rio-Vermelho, les nègres de Bahia adorent Yê-man-já. Aux jours de fête, nègres et mulâtres, en procession bruyante, apportent dans de petites pirogues les offrandes de Yê-

man-já. Ils vont jusqu'au milieu du Dique où ils les jettent à l'eau.

A phytolatria africana na Bahia parece ter ainda uma accepção dupla. A arvore póde ser um verdadeiro fetiche animado ou ao contrario representar apenas a moradia ou o altar de um santo. A gamelleira (*figus religiosa?*), arvore abundante neste estado é o typo do planta-deus. Sob o nome de *Iróco* é ella objecto de um culto fervoroso.

Mais de uma mãi de terreiro me tem conjurado a não deixar nunca que seja abatida uma gamelleira em terreno que me pertença, pois esse sacrilegio tem sido occasião de grandes infortunios para muita gente. Na estrada que vai do engenho de Baixo ao Engenho Guahyba, propriedades da familia dos barões de S. Francisco, existe uma vetusta gamelleira que é o *Iróco* da população local e objecto de vivaz adoração fetichista. O viandante que por ali passa descobre-se respeitoso e faz signal de beijal-a de longe. Ninguem ousaria tocar-lhe. Contam em fórma de lenda que em épocas idas um senhor de engenho daquellas mediações ordenara a escravo seu que fosse derribar a arvore. Replicou-lhe o escravo, humilde mas

resoluto, que preferia o castigo de duzentos açoites de que estava ameaçado, a tocar siquer no *Iróco.* E outro escravo, de mais coragem, que se animara a praticar aquelle sacrilegio caiu fulminado ao primeiro golpe de machado, correndo da incisão feita no tronco, sangue vivo em vez de latex. Sempre é verdade que tendo o actual proprietario do engenho ordenado, por experiencia, que a arvore fosse abatida, ninguem se quiz prestar a esse trabalho, allegando que o engenho desabaria desde que se consummasse o sacrilegio.

Em torno do tronco do soberbo vegetal, encontrei vestigios de sacrificios, conchas marinhas, quartinhas de barro com agua, etc. Ramos e galhos seccos, que ninguem se atreve a retirar para lenha, juncam em profusão a area que sombrêa magestosa coma. E a lenha não é ali de facil obtenção.

Nos arbustos que cercam o tronco muita gente tem visto alta noite bruxolear fraca luz que se extingue pela madrugada. E um mulato, que não tem santo e pretende ser bom christão, me confessa sem embargo que já um dia havia sido obrigado a retroceder de um caminho, por lhe ter tomado a frente, proximo de um *Iróco,* grande cão negro,

de olhos vermelhos coruscantes. Aqui claramente a arvore animada é o proprio deus ou santo. E ainda agora um negro que voltou da Africa me confirma que lá foi testemunha desta emissão de sangue de um *Iróco.*

C'est de la même manière que nous devons interpreter l'*Orisa Ifá,* représenté par le fruit spécial d'un palmier (dendezeiro) qui par phénomène renferme parfois quatre noix au lieu de trois, chiffre ordinaire. *Ifá* est le dieu des divinations par excellence, et sans vouloir créer ou forcer des analogies, cette maniere de le représenter par un végétal a peut-être sa source dans la nature de l'instrument spécial dont se servent les sorciers à *Ifá* pour faire leurs prédications ou augures. Cet instrument, comme l'indique la fig. 8[1] se compose d'une chaine métallique, où l'on intercale de distance en distance la moitié d'une noix de mangue. Le sorcier jette son instrument d'une certaine façon et tire ses déductions de la position que prennent en tombant les moitiés des noix de mangue.

Mas, de ordinario, as arvores são antes altares ou residencias temporarias dos deuses. No Gantois, á direita do barracão, existem muitas arvores sagradas. Em uma area cercada de palmas de coqueiro, em dois planos distinctos, porque desse lado o terreno cai em brusca ladeira, encontram-se cinco

[1] Não existe esta figura no livro. (A. R.)

arvores sagradas, duas no primeiro plano e tres no segundo. O *ougan* que ali me conduziu, mostrou-me o lugar onde se tinha feito o sacrificio de carneiro a *Oso-osi*, e bem assim ali estavam as quartinhas de agua de santo, meio enterradas no sólo. Durante a festa, de dias em dias, substitue-se a agua e a comida. No ultimo *candomblé* que ali houve tinha sido feito um sacrificio de aves a *Saponan*, junto de uma imbaubeira, proximo ao barracão. Pennas de gallinhas, azeite de dendê cobriam o tronco até certa altura, ao pé havia quartinhas de agua e pratos de comidas.

Estas arvores com certeza não são consideradas deuses. Quando eu indagava si, durante o tempo que o *terreiro* não funcciona e fica quasi abandonado, não ha perigo de que ali entre alguem e derribe uma das arvores sagradas, elles explicavam-me que estando o santo presente não ha receio de que possa quem quer que seja ter a idéa de abatel-as, e só se poderia fazel-o si o santo livremente o consentisse e para isso se retirasse da arvore.

Em um *terreiro* do interior do estado em que eu estranhava não encontrar vestigios do culto pres-

tado aos vegetaes, disseram-me que esse culto tinha cessado porque havia fallecido no anno anterior o velho africano que sabia chamar os santos nas arvores e nunca tinha querido fazer discipulos.

Estes factos demonstram que bem podia ter razão Darwin e Lubbock, quando o primeiro, a proposito da arvore sagrada do *Wallitchu*, observava que era mais provavel que os Patagões vissem nella um altar do que o proprio deus como pensam os gauchos. Rialle pensa com Lubbock que os gauchos devem ter mais razão do que Darwin, visto que a distincção deve ser muito delicada para um Patagão. E' bem possivel todavia que a arvore seja a um tempo uma e outra coisa.

No emtanto, em regra geral não se póde dizer que os africo-bahianos confundam os seus santos, quasi idolos e algumas vezes verdadeiros idolos, com o feitiço, *gri-gri* ou *jujú*. Já o presidente de Brosses estabelecia implicitamente esta distincção entre os povos fetichistas quando dizia que se devia estender o qualificativo de fetichistas "ainda aquelles povos para os quaes os objectos desta especie (*gri-gri*) são menos deuses propriamente

ditos do que coisas dotadas de uma virtude divina, oraculos, amuletos, e talismans preservativos".

No animismo diffuso dos nossos negros, em manifesta transição para o animismo condensado, os seus santos ou *orisás* menos se aproximam do *gri-gri* do que do idolo, pois, como observa Tylor, considerado do ponto de vista da incarnação dos espiritos, o idolo deve reunir em si os caracteres de um retrato e de um fetiche.

A concepção theologica dos africo-bahianos corresponde rigorosamente á doutrina da idolatria da Africa Occidental, tal como a formulou Waitz. "O deus mesmo é invisivel; mas o negro, arrastado pelos seus sentimentos devotos e sobretudo pela sua imaginação viva, quer ter um objecto visivel que elle possa adorar. Deseja poder contemplar o deus que elle adora e por isso busca realizar em madeira ou em argilla a idéa que se faz delle. Ora, si o sacerdote que o deus inspira e de que se apodera muitas vezes, consagra esta imagem a esse deus, segue-se quasi naturalmente que o deus póde ir residir na imagem em virtude da consagração especial que lhe foi feita e deste modo o culto das imagens torna-se bastante com-

prehensivel. Denham percebeu que elle excitava profundas desconfianças e se expunha a certos perigos quando tirava o retrato de um homem. O negro receia, com effeito, que, em virtude de certas artes magicas uma parte da alma do homem vivo seja absorvida pelo retrato. Os idolos não são, como pensa Bosman, imagens dos deuses, mas simplesmente objectos em que o Deus gosta de vir habitar e que ao mesmo tempo o mostram aos seus adoradores debaixo de uma fórma material. Aliás nada obriga o Deus a morar constantemente no idolo; entra e sai delle, ou antes acha-se ahi sempre presente mas com maior ou menor intensidade".

Tal é precisamente a idéa que os nossos negros fazem dos santos da Costa. A pedra, o ferro, os buzios, etc., só se tornam santos por força de intervenção do sacerdote.

Um Africano a quem eu perguntava si *Ogun* não era um simples objecto de ferro, replica-me: sim, um simples pedaço daquelle trilho de bond, que ali está, é ou póde ser *Ogun,* mas sómente depois que o pai do *terreiro* o tiver preparado.

Assim, a sua crença inabalavel nos processos de encantação ou magia, o prestigio extraordinario

do feitiço *coisa-feita* ou *gri-gri*, todas essas manifestações de um animismo inferior, não excluem, ao contrario coexistem com a adopção de uma mythologia já bem complexa.

Que o seu *Olorun* como todos os deuses que representam o céu, seja pura e simplesmente um fetiche, que elle se confunda com a abobada celeste e se explique a sua superioridade sobre os outros fetiches, apenas pelas dimensões e extensão do firmamento; ainda assim esta concepção mais elevada não deve ser confundida com o fetichismo inferior. Referindo-se ao culto do céu e da terra, Rialle[1] se pronuncia por esta fórma: "As manifestações religiosas que vamos estudar, bem que pertencendo ainda ao fetichismo, nos aproximam muito sensivelmente do polytheismo, e servem, por assim dizer, de transição intellectual da humanidade. E' preciso um desenvolvimento mental assaz consideravel para conceber o conjunto da abobada celeste e para se fazer uma idéa da qualquer massa solida sobre que nos agitamos."

---

[1] Girard de Rialle, *La mythologie comparée*, tome I, Paris, 1878, p. 162.

Capitulo II

LITURGIA FETICHISTA DOS AFRICO-BAHIANOS

O culto fetichista jorubano dos negros e mestiços tem na Bahia uma fórma exterior complexa, brilhante e ruidosa. Possuem nas cidades, situados nos arrabaldes, templos especiaes (terreiros) para as grandes festas annuaes, e pequenos oratorios ou capellas, nas casas particulares, para as festas ordinarias e as orações de durante o anno. Na capital existe um numero crescido de *terreiros* que, num minimo exagerado, calcúlo de quinze a vinte entre grandes e pequenos. Não consegui obter informação sobre o numero exacto de *terreiros* existentes nos arrabaldes desta cidade.

A algumas pessoas ouvi que se elevava a quarenta ou cincoenta, calculo que me parece excessivo, embora só na estrada do Rio Vermelho saiba

eu da existencia de seis principaes. Estão entre estes tres dos mais afamados, o do Gantois, o do Engenho Velho e o do Garcia. E' quasi impossivel calcular o numero dos oratorios particulares. Na opinião, que não creio exagerada, dos chefes a quem consultei, esse numero deve elevar-se a milhares. No interior do Estado, quer nas cidades e villas, quer nos engenhos e outros estabelecimentos ruraes, o numero dos *terreiros* e oratorios é avultadissimo. Citam-me como notaveis pelo numero e pela importancia dos *candomblés* as cidades de Cachoeira e Santo Amaro, centros principaes que foram da grande lavoura escrava.

No municipio de S. Francisco tive occasião de observar pessoalmente. Não ha ali um só engenho dos muitos que se agglomeram no municipio, que não tenha o seu pequeno *terreiro*. As mais das vezes, ali se confundem elles com os oratorios particulares, e só nas residencias das mãis ou pais de terreiro, estes existem com maior desenvolvimento.

Todavia, na capital, nem sempre o terreiro é a residencia do padre fetichista, que neste caso tem o domicilio dentro da cidade. O *terreiro* é então um sitio, chacara ou roça, alugada ou arrendada para

a grande festa que se faz uma vez no anno. No Gantois, por exemplo, no intervallo das festas, o terreiro é apenas guardado por alguem que lá se deixa morando. Este terreiro do Gantois póde servir de modelo para uma idéa exacta do que é um templo fetichista na Bahia, assim como em que consiste o *candomblé*, a grande festa annual. Tira elle o nome francez do antigo proprietario da chacara em que funcciona, e fica a quasi meio caminho do arrabalde do Rio Vermelho. Situado no alto de uma collina muito a prumo, o accesso a partir da linha de bonds que passa no valle, se faz por uma vereda sinuosa e ingreme, protegida em certa altura de degraus talhados no sólo.

A procura de lugares ermos e de accesso difficil não parece obra de mero acaso. Tive occasião de visitar com amigos um *candomblé* no alto de um outeiro e em um recanto onde foi impraticavel o accesso a cavallo, e ainda difficil com botas de montaria como estavamos. Em baixo, no valle onde ficava o engenho, chegava mal e abafado o som do *batucagé*, mas quando saimos á meia noite com esplendido luar e galgamos os outeiros vizinhos, forte e vibrante nos chegava o som que por longo

tempo ouviamos ainda como si vizinho fosse. O sitio ermo e recondito, as horas mortas da noite, a monotonia grave e triste da musica rude e da melopéa africana, o caracter estravagante e estranho das dansas religiosas, tudo concorria ali para dar ao conjunto um cunho de poesia selvagem e mysteriosa que devia falar profundamente ao espirito acanhado e inculto de uma raça superstiCiosa em extremo.

No Gantois, o terreiro funcciona num barracão, coberto de telha, e de paredes de taipa, que fica no centro de uma clareira ou roçado, sombreado de algumas arvores frondosas. Toda a metade anterior da casa constitue uma grande sala de dansa, sem outro soalho que não seja o sólo nú e batido; toda a parte posterior, dividida ao meio por um corredor, se subdivide em pequenos aposentos ou quartinhos em que os habitos do negro para logo se revelam. E' um especimen o quarto particular onde trabalha a filha da mãi de terreiro e onde tenho estado por diversas vezes. Sem ordem, ali se encontram na mais indescriptivel promiscuidade, taboleiros de cereaes, frutas e ervas, garrafas e tigelas de azeite de dendê, pratos com mo-

quécas, e outros preparados africanos, pimentas, condimentos, etc. De encontro a uma das paredes está um armario tosco de madeira onde se guarda roupa e ás vezes comestiveis Do lado opposto uma mesa velha e mal aceiada, tendo em cima garrafas de vinho, de azeite de dendê, copos, calices, pratos com comida, etc. Junto desta mesa, sentada em uma cadeira, na ultima festa, a rapariga bordava uma tira de pellica vermelha com pequenos buzios brancos da Costa. O girau que constitue o fôrro do aposento, serve ao mesmo tempo de despensa. O ultimo dos quartinhos, á esquerda, é o santuario, o *Peji*, o *Jará-Orisá,*[1] a igreja propriamente dita. E' a casa-fetiche dos viajantes europeus. Para se ir ter a elle, segue-se um outro corredor transversal mais estreito, dividido parcialmente por duas meias paredes oppostas, em fórma de tabiques collocados um em seguida ao outro e de cada lado do corredor, de sorte a constituir um verdadeiro zigue-zague. Esta disposição tem por fim obstar que de fóra se possa acompanhar com a vista a pessoa que entra, ao mesmo tempo que fica assim

---

1 Aposento, ou quarto de santo (*orisá*).

disfarçada a unica porta de entrada do santuario. E' este um quarto escuro e sem janellas. De dia, reina ali uma claridade duvidosa que parece provir de alguma telha de vidro, encoberta pelo fôrro de panno branco, pouco espesso e ordinario, que serve de docel a todo o quarto. De noite illumina-o fraca luz de uma lamparina de kerozene e por vezes algumas velas. Por occasião de *candomblés* como sempre o tenho visto, a parede do fundo fica occupada por um grande leito de vinhatico de casal, sobre o qual existe grande quantidade de vestes. As outras tres paredes ficam cobertas de adornos e vestimentas de santos, de cores e fórmas variadissimas, desde a seda e o velludo custoso mais ou menos usado, até a chita barata. Faixas bordadas de buzios, voltas collossaes de contas e missangas, enfeites diversos se encontram por ali, presos e suspensos á menor saliencia das paredes, ás guarnições do leito, a pregos fincados nos umbraes da porta e um pouco por toda a parte. São os paramentos sacerdotaes, é o guarda-roupa dos santos. Quasi ao rez do chão, de encontro á parede fronteira ao leito, está o altar, degraus, pequena parede ou muro, de uns trinta centimetros de alto, mais

ou menos largo, sobre o qual estão collocados os fetiches ou idolos. No chão em frente a elles, enchendo quasi todo o quarto, se acham as offerendas, consistindo substancialmente em alimento e agua. Panellas, pratos de louça ou de barro, tigelas, bacias, vasos de todos os formatos, para a comida; potes e sobretudo quartinhas para agua.

Todos os *Pejis* ou santuarios fetichistas que tenho visto, pouco ou nada differem deste, a não ser nas proporções e na riqueza. Em casa de Livaldina, outra mãe de terreiro, o *Peji* é o seu quarto de dormir, pois, — me explicou, — já está muito velha e não tem marido ou amante. A vida conjugal seria inadmissivel naquelle recinto. Na parte anterior do aposento, está o leito de Livaldina. A parte posterior, subdividida por uma meia parede, tem á esquerda o guarda-roupa que nos dias ordinarios está guardada em malas ou bahús, mas esta secção tem ainda honras de despensa. A' direita está o oratorio, no fundo e em baixo o altar com os fetiches, em cima, á guisa de docel, um pedaço quadrado de panno branco, suspenso por cordeis atados aos quatro angulos. No alto da entrada desta divisão, está pendurado em uma

corda que vem do tecto, o instrumento de *Ogun*, pequeno tambor, todo bordado e enfeitado. No *Peji* de Thecla, que vive amasiada, não ha cama. E' ainda um quarto sem janellas, com o altar, as caixas e malas da guarda-roupa. No de Garcia, ha, além do altar, dos cabides para collocar as vestimentas nos dias de festas, dos potes, quartinhas, etc., a mesa de adivinhação onde a mãe do terreiro lança os dados. Sobre esta mesa está um pequeno nicho com duas imagens de S. Cosme e S. Damião, e em torno muitos fetiches. Na gaveta da mesa existe um sem numero de fetiches, preparados ou curados pela mãe de terreiro.

Armados para a festa, todos estes *jará-orisás* representam o typo descripto no do Gantois. No emtanto, estes são verdadeiros templos, onde além dos santos do feiticeiro ou sacerdote se encontram os santos de outras dignidades do culto fetichista. Si, porém, assim o preferem, os donos dos santos ou fetiches podem tel-os em oratorios particulares em suas casas. Qualquer prateleira, banco ou pequeno altar, no canto da sala, ou por via de regra, do aposento mais recondito, serve perfeitamente. Mas o terreiro do Gantois não conta

sómente o barracão em que está o santuario. Por traz e ao lado delle, outras casinhas e dependencias se têm construido. Logo em seguida está um recinto ou pateo coberto onde á noite se guardam os animaes dos sacrificios, que durante o dia ficam presos ás arvores da clareira. Deste se passa para um outro pateo onde se abrem e preparam os animaes sacrificados. Junto está ainda a cosinha. Do lado direito ficam pequenas construcções ligeiras que se destinam a santos que não devem ou não podem permanecer no santuario commum, e á residencia temporaria deste ou daquelle dignatario. Proximo estão finalmente diversas arvores sagradas em torno de cujos troncos veem-se os restos dos sacrificios.

A palavra *terreiro* tem evidentemente duas significações distinctas: nomêa o sitio, lugar ou casa onde reside o chefe e se celebram as festas religiosas, e qualifica a jurisdicção de um pontifice fetichista que della toma o titulo de *pai* ou *mãi do terreiro*.

Em certos pontos da Africa, no Gabon particularmente, cabe-lhe ainda o nome de *ougans* (*ougangas, ouagangas, nigangas,* encontro eu em

obras francezas). Na Bahia o termo tem, porém, significação propria.[1] O *ougan* ou os *ougans*, porque cada confraria de um santo póde ter o seu *ougan*, são os responsaveis e protectores do *candomblé*. A perseguição de que eram alvo os *candomblés* e a má fama em que são tidos os feiticeiros, tornavam uma necessidade a procura de protectores fortes e poderosos que garantissem a tolerancia da policia. A estes protectores que podem ser iniciados ou não, mas que ou acreditam na feitiçaria, ou têm um interesse qualquer nos *candomblés*, dão elles em recompensa o titulo e as honras de *ougans*.

Os *ougans* têm obrigações limitadas e direitos muito amplos. Além da protecção dispensada devem fazer ao seu santo presentes de animaes para as festas e sacrificios. Têm direitos a cumprimentos especiaes dos filhos de santo, a serem ouvidos nas deliberações do terreiro, a sairem todos os santos e o terreiro em seu favor, no caso que

---

[1] Jules Ribeiro dans son roman *A Carne* (*la chair*), attribue aux nègres de Saint Paul la connaissance du mot *mganga*. Mais, je crois bien que Ribeiro n'a pas entendu ce mot prononcé par des nègres et qu'il ne l'a appris que par les récits de voyageurs européens. (Nota do A. na traducção franceza.) O termo *m'ganga* (*senhor*) é de origem bantu, podendo ter passado aos negros sudanezes da Bahia por influencia dos *Angolas*. (Nota de A. R.)

estejam ameaçados de alguma offensa ou desgraça, etc.

Seria um erro acreditar que o cargo de *ougan* seja espinhoso e pouco ambicionado. O poder dos pais de terreiro sobre os crentes é quasi illimitado, e já em serviços domesticos ou de qualquer ordem, já na satisfação de desejos licenciosos, os *ougans* se recompensam de sobra da protecção que dispensam aos feiticeiros. Em todo o caso, esta protecção é real e effectiva. As prohibições policiaes mais terminantes e rigorosas desfazem-se por encanto diante dos recursos e empenhos que os *ougans* põem em acção. A mola é sempre o interesse eleitoral, que neste paiz faz de tudo catavento e nas grandes influencias politicas vão elles buscar os seus melhores protectores. Sei de um senador e chefe politico local que se tem constituido protector-chefe dos *ougans* e pais de terreiro. E accrescente-se aos interesses materiaes e directos, a crença superstiçiosa nas praticas fetichistas por parte de pessoas influentes, e poder-se-á fazer uma idéa do grau de protecção indirecta de que hoje podem dispôr os feiticeiros.

O *pai* ou *mãi de terreiro* é a um tempo pontifice

e feiticeiro, funcções pouco distinctas e correlatas. Como sacerdote, preside e dirige as festas do culto exterior, e organiza uma especie de confraria ou collegio particular de iniciados. Nas suas funcções sacerdotaes, tem auxiliares e subalternos. Quasi sempre trabalham juntos pai e mãi de terreiro, mas não podem ainda prescindir de outras dignidades. Assim, entre outras, o regente da orchestra, cuja alta funcção sacerdotal é invocar ou *chamar* o santo nas dansas; um outro dignatario que invoca ou *chama* o santo nas arvores, e finalmente o mestre dos sacrificios que sabe escolher, matar e preparar os animaes destinados ao sacrificio.

A escolha para estes differentes cargos é feita á sorte ou por meio de buzios, ou então por declaração oral de algum santo manifestado. Para a investidura no grau supremo de pontifice ou feiticeiro a designação da sorte é muitas vezes illudida pela usurpação, ou a avocação expontanea dessa qualidade por parte de algum individuo um pouco instruido das praticas fetichistas. Não parece que a transmissão hereditaria destas funcções seja do rigor. Assim me garantem, e a propria rapariga me declarou, que a filha de Julia, mãi do terreiro

do Gantois, não será a successora de sua mãe. No emtanto, apezar desta informação, noto que quasi todos os pais e mãis de terreiro que conheço, com poucas excepções, são filhos de Africanos que tinham sido tambem feiticeiros ou pais de terreiro. Mas, em todo o caso, todas estas dignidades sacerdotaes do culto fetichista saem da ordem ou confraria dos filhos de santo.

São denominados filhos de santo as pessoas que, preparadas por iniciação especial, são votadas ao culto de um ou mais santos fetichistas. Cada confraria ou collegio se distingue por preceitos especiaes relativos á alimentação, ás vestimentas, aos deveres religiosos peculiares ao culto deste ou daquelle santo ou *orisá.* A prohibição de alimentar-se de carne de certos animaes sempre ou em dias marcados da semana, é uma praxe muito seguida e que lembra o *tabou* de certas raças inferiores. As vestes variam tambem de santo a santo. *Oubatalá* requer vestimenta toda branca, com grossas voltas de contas brancas, côr de leite, em torno do pescoço e dos pulsos, a modo de braceletes ou pulseiras. *Sangô,* vestimenta branca e vermelha e voltas de contas brancas e vermelhas

alternadas. *Yê-man-já,* contas brancas translucidas. *Osun,* vestes brancas, e contas amarellas. *Ogún,* pulseiras de aro de ferro, ou de finas cadeias do mesmo metal. *Saponan,* voltas e pulseiras de pequenas rodellas pretas de coquilho ou de uma materia prima similhante ao couro. *Dádá,* contas azues. E assim por diante, para os outros santos ou *orisás.* Este vestuario é tão constante que facilmente se distinguem por elle os iniciados de cada confraria. O conhecimento da significação das vestimentas de santo me foi de grande auxilio nas minhas observações. Mas o ritual não exige que o iniciado traga sempre os seus distinctivos de confraria. O porte apenas é de rigor nos dias da semana consagrados aos diversos santos. O mais importante destes dias é a sexta-feira, consagrada a *Oubatalá.* No dia do santo o iniciado lava as quartinhas, renova a agua sagrada e póde mesmo fazer offertas de maior significação.

A iniciação nas confrarias demanda um processo muito complicado e sempre longo. Relativamente anodyno entre nós, parece que na Africa se impõem provas e rigores por demais severos. Aqui na Bahia, toda a pessoa que deseja ter santo ou

que encontra um objecto que suppõe ser fetiche, vai consultar o pai do terreiro que, por meio de buzios ou de dados, lhe diz qual o santo é, e ao mesmo tempo lhe designa o pai ou mãi do terreiro que tem de preparar o fetiche e dirigir a iniciação. Outras vezes, o proprio aspirante em estado de possessão de santo, ou ainda terceiros nesse estado, fazem as declarações que são tomadas pelo feiticeiro. A feitura do santo comprehende duas operações distinctas, mas que se completam, a preparação do fetiche e a iniciação ou consagração do seu possuidor. A preparação ou lavagem do fetiche é coisa bem complicada em que o *pai de terreiro* põe toda a sua sciencia, toda a sua pericia. Para o santo *Sangô,* disse-me a mãi de terreiro do Garcia, que é preciso collocar a pedra do raio, que ha de ser o fetiche, em um banho de azeite de cheiro dentro de um vaso de barro vidrado, e é d'ali que elle sai para ser levado pelo feiticeiro, em infusão de plantas sagradas, e sob a invocação magica de orações especiaes, acompanhadas de gestos cabalisticos. Para *Yê-man-já,* a pedra é deitada em mel de abelhas, ou em um acaçá batido, em que, me garantia elle, se formam, no fim de algum tempo,

lindas estrias vermelhas e verdes muito curiosas. Assim para os outros santos, sempre segundo um ritual especial. Conhecido o santo e designado o pai ou mãi do terreiro que o tem de fazer, o iniciado prepara o seu enxoval, ou antes o guarda-roupa do santo e reserva as suas economias para a grande festa da iniciação. São todos accordes em affirmar que as despezas da iniciação são sempre muito avultadas, e que feituras de santo têm havido entre nós, principalmente aqui na capital, em que essas despezas subiram a conto de réis. Conheço, de facto, negros, creoulos e africanos, que ficaram velhos e não conseguiram obter os meios para a iniciação do seu santo, conhecido desde a mocidade delles. A descripção exacta de uma iniciação a que assisti ha pouco tempo, servirá de exemplo destas praticas fetichistas na Bahia.

Olympia, a inicianda, havia encontrado uma pequena pedra de fórma estranha, um pouco alongada, e, tendo uma das extremidades dois pontos lateraes a modo de olhos. Acreditando que podia ser um fetiche, foi consultar Livaldina que lhe disse ser *Osun* e que a mãe de terreiro Thecla seria a sua mãe de santo. Preparada Olympia e

marcado o dia da iniciação, veiu a esta cidade (porque a iniciação devia ter lugar fóra), afim de convidar para a festa um pai de terreiro que aqui reside no Kabula e é particular amigo de seu pai, que por seu turno tambem é pai de terreiro. Foram convidados ainda outros pais e mãis de terreiro, entre elles a mãi de santo Thecla, velha africana octogenaria, que para comparecer não duvidou fazer uma viagem à pé de quasi tres leguas. Achavam-se assim reunidos cinco mãis e dois pais de terreiro, dos quaes tres Africanos e os outros creoulos, mas todos filhos de Africanos.

Preparados os animaes do sacrificio, á tarde, como é de praxe, teve lugar o sacrificio a *Esú*, espirito do mal. Este sacrificio propiciatorio precede todas as festas de santo, pois a sua preterição traria como consequencia infallivel a perturbação da festa. A' noite, a inicianda tem de tomar um banho mystico, verdadeira purificação lustral, em que troca por vestes novas as que trazia, as quaes são abandonadas, em symbolo, supponho eu, de completa renuncia á vida anterior. Olympia foi tomar este banho numa fonte sagrada de um engenho da vizinhança. Acompanharam-na a mãi de

terreiro, Thecla, que devia pronunciar as orações adequadas ao acto, e uma filha de santo que conduzia as vestes brancas e engommadas de *Osun*, com que se devia revestir Olympia, depois do banho. Estou informado de que este banho, em certos ritos africanos, mesmo entre nós, se dá ás vezes com infusões de plantas que gozam de propriedades e virtudes fortemente estimulantes, e são tidas como plantas sagradas.

Voltando para casa, a inicianda foi recebida á porta por todas as dignidades sacerdotaes e conduzida ao santuario, onde se sentou em banco novo, ainda não servido. As cerimonias que se passam no *Peji* não podem ser assistidas por quem não tenha santo feito, e por isso não pude ser admittido no recinto do santuario. Mas, acanhada como era a casa de Thecla, da salinha onde me achava podia acompanhar perfeitamente todo o processo cerimonial que se realizava na alcova onde estava o *Peji*, pois que a porta unica que dava para a salinha tinha de ficar largamente aberta. Já anteriormente Thecla tinha feito a lavagem e preparado o fetiche, e a elle foram sacrificados os animaes, um car-

neiro, uma cabra, duas gallinhas e pombos. Destes animaes, alguns são sacrificados no recinto do santuario, caindo o sangue sobre os fetiches. Depois são removidos para fóra afim de serem preparados. Em seguida, já ás 10 horas da noite, teve lugar a cerimonia da epilação. A cabeça de Olympia foi rigorosamente raspada á navalha, processo que demandou muito tempo. Tenho informações de que em rituaes mais rigorosos a epilação é completa, não só dos cabellos, como dos peilos das axillas, do pubis, etc., e que se servem, para esse fim, de substancias epilatorias especiaes. No emtanto sempre tenho visto limitarem-se á raspagem da cabeça á navalha, facto que tem a sua explicação natural na supposição de que é pela cabeça que penetra o santo no corpo do crente. Raspada assim a cabeça, é ella vigorosa e demoradamente lavada com uma infusão especial de plantas sagradas, processo que se acompanha de gestos e palavras cabalisticas e por cuja virtude se ha de dar a possessão, ou manifestação do santo. Com giz ou uma pasta branca, fazem nas faces da inicianda traços em tudo similhantes pela situação, fórma e numero aos gilvazes que os africanos

trazem no rosto como distinctivos ethnicos, sociaes ou religiosos.

Affirmam-me que quando a iniciação era de Africanos ou de filhos de Africanos libertos, em vez de symbolos, faziam-se as iniciações com um instrumento cortante como é a regra na Africa. Em Olympia havia cinco traços verticaes na fronte e quatro horizontaes em cada face. Completaram-lhe a *toilette* cobrindo a cabeça raspada com uma touca branca, fina, de um tecido ou bordado de malhas largas. A inicianda ainda no santuario ingere uma bebida especial, dotada de grandes virtudes e força magica.

Ainda não consegui saber ao certo qual ou quaes as plantas com que o preparam. Disseram-me alguns que é a propria infusão ou macerato com que se banha a cabeça, outros que a composição é mais complexa. No emtanto, sempre me pareceu que elles davam menos importancia aos simplices do preparado do que ás invocações sob que é feito. Ao tempo em que se iam terminando as cerimonias do santuario, a orchestra, composta de cinco *tabaques* (tambores pequenos) e quatro cabaças, cobertas de uma rêde de malhas, contendo grossas

contas em cada nó, começava na sala onde eu me achava, a invocação do santo. A um signal ou ordem do regente, todos os tabaques foram collocados reunidos no centro da sala e ao lado vieram depôr um prato com obi (noz de kola) e moedas de cobre, e uma quartinha de agua de santo, tirados do santuario. O regente levantou-se, fez ligeira genuflexão sobre o joelho esquerdo e concentrou-se como em oração. Depois tomou da quartinha, lançou um pouco d'agua de cada lado dos tabaques, e em seguida deitou na bocca um punhado de obi. Mastigou o obi, e, tomando os tabaques um a um, e invertendo-os, foi lançando dentro de cada um o obi mastigado.

Aos tabaques seguiram-se as cabaças com que empregou processo similhante. O regente passou então o prato de obi aos outros musicos, dos quaes cada qual tomou a sua noz e poz-se a mastigal-a. Musica e canto começaram então a invocar ou chamar o santo. O regente da orchestra não só dirige a musica como os canticos sagrados, que são recitados em lingua africana por todos os presentes.

A uma musica e cantico especiaes, revela-se o

santo e a inicianda, em estado de possessão, deve lançar-se na dansa. A meia noite, me annunciaram este cantico particular para o santo *Osun*, mas parece que o effeito desejado não se produziu, porque, depois de esperar por muito tempo, um dos pais de terreiro chamou o regente para o recinto do *Peji* e só sob a influencia do tabaque e mais de um instrumento especial de *Sangô*, começou ella a dansar, acompanhada por um dos pais de terreiro que tinha presa nas suas uma das mãos da inicianda. Sempre dansando veiu ella então para a sala, onde da mesma fórma continuou a dansa por largo prazo. Mas já fatigada voltou para o santuario onde ficou sentada em uma esteira.

Nos casos em que ao contrario deste a manifestação do santo é por demais forte, empregam um processo que chamam de *matar o santo* e que tem a virtude de diminuir a intensidade da excitação.

Até ás quatro horas da madrugada, prolongaram-se as dansas na sala, onde houve manifestação de diversos outros santos.

Recomeçou a festa no dia seguinte. A inicianda dansava ainda toda vestida de branco, tendo demais um corpete bordado de buzios e de menos a

touca de bordado branco que havia sido substituida por um desenho feito a giz ou com massa branca sobre a cabeça raspada. O desenho pretendia representar um capacete por meio de raios divergentes que partiam de um primeiro pequeno circulo traçado na parte mais elevada do craneo e d'ahi se dirigiam para a peripheria. Concentricos a este primeiro, outros circulos de diametro gradualmente crescentes se succediam a pequenas distancias até o limite da circumferencia horizontal maxima da cabeça. Sobre este capacete, desenhado no scalp, trazia a inicianda, talvez a modo de noiva, uma corôa de flôres de papel, de côres muito vivas, e dentro do circuito da corôa uma penna vermelha presa ao couro cabelludo por uma pequena bola de cêra. Na mão direita trazia agora uma ventarola de *Osun,* redonda e de papel ou pellica vermelha e tendo, em vez das guarnições de metal, bordados de buzios.

Apezar de ter dansado por muitas horas seguidas, não houve ainda assim uma manifestação franca de santo, o que trouxe por todo o dia triste e acabrunhada a mãe de terreiro Thecla. E como mesmo entre feiticeiros ha rivalidades profissio-

naes, Livaldina não se póde conter que não me dissesse muito á puridade que Deus a livrasse de que o santo si fosse feito por ella, já não tivesse brincado a valer. E para isso accrescentou referindo-se aos diversos pais e mãis de terreiro ali reunidos, nunca tinha precisado de tanta gente.

A' noite tiveram cabo as festas desse primeiro dia, mas nem por isso estavam terminadas as cerimonias da iniciação. Ainda durante um prazo que varia de 16 dias a um ou mais mezes, a filha de santo não póde sair do terreiro. Estas formalidades ulteriores são mais ou menos rigorosas. Aqui na cidade, os filhos de santo ficam reclusos, não podem sair á rua a pretexto algum, ha abstinencia sexual completa, assim como de certos alimentos, em particular da carne de certos e determinados animaes, verdadeiro *tabou* temporario. No campo ha menos rigor, algumas destas formalidades apenas são requeridas, abstinencia sexual, prohibição de certos trabalhos como abrir cancellas ou porteiras, abstinencia de certos alimentos. A filha de santo não fica, porém, reclusa de um modo tão absoluto como parece que é de regra. Durante este tempo de noviciado se exercitam nas praticas do

culto. Tres dias depois ha nova cerimonia, mas sem musica e só acompanhada de canto. No oitavo dia, porém, dia do *Igê,* ha nova festa com *batucagé* e invocação de santo.

Completo o prazo da iniciação, a filha de santo fica pertencendo á mãe de terreiro que lhe fez o santo e só póde ser restituida aos seus e voltar para sua casa mediante uma verdadeira compra. O preço por que o marido, o amante, a familia enfim compra a filha de santo varia com os recursos pecuniarios de que podem dispôr. Concertada a compra, a filha de santo é conduzida em grande cerimonia até á porta da sua casa e ahi se faz a entrega solemne ao comprador.

As confrarias ou collegios de cada santo reconhecem como superior immediato o pai do terreiro, onde foi feita a iniciação dos membros da confraria, cuja subordinação e dependencia espiritual não são consideradas resgatadas pela compra. Director de consciencias supersticiosas, ignorantes e fanaticas, na sua qualidade de confidente dos deuses, depositario dos segredos da alta magia e interprete das revelações fatidicas, o fei-

ticeiro exerce sobre os crentes uma tyrannia espiritual quasi descricionaria. Todos lhe prestam homenagem e lhe obedecem cegamente. Aos mais afamados é desnecessario trabalhar, de sobra têm quem o faça. Si é nos campos o serviço é prestado em trabalho agricola. As terras ou plantações do pai do terreiro são lavradas pelos crentes que expontaneamente se concertam no melhor modo de servil-o, ou concedendo-lhes todos um certo dia de serviço na semana ou no mez; ou revesando-se cada qual de sorte a dar trabalho continuado. Si é nas cidades, o contingente das offerendas dos santos e os proventos do sacerdocio lhe garantem inteira independencia. De ambos os casos conheço diversos exemplos. Mas o pai do terreiro não é só o procurador dos fetiches para receber as offertas e ex-votos, elle é ainda antes de tudo o preparador de feitiços, fonte de pingues proventos. E' como em toda a parte, o curador de molestias, o fazedor de maleficios, o distribuidor de felicidades.

O *feitiço* que torna o feiticeiro ao mesmo tempo tão temido e tão procurado, ou é symbolico e indirecto, ou é material e directo, e póde ter por fim favorecer ou prejudicar. O feitiço é *material e*

directo quando o feiticeiro procura fazer ingerir preparados que podem ter uma acção nociva e material sobre o organismo. E' o feitiço-veneno de que largamente nos occuparemos em tempo. O feitiço *indirecto* ou *symbolico* consiste essencialmente em conferir por encantação propriedades uteis ou nocivas a objectos inanimados ou a seres vivos. E' o gri-gri por excellencia. E para o negro tudo póde ser enfeitiçado.

O feitiço symbolico commum *coisa feita* ou *preparada,* é muito frequente entre nós. De vez em quando nesta cidade se encontra pelas ruas ou praças, na proximidade da casa ou no caminho por onde se suppõe que deve passar aquelle a quem é destinado, um feitiço que consiste, com pequenas variantes, em animaes de sacrificio e restos de comida de santo. Aqui é uma caixa de madeira qualquer contendo uma gallinha morta, coberta de azeite de dendê e outras bugigangas: ali é um prato de louça ou de barro com o invariavel azeite de dendê, pennas e dinheiro em cobre; além é um cesto com um cabrito morto, um pombo, um sapo, qualquer animal emfim, coberto de dendê, envolvido em pannos ou papeis, enfeitado de fitas, com

pedaços de vela, etc. E assim sob mil fórmas outras.

A's vezes a coisa é mais apparatosa. Um meu amigo, bacharel em direito, contou-me que não ha muito tempo entrava elle alta noite em sua casa á rua da Soledade, onde se achava só porque a familia estava fóra, quando foi surprehendido pela presença de um enorme feitiço, que haviam collocado em uma das janellas do pavimento terreo. Cruzavam-se na janella duas grandes lanças pretas a que se prendiam respectivamente as extremidades de duas peças de panno preto de luto, as quaes desenroladas atravessavam a rua, de lado a lado, formando entre si um vasto triangulo, o que dava á janella um aspecto de armação funeraria. Em baixo das lanças, sobre o passeio, estava uma gallinha morta, coberta de azeite de dendê em um prato de barro vidrado, um cordeirinho branco tambem sacrificado e pratos de comida de santo com muito azeite de dendê, acaçá, etc.

O feitiço que ali ficou foi retirado pela manhan pela carroça de remoção do lixo da cidade. Attribue elle o facto ou a ter naquelles dias elevado o preço de aluguel de umas casinhas proximas onde

residiam uns Africanos; ou a que, estando o palacete quasi sempre deshabitado é crença que a casa é mal assombrada.

A mãi de terreiro, Isabel, deu-me da significação destes feitiços uma explicação que deve comprehender o maior numero. Em geral representam o processo de enfeitiçamento conhecido sob o nome de *troca de cabeça*. Quando um individuo infeliz ou a quem a sorte corre adversa, — o que em dicção popular se chama ter má cabeça, — vai consultar um feiticeiro, este propõe-lhe que troque a cabeça, o que vale trocar a infelicidade que o persegue pelas venturas que almeja. Mas esta troca é symbolica, já se vê. Para isso deve mandar ao feiticeiro um ou dois animaes que são decapitados, untados com azeite de dendê, envolvidos em uma peça de roupa branca do consultante. Por meio de processos magicos, o feiticeiro fixa neste preparado a infelicidade que persegue o seu cliente, e manda collocar o feitiço em uma encruzilhada ou em outro ponto assaz frequentado. Quem quer que passe por cima do feitiço ou tenha a curiosidade de ir examinal-o, para logo apanha a infelicidade que elle encerra e deixa livre della aquelle que até

então era perseguido. Naturalmente, assim como se faz entrar no feitiço preparado a infelicidade ou a má cabeça de alguem, ou, o que é o mesmo, o espirito que é causa da infelicidade ou da má cabeça, assim tambem se póde fixar e transferir para um objecto inanimado, para um animal qualquer, ou para outro homem, o espirito que torna algum doente perigoso, malvado, etc.

No emtanto, qualquer objecto de uso particular ou mesmo o objecto mais insignificante e sem valor póde soffrer a encantação e tornar-se assim *porte-bonheur* ou *porte-malheur*. Isabel mostrou-me uns pós, preparados por ella, que, trazidos em amuletos ao pescoço ou mesmo no bolço, bastavam para garantir todas as felicidades. Ninhos de passaros, contendo dois ovos frescos, que enterrados na porta do apaixonado que já pensasse em se tornar perjuro á fé promettida, bastavam para ter a efficacia do filtro mais poderoso. Indicou-me sobre a mesa um feitiço particular denominado *caranguejos de cordas,* pequena peça de madeira, de fórma cylindrica em que se prendiam circularmente como raios uma infinidade de pedaços de cordões, todos do mesmo comprimento, a modo de pernas sem

numero. Este feitiço foi retirado de dentro de um colchão de cama, para restituir a paz conjugal a recem-casados, em cujo lar tinha sido collocado, como vingança do abandono que soffrera, pela antiga amante do marido. E assim sem numero de peças outras, panacéas de todos os feitios e dimensões, igualmente efficazes contra todas as infelicidades, e portadoras infalliveis de todas as venturas.

O numero em que ellas avultam ali sobre a mesa fatidica da feiticeira, bem indica a riqueza da clientela e a extensão da crença nas virtudes do feitiço. Mas esta clientela não se recruta sempre nas negras boçaes e ignorantes, sinão mesmo na melhor sociedade da terra. Para levantar as suspeitas que possam recair sobre as damas de qualidade que a queiram consultar, a mãi do terreiro fez installar na sala principal da casa, bem em evidencia, uma loja de modista. E que não é de todo falso o boato que com insistencia correu aqui ha tempos, de que alguem não se resolvera a acceitar a presidencia da provincia e mais tarde a pasta de ministro, sem prévia audiencia de uma cartomante mãi de terreiro, prova a offerta que Isabel

me fez, dos prestimos dos seus fetiches para o caso de eu pretender ser senador!

Mas onde se exerce por excellencia a acção do feiticeiro é na cura das molestias. Tem-se feito notar que o feiticeiro, o adivinho, o sacerdote, o medico e o sabio começaram por se confundir num mesmo individuo. Em regra, o negro bahiano está ainda nesse estado da evolução mental em que não se admitte que, fóra das mortes violentas, haja molestias e mortes naturaes. A molestia é sempre o producto da encantação, de um feitiço: ao feiticeiro, pois, a missão de destruir pela intervenção da magia essa obra sobrenatural. Como provas da asserção, daremos alguns exemplos concludentes.

O pai de uma negra, que eu conheço, foi um dia queixar-se ao senhor do engenho, onde ambos eram escravos, de que um Africano lhe tinha enfeitiçado a filha, dando qualquer coisa a comer em um torrão de assucar. A mulher andava doente, estava anazarchica, com enorme ascite, que, — me garantiram ainda recentemente negras que foram testemunhas do caso, — enchia e vasava com o fluxo e o refluxo da maré. O proprietario mandou chamar o feiticeiro e ameaçou-o de severo castigo;

negou elle, porém, a autoria do facto, compromettendo-se, todavia, a pôr a mulher boa. E pouco tempo depois, estava ella completamente restabelecida. Este successo devia ter feito crescer ainda mais o prestigio do feiticeiro de que ainda hoje, morto como elle já é, falam todos com respeito. O proprietario do engenho a quem ouvi, confirmou o caso, attribuindo a molestia a um envenenamento pelo salimão, bichlorureto de mercurio. Esta explicação é, porém, inaceitavel, e acredito antes na existencia de uma nephrite aguda passageira, pois as molestias renaes são frequentes na localidade.

No engenho de um amigo vivia ultimamente uma negra, moça ainda, amasiada com um negro considerado homem sério. A filha de uma mãi do terreiro fez-se, porém, amante delle e no fim de alguns mezes conseguiu induzil-o a casar com ella. A amante abandonada, receiosa de alguma offensa por parte da rival preferida, retirou-se para um engenho vizinho, onde foi viver com um outro individuo. Na nova residencia, foi, porém, acommettida de uma febre grave, que o medico assistente capitulou de typho-malaria, e succumbiu. O amante veio então queixar-se ao proprietario do

engenho onde reside o casal, de que a filha da mãi de terreiro tinha enfeitiçado a sua victima, como em tempo havia promettido. Como prova material da sua allegação, trazia um pente que a criminosa havia enfeitiçado e collocado na porta da casa onde residia a fallecida, e acrescentava que na intenção de ser nocivo á victima, tambem tinham collocado um feitiço numa encruzilhada proxima. Conheço a accusada que, além de filha de uma mãi de terreiro ou feiticeira, é por sua vez filha de santo; goza em geral de mau nome, já depois de casada abandonou o marido, esteve nesta cidade donde voltou agora para o lar conjugal. Era capaz de fazer a ameaça, e a pressão desta ameaça sobre a doente devia ter concorrido poderosamente para a terminação fatal da molestia.

Um negro que examinei ha alguns annos e em quem encontrei uma grave lesão cardiaca, já em periodo asystolico, falleceu como era natural, pouco tempo depois do exame medico. Mas os outros negros do engenho em que residia o doente entenderam que a morte tinha sido devida a feitiço preparado pelo africano Pacifico. E, como já andassem prevenidos com este pai de terreiro que

vivia a enfeitiçar-lhes as roças fazendo abortar ou minguar as colheitas, reuniram-se certo dia, foram esperal-o á estrada e deram-lhe tanta pancada que o deixaram por morto. Presos, estavam elles tão convencidos que para se justificarem bastava provar ser Pacifico realmente feiticeiro, que faziam consistir toda a sua justificação em apresentar ás autoridades as caveiras de bodes, cabellos e unhas humanas, buzios da Costa, pedras de raio, quartinhas, etc., encontradas por elles no *Peji* da sua victima.

Durante a molestia de prezadissimo amigo meu, que falleceu de uma gangrena diabetica, uma mulher negra que era amiga da familia fez serias e insistentes propostas para que fosse ouvida sobre o caso uma mãi de terreiro, do Retiro, tida por muito afamada. Tal era a convicção da mulher que aquillo era *coisa feita,* ou feitiço, que não a demoviam nem a recusa formal e a incredulidade da familia, nem a assistencia e o juizo dos numerosos medicos que viam o doente.

Por expressa indicação do medico, uma familia tomou para ama de leite de uma criancinha grave-

mente doente a uma rapariga, negra, moça e vigorosa que havia sido recommendada como de leite muito bom e abundante. Succede, porém, que na primeira noite a mudança de leite fez aggravar o estado da doentinha. A rapariga, muito emotiva, recebe forte impressão, e no dia seguinte a secreção lactea estava completamente suspensa. Redobra a emoção da rapariga que passa a noite inteira a chorar. Debalde faz-se tudo para tranquillizal-a, garantindo-lhe que o leite voltaria, desde que estivesse mais calma e confiante. No outro dia vai até a sua casa e de lá, a instigação dos seus, vai consultar uma mãi de terreiro da Calçada do Bomfim. Esta descobre que a rapariga tinha sido enfeitiçada, que o seu leite seria fatal á criança que o tomasse antes della ter sido curada do feitiço. Garante-lhe completo restabelecimento no fim de oito dias passados em sua casa della feiticeira, mediante o pagamento adiantado de 50$. A ama de leite vem consultar a familia que se nega a pactuar com esta transacção e garante-lhe o tratamento pelo medico da casa. Mas a ama declarou que preferia retirar-se a fazer mal a uma criancinha innocente, porque estava convencida de

que a prophecia da mãi de terreiro se havia de realizar. E despediu-se.

Estes exemplos são sufficientes. Mas não se creia que só negros e ignorantes frequentem os terreiros e *candomblés* em busca de tratamento aos seus males. Todos nós medicos sabemos a frequencia com que os doentes, á revelia do assistente, ou despedindo-o sob o pretexto mais futil, vão se entregar aos cuidados dos feiticeiros, vão *se tratar com folhas do mato,* no euphemismo da frase consagrada.

Capitulo III

FEITIÇO, VATICINIO; ESTADO DE POSSESSÃO, ORACULOS FETICHISTAS.

O feitiço symbolico, expresso sob a fórma de oraculos, constitue um capitulo de alta curiosidade psychologica. Como na possessão demoniaca, como na manifestação espirita, o santo fetichista póde apoderar-se, sob invocação especial, do pai de terreiro, ou ainda de qualquer filho de santo, e por intermedio delles falar e predizer. A pessoa em quem o santo se manifesta, que *está* ou *cai de santo* na giria de *candomblé,* não tem mais consciencia dos seus actos, não sabe o que diz, nem o que faz, porque quem fala e obra é o santo que delle se apoderou. Por esse motivo, desde que o santo se manifesta, o individuo, que é delle portador, perde a sua personalidade terrestre e humana para adqui-

rir, com todas as honras a que tem direito, a do deus que nelle se revela. E' conduzido ao santuario ou *Peji* onde o revestem dos paramentos e ornatos que o ritual attribue ao santo manifestado. Si, continuando a dansar, dirige-se a algum dos presentes, este responde-lhe de joelho com o mais humilde e respeitoso acatamento.

E' neste estado particular que se fazem as predições. O pontifice ou pai de terreiro que dirige as cerimonias é quem se communica com o santo e interpreta os seus desejos e ordens. A's vezes esta scena é publica, e é dansando que o santo manifesta a sua vontade, mas de ordinario o pai do terreiro conversa com o santo em particular no santuario, e de lá traz as predições que devem ser transmittidas aos crentes.

Ha neste ponto, larga porta para todos os abusos. Por uma conveniencia pecuniaria qualquer, em proveito proprio ou de terceiros que as paguem, muitos pais de terreiro sabem dar ás revelações uma interpretação conveniente e adequada aos seus interesses. Daquella sentença não ha que recorrer ou appellar, porque, para os crentes seria incorrer em grave peccado, capaz de attrair sobre

o delinquente grandes desgraças, effeitos e consequencias calamitosas; para um espirito mais recalcitrante e atilado, qualquer reclamação importaria em confessar que estava fingindo, ou não era verdadeiro o estado de santo, pois que, quando o santo abandona o medio, este não deve conservar a menor lembrança do que se passou.

Parece que na Africa esta qualidade de cair em estado de santo é uma prerogativa dos feiticeiros, ou pelo menos, de um pequeno numero de privilegiados. Aqui, na Bahia, porém, não é assim. Quasi todos os filhos e filhas de santo são susceptiveis de uma manifestação desta natureza, e só como excepção o facto não se dará. Tenho ouvido Africanos duvidarem desses estados de santo tão faceis e frequentes e attribuil-os á farça e fingimento dos pais de terreiro creoulos, porque affirmam todos que, quando se manifesta um santo preparado com todas as regras e preceitos africanos, a alienação mental e as desordens motoras são violentissimas, e não têm os caracteres dos ligeiros desmaios das manifestações da maior parte dos santos preparados pelos creoulos.

No emtanto, eu creio que a differença tem antes

uma explicação natural, que exclue toda idéa de farça ou fingimento. Na Africa são muito mais amplos os poderes dos feiticeiros; na fiscalização severa que exercem, não toleram que as prerogativas do sacerdocio estejam assim ao alcance de qualquer. Por conseguinte, os individuos, que aqui se dizem de santo, lá não se animariam a attribuir os accidentes ligeiros que experimentam a manifestações divinas. Depois, e principalmente, a superexcitação nervosa extrema em que collocam aos iniciados os processos de iniciação e invocação, — processos muito mais severos e complexos na Africa do que os que se empregam entre nós nos casos communs, — explica sufficientemente a intensidade maior a que attingem lá as manifestações de santo. E poderosamente vem corroborar esta interpretação a natureza destes phenomenos estranhos, que ora estudamos.

Não haveria nada de mais falso que attribuil-os, como se faz geralmente, á simulação ou á farça. A iniciação de Olympia mostrou-nos a possibilidade de não se manifestar o santo apezar de todos os preparados e invocações dos feiticeiros. E este facto dá ao mesmo tempo não só a medida da

sinceridade e boa fé de Olympia, como a prova mais cabal de que a iniciação não consiste na aprendizagem de meios de simulação, concertada entre o pai de terreiro e o iniciando. Nada seria mais facil do que Olympia simular ali uma perturbação qualquer, da ordem dos phenomenos de santo muito seus conhecidos, para que fossem immediatamente tidos como verdadeiros. Conheci uma rapariga já fallecida que tinha o maior sentimento de nunca ter conseguido a manifestação do seu santo, preparado no terreiro do Gantois. Gastou avultada quantia, submetteu-se a todas as prescripções, e no emtanto o santo nunca *lhe subio á cabeça.*

Ha sem duvida muito fingimento e simulação por parte de alguns individuos. Os proprios pais de terreiro confessam o facto, declarando todavia que elles têm meios seguros de distinguir os verdadeiros dos falsos estados de santo. A simulação póde ter mesmo por protagonista o proprio pai de terreiro, quando se lhe impõe a obtenção deste ou daquelle resultado antecipado e maduramente premeditado ou conhecido. De uma vez, vi Livaldina simular claramente um estado de santo para repre-

hender uma sua iniciada e para resolver negocios particulares seus. Naquella occasião, era plena a certeza que eu tinha, de que ella não se achava em estado de possessão.

Estes factos, todavia, em nada prejudicam ou contradizem a existencia de uma convicção profunda e da fé sincera, que em geral anima aos negros fetichistas nas suas crenças religiosas. Muitas vezes os feiticeiros são compellidos a simular, por circumstancias especiaes que não haviam entrado em seus planos. Girard de Rialle tinha razão em affirmar "que as exigencias da multidão fanatica têm forçado os feiticeiros, impotentes para vencer a natureza, a enganar os sectarios dos seus fetiches com algumas farças, em jogo como se achava no insuccesso a vida do feiticeiro." Podia mesmo ter acrescentado á vida, o prestigio ou a reputação. A iniciação de Olympia deu ainda uma prova desta asserção.

Quando já pela madrugada, vendo que o santo de Olympia não se resolvia a apparecer, tiveram de retiral-a da sala, o pai de terreiro que dansava com ella, de repente deu signal de se achar possuido de *Sango,* e principiou a manifestar com grande

violencia todos os signaes do estado de santo. Este facto serviu para desviar a attenção da assembléa, e illudir a espectativa mallograda em que se achavam todos da manifestação do santo preparado. A fórma porque terminou o estado do santo deixou-me convencido de que houve simulação para disfarçar o insuccesso que naquelle caso particular importava a annullação do prestigio da mãe de terreiro que estava dirigindo a iniciação.

O principal garante da sinceridade e convicção dos negros fetichistas, — simples crentes, sacerdotes ou pontifices, — é precisamente essa manifestação de phenomenos estranhos e anormaes, essa alienação passageira mas incontestavel, que, na ignorancia das suas causas, elles attribuem á intervenção extranatural do fetiche.

As circumstancias variadissimas em que esses factos têm sido observados, a multiplicidade de individuos completamente estranhos uns aos outros, em que a possessão se tem manifestado, o testemunho accorde de pessoas respeitaveis, já por si tornavam inadmissivel a hypothese de fingimento ou simulação. E a natureza e fórma das manifestações são por demais estranhos e anor-

maes para não impressionarem profundamente espiritos simples, incultos e supersticiosos como os dos negros.

Respeitavel senhora referiu-me que, em seu engenho, o santo de uma rapariga manifestou-se em certa occasião, com tal violencia que um venerando sacerdote catholico, dos mais respeitados do nosso clero, nelle alta dignidade e hoje residente em Pernambuco, declarou que aquillo era sem duvida artes do demonio, por tal modo em sua presença saltava e desatinava a rapariga. Amigos meus confirmam que o santo de Placido, negro forte e robusto, que eu conheço, se manifesta por modo que elle se torna de todo furioso, corre pelos campos afóra, sem consciencia do que faz, sendo necessario grande numero de pessoas para contel-o. No terreiro onde Placido tem santo, estas qualidades são invocadas como provas de grande valor do seu patrono, pois tanto prestigio tem naquelle meio inculto a força physica que é ella ainda o estalão porque se afferem até as qualidades dos deuses.

No terreiro do Gantois, um dos *Ougans,* homem convencido e serio, de quem não tenho o direito de

duvidar, confirmou-me em confiança os seguintes factos que ali são bem conhecidos e de alguns dos quaes foi elle testemunha ocular. Todas as vezes que uma das iniciadas daquelle terreiro cai em estado de santo, fica de tal fórma alienada que foge e erra pelos matos durante dia e noite e volta sempre trazendo a fronte engrinaldada e o corpo coberto de folhas de urtiga. Pois bem, quando desperta, nem só não se recorda do que fez, como não conserva vestigios da violenta urticação que soe produzir a planta. De outro referiu-me, que come brazas, e méchas acesas de algodão embebido em oleo. De uma terceira, contou-me o *Ougan* que, admoestada um dia pela mãe de terreiro pela má conducta que ia levando, caiu de repente em estado de santo, saiu a correr pela porta a fóra, subiu com agilidade extrema em uma arvore proxima que me foi mostrada, e lá de cima, trançadas as pernas em torno de forte galho, começou de balançar-se como si fosse um simio. O *ougan* áquelle espectaculo, convencido de que a mulher ia precipitar-se, d'ali, occasionando um desastre que lhe traria complicações com a policia, tremia pela responsabilidade que no facto como *Ougan* lhe

havia de caber. Mas a mãi de terreiro aproximou-se imperturbavel e de debaixo da arvore dirigiu-se em lingua africana á rapariga, que de subito atirou-se da arvore abaixo. Com pasmo geral, caiu san e salva, dirigindo-se acto continuo para o *batucagé* onde entregou-se a desenfreada dansa.

A manifestação da possessão do santo varia muito de grau, ou de intensidade. Desde o delirio maniaco furioso e prolongado, desde perturbações delirantes de fórma de possessão mais ou menos incoherente, mais ou menos systematizada, desde o verdadeiro estado de santo sob a fórma classica de oraculos, essas manifestações podem ir até ligeiros accidentes de ataques hystericos frustros, ou mesmo a simples excitação ou atordoamento passageiro provocado pela fadiga e em particular pela dansa.

Tenho informação de que o delirio furioso e duradouro póde ser uma das consequencias da possessão, mas nunca tive occasião de observar casos desta especie. Os casos de possessão prolongada, de que tanto se arreceiam os negros fetichistas, são relativamente frequentes e em lugar opportuno serão examinados. No emtanto, estes accidentes

são antes complicações, que naturalmente tambem têm a sua explicação religiosa ou animista, mas que em todo o caso constituem desvios, aberrações do verdadeiro estado de santo de que ora nos vamos occupar especialmente.

Do que tenho ouvido, dos casos que tenho observado, dos exames que tenho feito, sou levado a acreditar que os oraculos fetichistas, ou possessão de santo, não são mais do que estados de somnambulismo provocado, com desdobramentos e substituição de personalidade.[1]

O modo porque esses estados são provocados, as suas caracteristicas psychologicas, o processo educativo porque se constitue o typo encarnado no estado segundo, tudo concorre para provar ou corroborar esta asserção.

Eu não preciso recordar que os oraculos negros são provocados na Africa por meio de processos em tudo identicos áquelles de que correntemente se servem hoje os modernos hypnotizadores. Mas

---

1 Vide o capitulo *A possessão fetichista*, no livro "*O Negro Brasileiro*", onde amplio essas primeiras observações de Nina Rodrigues. (Nota de A. R.)

importa muito saber que os processos de que se servem para obter ou desenvolver a faculdade medianimica são as mesmas aqui e lá. Banhos, fumigações, ingestão de substancias dotadas de virtudes especiaes, jejuns prolongados, abstinencias sexuaes, mortificações diversas, etc., são meios de que se soccorrem e de que se soccorreram sempre os feiticeiros de todos os tempos. Das mais poderosas se póde considerar neste particular a influencia da dansa. E' preciso ter sido testemunha dos tregeitos, das contorsões, dos movimentos desordenados e violentos a que os negros se entregam nas suas dansas sagradas, por horas e horas seguidas, por dias e noites inteiras; é preciso tel-as visto cobertas de suor copiosissimo que as companheiras ou prepostas especiaes enxugam de tempos a tempos em grandes toalhas ou pannos; é preciso tel-as visto assim com as vestes literalmente encharcadas de suor e a dansar sempre; para se poder fazer uma idéa do que é e do que póde aquelle exercicio extenuante, mas que em vez de abatel-os cada vez os exalta e excita mais. E' com uma especie de furor crescente, de raiva, de desespero que elles acompanham em contorsões as varia-

ções cadenciadas, porém mais e mais acceleradas do *batucagé,* até á manifestação final do santo.

Mas, si a dansa tem assim uma influencia poderosa na predisposição para os phenomenos de possessão de santo, outras causas, como agentes provocadores immediatos, são muito mais efficazes.

Por via de regra é a musica que provoca o estado de santo. Assim, quando o individuo que não estava dansando, nem vinha disposto a dansar, ao ouvir o *batucagé* cai em possessão, não se póde attribuir uma influencia qualquer, minima mesmo, aos processos adjuvantes da invocação. Todos os negros que tenho visto cair de santo nestas condições e a quem tenho podido consultar são unanimes em declarar que é a musica que os impelle para a dansa e d'ahi para o santo. Iniciados ha que não podem ouvir a musica ou o cantico com que coincidiu o seu primeiro estado de santo, ou que na opinião delles invocou ou chamou o seu santo, sem que este para logo se manifeste. O tam-tam da Salpetrière não teria maior efficacia para os hystericos de Charcot. O batuque de uma monotonia insolita, capaz de rivalizar com todos os

processos de provocar a hypnose pela fadiga da attenção, casa-se tão bem com os sentimentos musicaes do negro que mal o ouvem difficilmente podem sopitar tregeitos e contorsões de dansa. Declarou-me um negro que eu não poderia fazer uma idéa do effeito excitante e provocador de certos instrumentos musicaes dos Africanos. Não ha clarim mais capaz de provocar a excitação guerreira nos campos de batalha, me dizia elle, do que um pequeno batuque africano que, no seu dizer, desempenhou papel tão saliente nas sedições dos escravos deste estado, que acabaram por prohibir a sua importação da Africa.

Mas a suggestão oral não desempenha um papel menos importante. A attenção espectante em que se acha sobretudo o iniciando, a confiança inteira e illimitada que depositam nas palavras magicas e nas orações dos feiticeiros, associam-se fortemente com as impressões da musica, do cantico, do meio emfim para constituir uma serie ou um systema de impressão facilmente evocado pela presença de um só dos seus elementos componentes. Um rapaz a quem me tenho referido por diversas vezes e que teve o seu santo feito quando ainda era pequeno,

contou-me que um dia encontrou-se em um *candomblé*, na rua do Taboão, com o pai de terreiro que, a pedido de seu pai, tinha dirigido a sua iniciação. Começou a notar que o pai de terreiro de vez em quando olhava para elle e pronunciava em voz baixa palavras e orações de que se tinha servido por occasião de fazer-lhe o santo. O rapaz começou logo a sentir-se mal, a cabeça atordoada, um desejo invencivel de fazer movimentos, de agitar-se ou de dansar. Assim que o outro o viu naquelle estado, entoou o cantico de *Oso-osi* e fez-se acompanhar pela musica. Foi tal o abalo que o rapaz sentiu, ao ouvir a musica de seu santo, que atirou com as pessoas vizinhas para os lados e fugiu precipitadamente.

Mas, qualquer que seja o processo, uma vez provocado o estado somnambulico, a systematização do typo que deve revestir o somnambulo é obra da iniciação e do exemplo ambiente.

"E' bem claro, escreve Pierre Janet,[1] que nestes casos (typos somnambulicos diversos, medico, dansa religiosa, etc.), e em muitos outros, as

[1] Pierre Janet, *État mental des hystériques. Les accidents mentaux*. Paris, 1894, pag. 222.

circumstancias ambientes, as palavras das pessoas presentes, mais sem duvida que as suggestões propriamente ditas têm formado pouco a pouco uma verdadeira educação do somnambulo. A suggestão não crêa o somnambulismo como não crêa a anesthesia, mas póde transformal-o e modificar o seu aspecto exterior. A preparação moral é tudo em taes casos, já dizia Briquet: "si são preparados para as convulsões, os somnambulos têm convulsões; si para o extase, têm extases; e agora que é moda produzir o somnambulismo, os magnetizados, convenientemente dispostos, só têm o somnambulismo."

E mais adiante accrescenta Janet:

"O somnambulismo é antes de tudo um estado anormal, durante o qual se desenvolve uma nova fórma de existencia psychologica com sensações, imagens, lembranças que lhe são proprias... O desdobramento da personalidade, tão manifesto em certas grandes observações de dupla existencia, existe na realidade no mais simples somnambulismo."

Nada mais facil de comprehender, pois, como as coisas se passam no estado de santo. Cada santo

fetichista tem os seus distinctivos proprios; deste é uma cinta especial toda bordada de buzios; daquelle, é um saiote branco ou vermelho, com uma espada, uma ventarola ou um enfeite qualquer; deste outro, são voltas de contas de varias côres, e assim por diante. Desde que o santo se manifesta num membro do collegio ou confraria, este é conduzido ao *Peji*, e ali revestido das vestes e paramentos pertencentes ao santo que nelle se acha. Assim vestido, volta elle a brincar e dansar até cair em lethargia ou voltar a si. Outros assim revestidos são interrogados ou consultados e pronunciam oraculos.

Ora, o iniciado conhece a fundo a historia do seu santo, dos milagres, dos feitos porque se celebrizou: tem visto muitas vezes os companheiros cairem de santo; sabe como se comportam e como são tratados. Caindo em estado somnambulico, as vestes, os ornatos com que o preparam suggerem-lhe, impõem-lhe a personalidade do seu deus ou santo, com a mesma facilidade com que nas suggestões geraes se transforma o hypnotizado em um sacerdote, em um rei, em um general, etc.

Psychologicamente o que caracteriza estes esta-

dos é a amnesia completa ao despertar. E' por este signal que os pais de terreiros sabem si o possuido estava ou não fingindo. A rapariga já citada em quem os processos de iniciação não conseguiram provocar o estado de santo, explicava com muita expressão que ella tinha visto e ouvido tudo, sem ter perdido o conhecimento um só instante. Ha nos *candomblés* o maior cuidado em não dizer-se a um individuo que caiu de santo que elle esteve nesse estado. As explicações que me deram desta precaução foram differentes. Para uns, é porque essa declaração póde provocar-lhe de novo a possessão. Para outros, porque sabedores de que estiveram fóra de si e praticaram actos de que não têm a menor consciencia, as possuidas impressionam-se tanto que acabam por ficar alienadas. Para outros finalmente, é esse cuidado simplesmente a expressão de uma delicadeza para com o possuido que se envergonharia de saber que esteve a dar-se ao espectaculo de dansar, pular, etc. Acho esta ultima explicação de uma urbanidade excessiva para *candomblés*. Mas todas ellas revelam sempre a mesma convicção de que o possuido não conserva a menor lembrança do que se passa durante o estado de

santo. E todavia este estado póde ser de uma longa duração. Conheço diversos casos de fugas, de longas viagens em estado de santo com os caracteres do automatismo ambulatorio ou viagens de hystericos em estado segundo.

A observação que se segue, curiosa e concludente, constitue, me parece, uma demonstração experimental de que, como vou sustentando, o estado de santo não é mais do que um simples estado somnambulico provocado.

Um dia, não ha muitos mezes, assistia eu a um *candomblé,* proximo da porta que dava para a sala onde dansava uma rapariga em estado de santo. Notei que uma mulher negra, moça ainda, que se achava ao meu lado, seguia a dansa com a maior attenção. Perguntei-lhe si tambem tinha santo e qual elle era. Respondeu-me que tinha santo, mas ainda não o tinha podido fazer por falta de recursos para a festa da iniciação, que ella estava, porém, se preparando, e me pedia que a auxiliasse com uma esmola. Momentos depois, de subito lança-se ella na sala e põe-se a dansar com uma expressão tal que não tive a minima duvida de que não se achava em estado normal. Interpellei á

respeito a mãi de terreiro. E esta me explicou que não são raros os casos, como o daquella rapariga, em que mesmo antes da iniciação o santo já se revela. E' o que se chama um santo *bruto,* ainda não feito. Nestes casos tem-se as manifestações como um castigo, uma perseguição do santo para que a pessoa o mande logo fazer.

Após uma dansa extremamente longa e fatigante caiu a rapariga em lethargia e, conduzida pelas companheiras, foi deitada numa esteira no santuario, onde eu então me achava com a mãi de terreiro. Perguntei a esta que tempo a rapariga dormiria naquelle estado, respondeu-me que poderia dormir muitas horas ou logo ser despertada, o que ella annuio fazer para que eu assistisse. Para isso encheu a bocca de agua de santo, tomada a um pote que se achava junto ao altar e lançou-a sobre a face da rapariga que dormia coberta de suor copiosissimo. A rapariga despertou em sobresalto e levantou-se atordoada, muito surprehendida de estar ensopada por aquella fórma. Deixei-a afastar-se da mãi de terreiro e das outras companheiras, e quer nesse dia quando fui ter com ella, quer por diversas vezes nas subsequentes, sempre

que a interroguei com o maior cuidado, encontrei uma lacuna na sua memoria que ia quasi do momento em que se lançara na dansa até aquelle em que despertou molhada. Quando eu lhe dizia que havia sido testemunha de tudo, que tinha visto a mãi de terreiro despertal-a com a projecção da agua no rosto, ella me declarava sempre, no tom da mais viva sinceridade, que absolutamente não se lembrava de nada. E, presa como a tinha pela promessa de auxilial-a a fazer o seu santo, teria obtido a confissão da verdade, como obtive della outros esclarecimentos importantes que me tiraram toda a duvida sobre a sua boa fé. Via-a, depois, cair em estado de santo por mais de uma vez, e com demonstrações indiscutiveis de completa transformação.

Tempos depois encontrei-a um dia nesta cidade. E, apezar da relutancia que sempre tinha manifestado, consegui induzil-a a se deixar hypnotizar. Tendo comparecido ao consultorio, mostrou-se de extrema sensibilidade ao primeiro ensaio de hypnotização empregado. O estado somnambulico completo era facilmente provocado pelas injuncções suggestivas. Estando só no consultorio, receiei

tentar nesse dia qualquer experiencia sobre o estado de possessão de santo. Ordenei-lhe que comparecesse no dia seguinte em que contava com a presença e o auxilio de outros collegas. O meu distincto collega e amigo Sr. Dr. Alfredo Britto, professor da Faculdade, fez-me a fineza de se prestar a ver a mulher. E em sua presença, tendo-a previamente hypnotizado, suggeri-lhe que ella se achava no *terreiro* onde eu a tinha visto de santo. Começou logo a vêr a casa, os objectos e as pessoas que lá se achavam naquella occasião. Conhecendo, como eu conhecia, a ordem em que naquelle *candomblé* se succediam as musicas e os canticos sagrados, e sabendo que a do seu santo *Oubatalá* vinha em quarto lugar, suggeri-lhe então a allucinação dessas musicas a começar da de *Esú*. Ella me ia advertindo da successão dos diversos canticos e quando devia seguir-se o de *Oubatalá* affirmei-lhe com energia que ella ia cair de santo. De repente poz-se a fazer oscillar lentamente o tronco e a emittir um prolongado pschio... Chamei-a pelo nome, Fausta, e perguntei-lhe o que tinha. Respondeu-me que não era Fausta e sim *Oubatalá*, que Fausta era apenas o cavallo de *Oubatalá*. O

estado em que se achava, o modo de falar eram tudo a cópia fiel do estado de santo da mãi de terreiro onde eu a tinha conhecido. Quiz, porém, obrigal-a a dansar, ao que ella se oppoz, ora allegando que não estava com as vestimentas proprias, ora que a musica de *Oubatalá* já tinha cessado e a ella se tinha seguido a de outro santo, ora finalmente que estavamos em tempo de quaresma e nesse tempo não póde mais haver dansa de santo. Insisti, procurando suggerir-lhe que se achava com as vestes de *Oubatalá,* tentei provocar-lhe de novo a allucinação da musica desse santo, mas ella que até então se tinha mostrado passivamente obediente ás minhas suggestões, recusou-se a aceital-as. Sempre a insistir para que deixasse ir embora, *Oubatalá* deu-me ainda explicações sobre a mythologia de Jorubá, as suas relações com o culto catholico, de accôrdo com as idéas acanhadas de Fausta, que eu já conhecia bem. Por fim perguntei-lhe o que era preciso fazer para que elle se pudesse ir embora, respondeu-me que dar um pouco d'agua ao seu cavallo. Desde que bebeu um copo com agua, Fausta despertou no estado de atordoamento e confusão em que eu a tinha visto já por muitas

vezes ao sair do estado de santo. Este estado de atordoamento é mais ou menos duradouro. Muitas horas depois, Fausta estava ainda tão atordoada que perdeu o dinheiro que eu lhe havia dado para a sua festa de iniciação.

Convém salientar nesta observação o contraste entre a passividade na aceitação das suggestões na primeira phase do somnambulismo e a resistencia formal opposta na segunda.

Era assim evidente que ao somnambulismo provocado pelas minhas suggestões verbaes no estado de hypnose se havia substituido o somnambulismo provocado pela allucinação da musica sacra, isto é, o estado de santo ou de possessão. Assim, pois, Pitres[1] tem razão de considerar o estado de possessão demoniaca como uma especie de delirio hystero-hypnotico, delirio monoideico, que seria um estado somnambulico especial desenvolvido no que elle chamou estado *paraphronico,* e se distinguiria do somnambulismo suggestivo ordinario pela resistencia ou opposição ás suggestões verbaes. A contestação offerecida por Pierre Janet á

1 Pitres, *Leçons cliniques sur l'hystérie et l'hypnotisme,* Paris, 1891, v. II, pag. 295.

tentativa daquelles que, como George Guinon,[1] procuram distinguir o somnambulismo hysterico do somnambulismo suggestivo ordinario, firmando-se tambem nesta facilidade maior ou menor de serem os somnambulos dirigidos pela suggestão, em rigor não prejudica a explicação de Pitres, pois Janet reconhece em todo o caso a existencia de fórmas diversas de somnambulismo entre as quaes a do somnambulismo *monoideico.*

A seguinte observação de possessão demoniaca provocada pelas suggestões de um feiticeiro evidencia bem o contraste dos dois casos.

Uma moça branca, grande hysterica, com manifestações desde a infancia, extremamente hypnotizavel e suggestionavel, submettida já de muitos annos á hypnotherapia, casara-se com um moço, que tinha tido como amante até aos tempos de noivado uma negra que a senhora conhecia. Quinze dias depois de casada, a senhora encontra-se com ella em um arrabalde e este facto produz-lhe grande contrariedade. D'ahi só teve tempo de chegar á casa, accusando forte dôr em um pé, e

[1] George Guinon, *Progrès Médical,* 1891.

sobrevindo-lhe quasi em seguida um grande ataque hysterico. A mãi da moça, que é hysterica e degenerada e vive cercada de negras influentes em *candomblés,* viu logo em tudo aquillo o resultado de feitiços mandados fazer pela ex-amante do genro. Foi chamado um *tio* africano que confirmou as suspeitas, declarando que a moça tinha pisado no feitiço e pelo pé doente entrara-lhe o demonio no corpo. O Africano, feiticeiro e *malê,* propoz-se a exorcismar a moça afim de afastar o demonio. Durante longos oito dias, a pobre senhora, sob a influencia das praticas exorcistas do feiticeiro, passou em verdadeiro estado de mal hysterico. Foi então que um cunhado, revoltado com o procedimento da familia, veio ter commigo para que interviesse a tempo de salvar a moça. Cheguei á casa da doente ao anoitecer, quando lá devia estar o feiticeiro, e consegui que me deixassem vel-o em acção. O effeito da voz do feiticeiro foi evidente. Mal a senhora, que se achava mais calma, ouviu-a, de um salto poz-se de pé, em defensiva, e segura pelo marido, debalde procurava em torno de si com que pudesse aggredir o feiticeiro.

A leitura estropiada das orações exorcistas pro-

duzia, a cada demonio que elle citava e conjurava a deixar a sua victima, um effeito notavel. A pobre hysterica mudava de gesto e de tom de voz para responder-lhe. Assim, nomeou o feiticeiro diversos demonios que se succederam uns aos outros na possuida, afinal declarou que no dia seguinte proseguiria. Fiz então ver á familia e em particular ao marido quanto era deprimente aquella scena e que somma de responsabilidades assumia elle.

A's primeiras injunções suggestivas que fiz para mostrar que aquillo era apenas a hysteria, a senhora, que ainda se debatia nas contorsões do ataque, acalmou-se como por encanto. Dormiu um pouco, despertando depois calma e tranquilla, apenas extremamente fatigada. Com mais algumas sessões hypnoticas, desappareceram os ataques, e até hoje, mais de dois annos depois dessa grande crise, passa relativamente bem, está forte e ultimamente teve uma filhinha, sem mais accidentes.

Assim, ao passo que aqui a simples suggestão verbal foi sufficiente para dar cabo immediato de um estado de possessão, em Fausta na segunda phase do somnambulismo as minhas suggestões nada conseguiram, sendo necessario recorrer a um

acto particular a ingestão d'agua — para terminal-o, como tinha sido necessario um acto especial para provocal-o — a allucinação da musica sacra.

Por emquanto não me tem sido permittido levar mais longe os meus estudos. A propria Fausta não voltou ainda a esta cidade como se tinha compromettido, para completar o seu exame sob o ponto de vista dos estigmas hystericos. Tenho procurado submetter a uma experiencia analoga outros iniciados, mas em geral recusam-se formalmente a qualquer tentativa de exame em materia de possessão, ou de estado de santo. Assim, ignoro de todo si essas manifestações reduzem-se ao que tenho observado, ou si ao contrario existem ainda nellas phenomenos mais complexos da natureza do fakirismo indiano, ou de certos phenomenos espiritas, de maior relevancia, que aliás nunca tive occasião de observar. [1] Até hoje o que pude ver é o que vai exposto fielmente.

A determinação da natureza dos phenomenos

[1] Dos meus estudos actuaes, acredito que a possessão espirito-fetichista está ligada a varios estados morbidos psychologicos, agudos, sub-agudos e chronicos, communs da hysteria, dos estados somnambulicos, hypnoticos, oniricos, eschizofrenicos, syndromos de influencia, quasi sempre com modificação da consciencia e da personalidade. (Nota de A. R.)

observados é, no emtanto, uma questão que não importa mais ao estudo do sentimento religioso do negro do que ás conveniencias praticas da apreciação medico-legal do estado mental da raça negra.

Aceito o principio estabelecido por Janet[1] de que "esta divisão da personalidade que se manifesta no somnambulo e no medium é precisamente o que nós chamamos hysteria porque ella se encontra em todos os phenomenos que se consideram como hystericos", a questão estava por sua natureza resolvida. E a demonstração que acabo de dar da identidade entre o estado somnambulico provocado e o de possessão de santo importaria o reconhecimento implicito da natureza hysterica dessas manifestações. Mas, contestada como tem sido a existencia da hysteria na raça negra, esta conclusão deveria ser pelo menos duvidosa. E a necessidade de demonstrar a sem razão dos que negam essa existencia, nos obriga a examinar o assumpto mais de perto.

Quando, sob a informação pouco autorizada de

---

[1] *Loc., cit., pag.* 229.

Gaffard, que aliás apenas se havia demorado oito mezes no Zambeze, o Dr. Regis[1] affirmava que "a hysteria sobretudo parece não existir no Zambeze, ou pelo menos não se encontram traços apparentes nas mulheres, o que não deveria surprehender por ser esta nevrose um producto cultivado pela civilização", elle não suppunha por certo que esses possuidos, que descreve, "verdadeiros alienados de fórmas mysticas, chamados *malucos* (elle escreve *malukos*) palavra portugueza que significa *louco*", eram nada mais nada menos do que um producto dessa nevrose de possessão cujas relações com o somnambulismo provocado acabámos de mostrar longamente. Casos, sinão identicos pelo menos similhantes, tambem existem entre nós, e, na nota do Dr. Regis sobre elles tanto a opinião dos naturaes, como o modo de tratamento que lhes destinam, indica a sua procedencia dos estados de possessão cuja explicação pela intervenção da hysteria é hoje quasi geralmente admittida.

A opinião de Hammond, que nega a existencia da hysteria nas negras dos Estados Unidos, foi

---

[1] Regis, *Un mot sur la superstition et sur la folie chez les nègres du Zambeze*. L'Encéphale, 1882, pag. 76.

contestada pelo Dr. Philipp S. Ray[1] que demonstrou com factos a existencia da nevrose. Mas o debate estendeu-se directamente aos negros brazileiros.

Gilles de La Tourette[2] procurando demonstrar a existencia da hysteria na raça negra, soccorre-se no seu tratado da hysteria, em particular, de uma communicação de Rebourgeon que residiu por muito tempo na Amazonia. Affirma Rebourgeon não ser rara a hysteria nas raças negras, pois encontrou no Brazil, nos descendentes dos escravos, desde o ataque vulgar até a grande hysteria, mas na sua opinião a nevrose é mais frequente nos mestiços. Saiu a contestal-o, porém, o Sr. Dr. Lacerda[3] e declarando que residiu por alguns annos no interior do Brazil em lugar onde as negras são numerosas e elle poude estudar esta questão, affirma que: "mau grado o que se diz no livro recente de Gilles

---

1 Philipp S. Ray, *L'hystérie chez le nègre.* L'Encéphale, 1888, pag. 563.

2 Gilles de la Tourette, *Traité clinique et therapeutique de l'hystérie.* Paris, 1891, IV, pag. 122.

3 Dr. J. B. de Lacerda, *La folie dans la race noire. Revue Médico-chirurgicale du Brésil.* Rio de Janeiro, 1894. N. 3, pag. 103. Resumo da communicação ao *Congresso Pan-Americano.*

de La Tourette, a hysteria é uma neurezia rara nos individuos da raça negra. Nunca observou uma negra atacada da grande hysteria, nem com esses estados nervosos mal definidos que são considerados hoje como hystericos. As opiniões contradictorias se baseam sem duvida sobre casos de ataques simulados".

Nada posso dizer sobre o que observou o Sr. Dr. Lacerda, mas si o Sr. Dr. Lacerda deseja observar a hysteria nas negras sob todas as suas fórmas, não tem mais do que vir á Bahia. Para medicos que conhecem a nevrose, a confusão da molestia verdadeira com a molestia simulada não é ccisa que se leve em conta quando não se trata de um ou outro caso isolado e especial. Já não falo das mestiças do negro, em que a hysteria não existe sómente, mas é de grande frequencia.

O fundo extremamente nevropathico ou hysterico do negro põe-se em relevo entre nós de um modo muito saliente. Já no caracter profundamente supersticioso do negro normal, ha alguma coisa que o prepara para esse mysticismo nevropathico. Nas suas acções exerce uma influencia notavel a frequencia dos sonhos. Tylor se pro-

nuncia assim: "O habito que têm os negros de contar os seus sonhos provoca a frequencia delles: d'ahi resulta que elles têm durante o somno tantas relações com os mortos, quantas têm durante a vigilia com os vivos. Sem duvida está neste facto uma das causas das suas tendencias supersticiosas excessivas. Nelles a imaginação acha-se tão superexcitada que mal podem distinguir entre o sonho e o pensamento, entre o real e o imaginario: tambem desfiguram involuntariamente a verdade e pretendem ver coisas que nunca existiram."

Estes conceitos de um autor que não se preoccupava com as relações que pudesse ter o facto considerado com a genese das manifestações hystericas, são de alta imparcialidade e isentas de todo *parti pris.*

Precisamente na psychologia do hysterico têm os sonhos funcção salientissima. A sua frequencia excessiva é a regra: dominante no caracter a influencia que exerce na suggestibilidade intrinseca, origem de graves accidentes se torna o seu exagero. E todavia a observação do africo-bahiano não contradiz, ao contrario corrobora, os dizeres de Tylor. Dentre exemplos multiplos destacarei os

dois seguintes bem precisos. Contou-me uma velha africana que o seu santo lhe fôra revelado em sonho. Dormindo, viu um santo que lhe cingia os punhos de fios de contas brancas e lhe ordenava que se vestisse toda de branco. Quando despertou contou o sonho a companheiros que lhe aconselharam fosse consultar a respeito um pai de terreiro. Este concluiu que era *Oubatalá* quem se revelava por essa fórma, e ordenou á velha que tratasse de fazer o seu santo. Um rapaz creoulo, filho de Africanos que tinham sido ambos pais de terreiro, referiu-me que não ha muitos mezes foi um dia surprehendido pela visita muito matutina de um velho Africano que elle ha muito não via e que tinha sido intimo amigo de seu pai. Esta visita tinha por fim communicar-lhe que a alma de seu pai havia apparecido ao amigo em sonho na noite anterior, e lhe rogara que obrigasse o filho a fazer-lhe o sacrificio de um gallo. E coisa estranha, acrescentava elle, poucos dias antes desta visita uma rapariga cujo santo tinha sido feito por seu pai, tendo caido de santo em um *candomblé*, lhe havia declarado igualmente que a alma de seu pai pedia o sacrificio de um gallo. Inquiri si já tinha feito o

sacrificio reclamado e elle confessou-me que ia fazel-o no domingo proximo, época que tinha sido designada. E' a confirmação literal desta citação de Tylor a respeito dos negros da Guiné meridional. "Consideram todos os seus sonhos como visita dos espiritos dos seus amigos mortos. Recebem com a mais séria e a mais respeitosa attenção os conselhos, as recommendações e as advertencias que lhes vêm em sonhos, e desde que despertam apressam-se a seguir os avisos que receberam por esse modo."

Mas não serão certamente estas provas indirectas que hão de resolver a questão. Já agora faz-se mister apontar casos incontestes de manifestações hystericas em negro, não com o caracter de um facto excepcional e unico, mas como casos ordinarios da clinica commum.

Pois bem, eu tenho visto casos numerosos de hysteria em pessoas da raça negra, e nesta observação não estou em unidade. Os meus distinctos collegas Drs. Alfredo Britto e Matheus dos Santos, que se dedicam á especialidade de molestias nervosas, me declaram que a elles tambem se têm offerecido occasiões multiplas de ver a hysteria na raça

negra, acontecendo que o ultimo destes dois professores recentemente prestou cuidados medicos a um bello caso de catalepsia em uma mulher bem negra. Ha poucos mezes ainda, em companhia dos Drs. Alfredo Britto, Aurelio Vianna e Juliano Moreira assisti a uma pretensa sessão espirita na rua da Calçada do Bomfim desta cidade em que grupos de negros apresentavam todas as manifestações da hysteria convulsiva.

E si alguma duvida ainda pudesse subsistir a este respeito o papel salientissimo e preponderante que representou a raça negra na grande endo-epidemia de abasia-choreiforme que a partir de 1882 reinou neste estado com fórma epidemica por quasi tres annos, por mais de dez sob fórma endemica e ainda hoje existe sob fórma esporadica, seria mais que sufficiente para desfazel-a em medicos e profanos.

O numero consideravel de negros atacados de abasia-choreiforme que percorriam diariamente as ruas desta cidade, era a prova mais irrefragavel de que nenhuma immunidade tem a raça para a hysteria. Constituem um ponto curioso desta epidemia as relações que guardavam as suas exacer-

bações locaes com as festas populares em que predominam sempre os sambas, os *candomblés* e outras dansas dos negros. Faz-se larga parte á influencia destas festas e dansas no desenvolvimento epidemico da molestia, tanto no relatorio[1] da commissão que a convite da municipalidade estudou a epidemia em seu inicio e com grande tino capitulou-a de *choreomania* de fórma muito benigna, quer na importante memoria em que o meu collega Dr. Alfredo Britto[2] filiou as manifestações da endo-epidemia no diagnostico de astasia-abasia que havia sido feito em primeiro lugar pelo Dr. Souza Leite[3] sendo a fórma da abasia-choreiforme o typo clinico predominante. Eu, que tambem consagrei a essa epidemia um pequeno trabalho[4] tenho conhecimento de explosões da epidemia choreiforme, quando já se tinha ella generalizado, em diversos *candomblés* e sambas.

---

1 *Choreomania, Gazeta Medica da Bahia.* Abril, 1883.

2 Dr. Alfredo Britto, *Contribuição para o estudo da "Astasia-Abasia" neste Estado.* Terceiro Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia. Bahia, 1890, pag. 99.

3 Dr. Souza Leite, *Études de pathologie nerveuse.* Paris, 1889.

4 Dr. Nina Rodrigues, *Abasia choreiforme epidemica no norte do Brazil.* Brazil-Medico, 1890.

E se comprehende que si foi notavel, como ficou provado, a influencia da marcha beri-berica no desenvolvimento da molestia, pela apparencia longinqua que tinha com a do choreico, muito mais importante devia ter sido o effeito suggestivo das contorsões das dansas sagradas dos negros.

Si tudo isto, porém, torna indiscutivel a existencia da hysteria na raça negra, eu faço reservas em todo o caso sobre a frequencia relativa da molestia em comparação ao que ella é na raça branca e sobretudo nos mestiços. Um facto que tenho por acertado é que a hysteria paroxystica ou de ataques é menos frequente nos negros e acredito que esta raridade relativa dos ataques hystericos é que explica a opinião dos que negam a existencia da nevrose, naturalmente porque ainda educados na concepção da hysteria de Briquet, não podem comprehender hysteria sem ataque e, como o Sr. Dr. Lacerda, veem na hysteria interparoxystica "esses estados nervosos mal definidos que são hoje considerados como hystericos".

No emtanto a demonstração da hysteria na raça negra em rigor não resolve o nosso problema. O estado de santo, como um estado somnambulico

que é, podia não depender da hysteria. Afóra o chamado somnambulismo espontaneo que, parece, se vai de todo resolvendo na hysteria, o somnambulismo póde ser ainda uma manifestação hypnotica, hysterica ou epileptica. Ora, ainda ha poucos annos o Dr. Baret,[1] da marinha franceza, dando conta á *Société médico-psychologique,* dos casos de *Kitsiune-tsùki,* uma fórma estranha e especial de possessão pelas rapozas, observada no Japão, contesta a origem hysterica que lhe attribue o Dr. Baelz, de Tokio. Reconhece a filiação desses casos á theoria geral da possessão, declarando que "rapozas ou demonios, a etiologia é a mesma que para os possessos da idade media"; reconhece o papel da suggestão ambiente e particularmente da auto-suggestão, declarando que "o reconhecimento pelo doente de casos de possessão e a crença firme na possibilidade de taes accidentes, é uma condição absolutamente necessaria"; mas entende que a molestia não está ligada á hysteria, parecendo ser um *delirio nevropathico* cuja fórma se explica pelas

[1] Dr. B. Baret, *Sur un délire nevropathique avec dédoublement de la personnalité observé au Japon, le Kitsiune-tsùki, ou possession par les renards.* Annales médico-psychologiques, 1892, vol. I, p. 453.

idéas supersticiosas especiaes ao paiz em que elle é observado, cuja frequencia relativa se explica pela predisposição hereditaria atavica, desenvolvida ha nove seculos, que tanto data da importação chineza desta superstição e a pathogenia pela suggestão da palavra, do exemplo, auto-suggestão, etc.

Sómente o Dr. Baret não nos diz de que natureza é esta *nevropathia delirante* especial, nem si é facil distinguil-a, não da antiga hysteria, molestia preponderantemente physica, mas da hysteria na sua concepção psychologica ou vesanica actual.

Mais importante me parece uma consideração de outra ordem. Estabelecendo as condições da suggestão, Pierre Janet observa que a molestia da personalidade em que ellas se synthetizam se póde encontrar em numerosos estados. Mais tarde estudando o estreitamento do campo da consciencia que é talvez a consequencia principal dessa alteração da synthese actual dos phenomenos, acompanhada da conservação da associação automatica dos elementos psychologicos, elle cita, alem da hysteria, certos alienados, "os neurasthenicos, os estupidos; mesmo os imbecis e os idiotas", como

casos em que esse estreitamento póde ser observado. Ora, dado o fraco desenvolvimento intellectual dos negros africanos[1] e a neurasthenia que deve ser uma consequencia do esgoto em que os põem todas essas praticas extenuantes de iniciação e invocação de santo, não serão ellas acaso as condições desse desdobramento de personalidade com estado de possessão suggestivo que temos estudado sob a denominação de estado de santo? Mas então será difficil não ver inteira equivalencia entre essas condições de fraco desenvolvimento intellectual e neurasthenia provocada sem manifestações francas da hysteria, nos negros primitivos, de um lado; e a mesma hysteria com os caracteres que a nevrose adquire nas raças superiores, nos negros que se civilizam e nos seus mestiços de outro lado. O fraco desenvolvimento intellectual do negro primitivo, auxiliado pelas praticas exhaurientes das superstições religiosas, como factor do estado de possessão de santo equivale, pois, á hysteria que, para os negros mais intelligentes, constitue esse factor. E se póde então

---

[1] Vide as objecções a esse modo de ver, de Nina Rodrigues, *in* *"O Negro Brasileiro"*, *passim.* (Nota de A. R.).

comprehender como, mesmo para os negros em que as manifestações communs da hysteria não são francas, Pierre Janet tem razão de affirmar que "esta divisão da personalidade que se manifesta no somnambulo e no medium, é precisamente o que nós chamamos hysteria, porque ella se encontra em todos os phenomenos que se consideram como hystericos".

Girard de Rialle[1] tinha assim profunda intuição da verdade quando escrevia: "O mysticismo, que não é incompativel com as idéas fetichistas, determina, sobretudo em seres insufficientemente desenvolvidos no ponto de vista intellectual, um estado nevropathico, ou uma especie de hysteria, que não foi ainda bem estudada, mas de que os phenomenos da exaltação religiosa indicam assaz claramente sinão a natureza, pelo menos a existencia. Esta nevrose ou hysteria tem um grande papel no desenvolvimento da religiosidade humana; e nós a encontramos amplamente em todos os povos fetichistas."

---

[1] *Loc. cit.*, pag. 188.

Capitulo IV

CERIMONIAS DO CULTO FETICHISTA: CANDOMBLÉS, SACRIFICIOS, RITOS FUNERARIOS

Chamam-se *candomblés* as grandes festas publicas do culto yorubano,[1] qualquer que seja a sua causa.

Entre os motivos principaes, figura, como já vimos, a iniciação ou feitura de santo. Mas, uma vez iniciado, todo filho de santo contrai a obrigação moral de festejar o seu santo, com pompa variavel segundo os recursos de cada um, nos anniversarios da iniciação. São as festas chamadas de *dar de comer ao santo*. Quando esta festa

---

1 Nestes dois ultimos capitulos, Nina Rodrigues modificou as graphias *Jorubá, jorubano...* para *Yorubá, yorubano...* (Nota de A. R.)

é a de algum pai ou mãi de terreiro, o *candomblé* toma grandes proporções, já porque o pai de terreiro em geral tem ou festeja muitos santos, já porque, sendo estas festas as épocas preferidas para as iniciações, acontece que diversos anniversarios acabam por coincidir com aquelles dias e num mesmo *candomblé* se fundem muitas festas distinctas, para que concorrem outros tantos iniciados ou crentes.

Como indica a denominação de *dar de comer ao santo,* a festa consiste essencialmente na pratica de sacrificios. Entre os negros bahianos, como entre os seus ascendentes de Guiné, o sacrificio chegou a essa phase do seu aperfeiçoamento ou evolução em que, instigado pelo desejo de fazer economias, o crente substitue o todo pela parte. Isto é, destina-se ao santo o sangue ou uma parte das visceras dos animaes, sendo o corpo servido aos donos da festa e seus convidados. Nos *candomblés* bahianos, o sacrificio varia segundo os recursos do crente e as exigencias do ritual, desde um boi, uma cabra, um carneiro até uma gallinha ou um pombo. Como em todos os sacrificios, o sangue, na sua qualidade de vehiculo ou elemento

essencial da vida, tem para os santos negros particular estima e preferencia.

O animal é conduzido a um lugar de eleição, junto de certas arvores sagradas, ou mesmo no recinto do santuario, e ahi é sangrado pelo *Agosun* ou sacerdote sacrificador, que deixa correr sobre o fetiche o sangue, que é recebido abaixo em vazos especiaes. Retira-se então o animal para ser esfolado e aberto. Vem por sua vez o pai ou mãi do terreiro e de cada parte do animal ou de certas visceras separa um pequeno pedaço, destinado aos alimentos especiaes do santo. Com estas partes de escolha, fazem-se bifes, moquecas ou guizados, *vatapás* ou *carurús,* que são collocados em pratos ou outros vazos junto ao altar do santo, ou proximo da arvore onde foi feito o sacrificio. Assim em torno ou em frente do altar dos fetiches alinham-se vazos contendo sangue, pratos de comidas, tigelas com *acaçás* batidos e quartinhas com agua. Quasi sempre quando o fetiche é de pedra, retiram-no do lugar em que está collocado no altar e deitam-no de immersão, dentro da tigela que contém o sangue, sobre fios de contas e outros objectos considerados sagrados. No dia da grande festa

de *Yê-man-já* no Garcia, o sacrificio occupa todo o recinto do *Peji.*

No centro, dentro de uma grande tigela de tampa, de frisos dourados, está o fetiche immerso em sangue de carneiro, em torno, em diversos pratos, *acaçás* inteiros e batidos, sobre folhas as entranhas de uma gallinha, e outros vazos com iguarias diversas, mais afastadas ainda as quartinhas de agua de santo. O destino dos alimentos de santo é variavel. A maior parte das vezes fica ali, apodrece, é destruido de qualquer modo ou em dias determinados é substituido por outros. Certamente os negros não acreditam que os fetiches comam os alimentos materiaes, mas que o recebem sob a fórma da alma ou fantasma do alimento.

Tylor nota com razão que quer os mortos, quer os deuses são vistos muitas vezes pelos fetichistas, em sonhos ou em extases religiosos, trazendo os objectos que lhes foram offerecidos em sacrificios, sob uma fórma immaterial em que esses objectos seriam inaccessiveis aos mortaes. No emtanto, em certos casos os alimentos que serviram ao sacrificio podem ser consumidos pelos crentes. Assim, a agua de santo é tida como dotada de grandes vir-

tudes medicamentosas. Mas só o dono do fetiche ou o feiticeiro póde servir-se do alimento divino.

Os animaes do sacrificio, afóra a pequena porção destinada aos fetiches, são consumidos pelos negros. Os pratos dos *candomblés* são afamados. Os *vatapás*, os *carurús*, os *acarajés, abarás, aberens, moquecas*, etc., comidas fortemente acondimentadas e gordurosas, em que entram em larga profusão a pimenta e o azeite de dendê —, que dão á cozinha bahiana a sua feição tão especial e orginal em todo o Brazil, não são mais do que pratos ou iguarias dos *candomblés* fetichistas.

Nos grandes terreiros, como os do *Engenho Velho* e do *Gantois* nesta cidade, a comida é dada liberalmente a todos os vizitantes. Tenho assistido a esses banquetes em que se expõem grandes gamellas, bacias de barro, pratos enormes com comidas variadissimas aos convidados que dellas se queiram servir. Isto não exclue que haja mesas reservadas para as pessoas de maior distincção e que estes manjares convenientemente acondicionados sejam enviados de presente a casas de familias.

Como era de prever, os sacrificios estão subor-

dinados a regras e ritos particulares para cada caso ou santo, o que dá a alguns delles feição especial. O sacrificio a *Esú,* por exemplo, é feito nos matos, nas encruzilhadas das estradas quando o *candomblé* tem lugar no campo; ou ao contrario atraz de uma porta si o *candomblé* se realiza nas cidades. Consiste em matar-se um gallo, cujo sangue é recebido sobre o fetiche a que se consagram ainda os pés, as pennas e a cabeça da ave. O gallo é assado e comido fóra da casa, no lugar onde se fez o sacrificio. As mulheres, porém, nem podem comer da ave, nem são admittidas nesta cerimonia.

Já tive occasião de assistir a um destes sacrificios, na tarde inicial de um *candomblé.* No ponto em que se cruzavam duas estradas de rodagem, existia um fetiche *Esú* numa especie de caramanchão talhado numa touceira de bambús. Informado da hora em que devia ter lugar a cerimonia, ali fui ter com um amigo quasi ao anoitecer. Encontramos na estrada uma fogueira em que quatro negros assavam um gallo já depennado e a que tinham retirado a cabeça e os pés. A hora adiantada não nos permittia mais verificar o que tinham feito. Voltei no dia seguinte pela manhan.

O fetiche collocado sobre uma especie de tamborete de pequena altura estava coberto com um grande fragmento de póte de barro. Aos lados, viam-se a cabeça e os pés do gallo, um *acaçá* dentro das folhas que o prepararam, duas quartinhas uma com agua e outra com um liquido cuja natureza não pude reconhecer, e uma cabaça bem pequenina contendo um liquido e suspensa a um ramo proximo. O fetiche estava literalmente encharcado de azeite de dendê. Na entrada do caramanchão estavam depostas as pennas do gallo.

Não faz parte do sacrificio, como aliás muita gente suppõe entre nós, a pratica de feitiçaria que consiste em soltar ou abandonar certos animaes e cuja significação é a seguinte: por meio de processos magicos, o feiticeiro fixa a molestia ou as infelicidades do seu cliente em certo e determinado animal, cabra, carneiro, gallinha ou pombo; em seguida abandona o animal expiatorio, para que alguem delle se apodere e attraia sobre si os males de que elle é portador. E' uma pratica de feitiçaria muito seguida na Africa occidental, onde o objecto em que se fixa a molestia toma o nome de *Keti*.

No emtanto, nem sempre o sacrificio é destinado

aos deuses ou fetiches. Ha ainda sacrificios funerarios em honra aos manes ou almas dos seus maiores. Comprehende-se com facilidade que havia de ser principalmente no que diz respeito ás honras funebres que a imposição das formalidades catholicas ao enterramento dos negros suppostos convertidos, devia de alterar de modo mais completo os ritos fetichistas dos Africanos. Mas ainda assim, naquillo que lhes não podiam tolher ou coagir, no culto ás almas dos seus mortos, as praticas fetichistas mantiveram-se firmes apezar da associação que soffreram com as praticas catholicas.

Hoje apparentemente o enterro de um negro fetichista, mesmo de um negro africano, faz-se como um enterro qualquer. Mas nem é tanto assim e nem sempre foi assim. O Sr. Dr. Mello Moraes nos dá a seguinte descripção, que tomamos a liberdade de simplificar, do que foi um enterro africano no Rio de Janeiro.

"Os negros no Rio de Janeiro, escreve o Dr. Mello Moraes[1] (*Um funeral moçambique em*

---

1 Mello Moraes Filho, *Festas e tradições populares do Brasil*. Rio de Janeiro.

1830), enterravam os seus de um modo completamente particular emquanto ao cerimonial que antecedia ao acto da inhumação. Diversificados conforme as tribus, os moçambiques salientavam-se no apparato funebre, a que faziam preceder por vezes de outros deveres, dependentes dos recursos pecuniarios do compatriota morto. Assim quando fallecia um pobre de sua nação, os parentes e parceiros o conduziam em uma rêde que ficava desde ao amanhecer junto do muro de uma igreja ou á porta de qualquer venda. Duas negras, de face pezarosa e vestidas de luto, conservavam-se com duas velas accesas junto á rede funeraria, recolhendo dos passantes o obolo da caridade para o enterro, completando a somma os compatricios do defunto que appareciam no momento.

"Não sendo o finado totalmente miseravel, possuindo bens ou dinheiro, as pompas funebres tornavam-se regulamentares, e tanto mais ruidosas quando se tratava de algum personagem illustre entre elles, taes como reis, rainhas e principes de raça. Excluindo os carregadores da rêde mortuaria, o mestre de cerimonia e o tambor-mór, o prestito compunha-se de mulheres ou de homens,

conforme o sexo do cadaver. O de pessoas reaes congregava ambos e mais ainda as crianças. O acompanhamento era o mais atroador e rude... A procissão que até a saida do corpo limitar-se-ia a meia duzia de parentes e raros amigos do defunto, desde um pouco adiante avolumava-se consideravel, por isso que os negros da mesma terra, os conterraneos da mesma patria o seguiam ás despedidas do captiveiro e do tumulo.

"A' frente ia o mestre de cerimonia, um pouco mais atraz o tambôr-mór, e ladeando a rêde coberta com um panno preto sulcado de uma cruz branca, a familia rodeada de moçambiques, que batiam palmas cadenciadas e cantavam os seus lamentos. Segurando dos lados a cortina mortuaria, os filhos e os intimos caminhavam vagarosos ao estrondo do tambôr que a cada passo fazia-se ouvir ecoando lugubre. Por volta das 5 horas da tarde chegava habitualmente o cortejo á Lampadosa.[1]

---

1 "A Igreja da Lampadosa, que em 1830 era servida pelo clero negro e pertencia a uma irmandade de mulatos, constituia-se a necropole fidalga dos Africanos desta cidade e diante do seu adro vinham parar os funebres prestitos, executando o seu ritual lugubre no meio de alaridos selvagens e de dansas funerarias."

"Estendidos em alas, os ganhadores e as quitandeiras ethiopes, com os cestos e taboleiros á cabeça esperavam o prestito que ao longe era annunciado por dois sinos. Apenas estes dobravam, os contristados pretos arriavam no chão as suas cargas, ensaiavam os seus lamentos... Os convidados da morte, na observancia de seus ritos solemnes, transpunham o largo do Rocio e entravam na rua do Sacramento. Com dois lenços vermelhos cobrindo-lhe o peito, de calça curta, e de rodilha verde na cabeça, o mestre de cerimonias, rompendo a marcha, fazia evoluções com uma vara á cadencia das palmas que batiam os negros nas calçadas e os acompanhadores. Nisto os sinos tangiam pela ultiva vez, e o negro do tambôr, escanchado em seu bombo, batucava com os punhos cerrados, aproveitando o silencio que succedia ao seguimento da rêde para o recinto da Igreja.

"Apenas esse feretro aereo encaminhava-se balouçando, os canticos funebres em honra do morto reanimavam-se, as palmas reproduziam-se mais acceleradas, o rufar do tambôr era mais veloz e a rêde... penetrava no templo. Depois... a calma era profunda. E a treva, descendo silente

nos braços da noite, velava o ultimo somno do captivo."

Bem se vê que esta descripção não é mais do que o fructo de uma observação superficial daquillo que a cerimonia devia ter de mais exterior. Assim o provam as praticas funerarias ainda hoje seguidas pelos africo-bahianos, quando elles já não possuem mais a liberdade de enterrar os seus mortos como bem lhes parece.

Os negros *musulmis* revestem os seus mortos de uma tunica branca a que chamam de *camisú* e deitam-lhes em torno da cabeça uma especie de turbante de que cai uma extensa faixa ao longo do lado direito do corpo. O cadaver é collocado de lado no esquife e sempre que podem enterram-no com a orientação para o poente. A respeito das praticas funebres dos *malês* e de outras nações africanas correm entre os negros versões mais ou menos estranhas de que não pude ter ainda informações exactas. Dizem que têm elles, de accôrdo com um rito barbaro, de fracturar todos os ossos longos dos membros, e torcer o pescoço do cadaver de modo a dar-lhe a maior mobilidade.

Os outros negros enterram hoje os seus mortos

sem outras formalidades especiaes a não ser a de introduzirem no ataúde do morto os seus santos ou fetiches si elle não deixa filhos ou parentes que se queiram encarregar de continuar o culto do santo. E' tal a preoccupação e o onus que acarreta ao iniciado o culto do seu santo especial, que os negros têm o maior receio de ficar com santos ou fetiches de outras pessoas e em particular de pessoas fallecidas. Entendem que do momento que conservam o fetiche alheio, cabe-lhes o dever imperioso de occupar-se delle como se occupariam do seu proprio santo. E então todos os pequenos contratempos, as molestias, as infelicidades que experimentam d'ahi por diante são interpretadas como uma consequencia das faltas commettidas para com o fetiche, que ou ficou esquecido, ou não se julga convenientemente tratado. No cemiterio das quintas dos Lazaros, preferido pelas pessoas pobres, encontram-se commummente, por occasião de serem revolvidas as sepulturas antigas, de envolta com os esqueletos, innumeros fetiches e idolos africanos.

Quando, porém, o morto era iniciado, ou pessoa de sua familia, todo o terreiro a que elle pertencia

toma parte no luto, comparece ao enterro e prepara-se para a missa do setimo dia. Este acto da religião christan póde, no emtanto, não ter lugar nesse prazo e sim numa época mais ou menos remota, muitos mezes depois, quando a familia tem adquirido os meios de fazer o *candomblé* funerario. Manda-se então dizer uma missa a que comparecem todos os membros do terreiro, parentes e conhecidos.

Não ha nesta cidade quem não se tenha encontrado com um desses grupos enormes de Africanos, seus descendentes e amigos, ao sair de uma igreja onde mandaram rezar a missa pelo seu morto. O grupo é tão especial que prende forçosamente a attenção. D'ahi dirigem-se directamente a um *candomblé* funerario, cuja importancia depende dos recursos da familia. Este *candomblé* dura em geral um ou dois dias, dansa-se e fazem-se nelle sacrificios á alma do morto e aos santos. E' muitas vezes nesta occasião que se dá destino aos santos e paramentos do morto. Um pai de terreiro afamado sabendo-se sem descendentes, havia pedido que por sua morte parte dos ornatos do seu *Peji* fosse exposta numa arvore sagrada da vizinhança

e a outra parte juntamente com os seus santos fosse lançada num rio proximo. Depois de um grande *candomblé* funerario, alta noite, foram os seus discipulos ou filhos de santo satisfazer-lhe a ultima vontade. Mas a maré estava ainda a prêa-mar, de sorte que as peças foram lançadas na praia e com a vasante ficaram pela manhan a descoberto. Um meu amigo mandou recolhel-as e, tendo lavado algumas, m'as enviou. Offereci-as ao museu de medicina legal da Faculdade, onde se acham actualmente. Constam de uma haste de ferro de uns trinta centimetros de comprimento adorada como fetiche de *Ogun,* uma tosca espada de ferro, das mesmas dimensões e do mesmo santo; um avental vermelho bordado de buzios da Costa, de *Sangô* e uma peça incompleta de *Oso-osi,* pequeno disco de ferro a que se prende por tres digitações um cabo do mesmo metal com uns vinte e tantos centimetros de comprimento. Sobre o disco devia haver uma especie de pomba, que não existe mais. Não consegui apurar, porém, si a vontade do pai de terreiro tinha sido manifestada em vida, como affirmaram os seus discipulos, ou si por invocação e possessão de algum santo, como acon-

tece muitas vezes e tenho motivos para crêr que tivesse succedido neste caso.

As idéas que fazem da outra vida os africo-bahianos são evidentemente inspiradas pelo ensino e a convivencia dos catholicos. Sempre que os interrogo a este respeito encontro nelles a idéa ou pelo menos o conhecimento de uma outra vida de recompensa para os bons e de castigos para os maus. A maior parte dos Africanos não sabe para onde vão as almas do outro mundo, mas quando se insiste com elles declaram que ellas vão para o céu ou para o inferno. Apenas em alguns negros que estiveram por muito tempo na Africa se encontram idéas da celebre instituição dos *Mumban-Jumban,*[1] destinada a castigar e corrigir as mulheres. Um delles me dizia que de almas do outro mundo só havia de especial na Africa uma maçonaria[2] em que as mulheres não podiam tomar parte e em que a alma apparecia e passeiava pela cidade muito a sua vontade. Mas que não me podia dizer

---

1 *Mumba-Jumbon,* na traducção franceza. (Nota de A. R.)

2 Na traducção franceza, depois da palavra maçonaria, a frase entre parenthesis: *(peut-être l'association nommé chez les Nagôs* Ogbonis). (Nota de A. R.)

os segredos da maçonaria porque os homens que os revelassem seriam severamente punidos por processos magicos, estivessem onde estivessem.

Todos os *candomblés* têm uma feição commum, mas as praxes e a organização da festa variam consideravelmente de terreiro a terreiro. O terreiro do *Gantois* faz a sua grande festa annual em fins de setembro, a começar de um sabbado, e de ordinario a prolonga por um mez. A mãi de terreiro Julia, velha africana, transfere-se para ali na sexta-feira afim de preparar e armar o *Peji* e dispôr tudo para o *candomblé*. Assiste-a immediatamente sua filha Pulcheria. Sabbado á noite começam os preparativos; domingo pela madrugada vão as filhas do santo buscar a agua sagrada em grande romaria a uma fonte proxima. Em vasta gamella, collocada em frente ao barracão, deita-se esta agua em profusão tal que chega a formar pequeno regato pela ladeira abaixo. Esta agua é destinada á lavagem de santos e a encher os pótes e quartinhas do *Peji*.

Para a tarde a affluencia da população ao terreiro é enorme. Tanto para o terreiro do Gantois como para o do Engenho Velho, tenho ouvido

avaliar a concurrencia, nos dias principaes, em muitos milhares de pessoas. E' fóra de duvida que o acrescimo de movimento nas linhas de bonds urbanos torna-se nestes dias muito sensivel. Sob o titulo *Candomblé* escrevia o *Diario de Noticias,* desta cidade, a respeito de uma das ultimas festas do *Gantois*: "Communicam-nos que ha seis dias está funccionando, no lugar denominado *Gantois,* um grande *candomblé.* Os bonds da linha *Circular* e *Transportes* passavam, depois de meio-dia até ás cinco horas da tarde, cheios de povo que para ali tem affluido." Este topico referia-se á festa de *Oso-osi* na quinta-feira do *candomblé.*

Feito domingo á tarde ou á noite o sacrificio propiciatorio a *Esú,* começam as festas sagradas com a seguinte destribuição: segunda-feira, consagrada a *Esú;* terça-feira, a *Osumanrê;* quarta-feira a *Sangô;* quinta-feira, a *Oso-osi;* sexta-feira, a *Oubatalá* ou *Orixa-lá;* sabbado, a *Osuguinan;* domingo, a todos os santos ou *orisás.*

Respectivamente nos dias correspondentes da semana seguinte se repetem as festas com outros sacrificios, mudança de comida e de agua de santo. No emtanto, em alguns destes dias se podem fes-

tejar ao mesmo tempo varios santos, que as mais das vezes não são sinão nomes differentes ou invocações diversas do mesmo personagem divino.

A musica e os canticos não são continuos durante todo este tempo. Grande parte do dia passam as negras em sambas e dansas destituidas de caracter religioso. Nos grandes dias de festas exhibem dansas de fantasia, muito ao sabor da nossa população que não perde ensejo de repetil-as durante o anno. As raparigas com vestimentas de côres vistosas, trazendo os classicos turbantes e pannos da Costa, pulseiras colossaes e grandes voltas de ouro em torno do pescoço, dansam com quartinhas douradas na cabeça, simulando a romaria á fonte sagrada.

Ao contrario destas dansas que se fazem ao ar livre, debaixo das grandes arvores do terreiro, as dansas sagradas se realizam quasi sempre na sala principal do barracão. Regulam-nas a hierarchia dos santos e a dos sacerdotes. Quasi sempre quem estréa é uma das dignidades que mais se tornam respeitaveis já pelo saber em coisas fetichistas, já pela idade, já pelo caracter de visitante ou hospede. Outras vezes as figuras da dansa não são isoladas,

ao mesmo tempo occupam o circulo de dansa formado pelos espectadores, muitas filhas de santo que marcham em grande roda umas atraz das outras e cada qual fazendo maiores tregeitos com o corpo, ao mesmo tempo que acompanham o compasso do *batucagé* com movimentos alternados de elevação e abaixamento dos braços, mantidos os ante-braços em meia flexão. Este acompanhamento é tão caracteristico das dansas sagradas que nem só figura em todas as marcas, como ainda não é difficil nem raro ver entre os espectadores muitos que, inconsciente e talvez mesmo involuntariamente, acompanham nesse compasso as diversas evoluções da dansa. De ordinario, as filhas de santo, no meio da excitação que produz a dansa, saem de vez em quando do circulo para vir abraçar e cumprimentar a mãi de terreiro e as outras dignidades sacerdotaes, sem todavia perder o rhythmo dos movimentos e o compasso da musica. Estes cumprimentos variam muito de fórma; simples abraços, applicação da face de um e outro lado da face da pessoa cumprimentada, um pouco á guiza dos osculos porque se cumprimentam as senhoras da nossa sociedade, outras vezes se pros-

tram no chão, abraçam os pés da mãi de terreiro de um e outro lado, ou no *Peji* applicam a face no sólo successivamente de um e de outro lado.

No Gantois, o *candomblé* termina sempre por uma missa mandada dizer ao Senhor do Bomfim na ultima sexta-feira e com um almoço final no domingo seguinte.

Taes são em largos traços e nas suas grandes linhas a religião e o culto fetichista dos africo-bahianos no que elles conservaram de quasi puro das suas tradições africanas.

Não está ahi por certo, uma exposição completa, em todo o rigor, das minudencias do culto, extreme de uma ou outra interpretação menos exacta. Muito mais fôra necessario para conhecer a serie interminavel dos *orisás* e todas as particularidades dos differentes ritos. Não sei mesmo si um conhecimento assim completo da mythologia africana no Brazil seja coisa exequivel e mais do que uma simples aspiração. A propria mythologia yorubana confunde-se com o vago do fetichismo ou animismo diffuso e incoherente de que ella mal emerge e em que apenas se esboça. Não será facil, portanto,

descobrir-lhe limites ou contornos bem definidos, nem muito menos buscar ahi um corpo qualquer de doutrinas, systematizado e fixado pela escriptura, como nas grandes religiões polytheistas e monotheistas. Como quer que seja, este estudo basta aos intuitos com que foi feito, pois delle decorre de modo indiscutivel que o fetichismo africano, organizado em culto mais ou menos completo, ainda hoje persiste na Bahia tal como existe na Africa.

De passagem e ligeiramente indicarei, todavia, aos ethnographos brazileiros um ponto digno de ser apurado convenientemente.

E' opinião que tenho visto sustentada por autores patrios de nomeada que os negros africanos vindos para o Brazil pertenciam ao grupo bantú ou cafre. Ora, a religião dos africo-bahianos torna esta opinião muito discutivel e carecedora de revisão pelo menos para a Bahia. A primeira opposição a esse modo de ver está no numero de negros mahometanos existentes neste estado. Esse numero foi muito avultado na antiga provincia e o prestigio que adquiriram os filhos de uma nação africana superequatorial, Haussá, foi tão grande que

obrigou o governo brazileiro a tomar medidas de alto rigor como fosse a deportação dos *malês* libertos para a Africa, decretada em 1858.

Ora, os negros bantús foram chamados cafres (*kaffirs*, infieis) pelos arabes, precisamente para significar que elles não se tinham convertido ao Islamismo. Demais é facil seguir em qualquer carta geographica africana os limites das regiões convertidas ao Islamismo na Africa, limites que estão muito acima dos negros subequatoriaes ou bantús.

Depois, a mythologia de yorubá e jebús, nações africanas superequatoriaes, tão bem organizada no seu culto na Bahia e tão geralmente seguida pelos africo-bahianos, ainda vem contrapôr-se áquella opinião mesmo para o caso dos negros não convertidos ao Islamismo. Realmente a julgar pelos autores que pude consultar o fetichismo dos bantús é muito mais simples e rudimentar do que o dos negros da Africa Occidental. Salientando a intelligencia de que são dotados os negros bantús, o Dr. Letourneau insiste sobre a ausencia ou pelo menos a inferioridade da sua concepção mythologica. "Como se devia esperar do que precede, es-

creve elle,[1] a imaginação mythica dos cafres é muito indigente. A maior parte dos seus deuses, melhor dos seus espiritos, procede directamente das idéas de todo primitivas que têm a respeito da sobrevivencia das sombras." Mais adiante, em contraposição aos cafres, elle salienta a preponderancia mythica no animo dos negros da Africa Occidental. "Na Africa Occidental, escreve elle, o animismo primitivo é mais desenvolvido. Nessas regiões onde a vida do homem é coisa tão precaria os pobres indigenas são muito dispostos a attribuir um poder sobrehumano ás coisas e ás pessoas... Foi para essas populações da Africa Occidental que se inventou a palavra "fetichismo". De facto, é nesta região que se vai encontrar como na Bahia, as *casas fetiches* ou *Iará-Orisás,* a feitiçaria se organizando em culto, o fetichismo diffuso se constituindo em mythologias rudimentares, a idolatria em via de progresso, etc., etc.

Debalde procurei entre os africo-bahianos idéas religiosas pertencentes aos negros bantús.[2] Até hoje

---

1 Letourneau, *L'évolution religieuse dans les diverses races humaines.* Paris, 1892, pag. 69.

2 Procurei demonstrar, no emtanto, sobrevivencias religiosas

não conheço um só negro que faça idéa siquer do que seja o *morimô* ou o *Unkúlunkulú*, dos Amazulús. Não pretendo que não existam na Bahia negros bantús, mas apenas que a julgar pelas fórmas religiosas persistentes não constituiram a procedencia principal dos negros importados pelo trafico.

Conviria apurar, pois, donde provém a contradição apontada. Para isso, porém, fôra mister compulsar documentos e remontar a investigações de todo estranhas á indole e natureza deste trabalho. Outros mais competentes dar-lhe-ão sem duvida a solução desejada.

---

afro-bantus, mesmo entre os negros da Bahia, no capitulo *Os cultos de procedencia bantu* do livro "*O Negro Brasileiro*". (Nota de A. R.)

Capitulo V

A CONVERSÃO DOS AFRICO-BAHIANOS AO CATHOLICISMO[1]

O animismo fetichista africano, diluido no fundo supersticioso da raça branca e reforçado pelo animismo incipiente do aborigene americano, constitue o sub-sólo uberrimo de que brotam exuberantes todas as manifestações occultistas e religiosas da nossa população. As crenças catholicas, as praticas espiritas, a cartomancia, etc., todas recebem e reflectem por igual o influxo da feitiçaria e da idolatria fetichista do negro.

Em materia de conversão das raças inferiores ás crenças religiosas das raças superiores, o negro

---

1 Este capitulo foi publicado na *Revista Brasileira* sob o titulo *Illusões da catechese no Brasil,* e depois incorporado ao *Anim. Fetich.,* na traducção franceza, com o titulo acima. (Nota de A. R.)

bahiano não podia fazer excepção á regra geral. Aqui, na Bahia, como em todas as missões de catechese dos negros na Africa, sejam ellas catholicas, protestantes ou mahometanas, longe do negro se converter ao catholicismo é o catholicismo que recebe a influencia do fetichismo, se adapta ao animismo rudimentar do negro que, para tornal-o assimilavel, materializa e dá corpo e representação objectiva a todos os mysterios e abstracções monotheistas. Quando se examinam de perto as crenças religiosas do africo-bahiano, se reconhece para logo que é indispensavel estabelecer uma distincção prévia entre os Africanos que ainda existem aqui e uma minoria dos seus descendentes de um lado, e os negros creoulos e seus mestiços de outro.

Nos negros africanos que ainda existem neste estado, e nos filhos que os Africanos libertos puderam educar como entenderam, a conversão religiosa não fez mais do que juxtapôr as exterioridades muito mal comprehendidas do culto catholico ás suas crenças e praticas fetichistas que em nada se modificaram. Concebem os seus santos ou *orisás* e os santos catholicos como de categoria igual, embora perfeitamente distinctos. Abrigados

na ignorancia geral da lingua que elles falam e na facilidade com que, para condescender com os senhores, os Africanos escravizados se declaravam e apparentavam convertidos ao catholicismo, as praticas fetichistas puderam manter-se entre elles até hoje quasi tão extremes de mescla como na Africa.

Sem duvida os Africanos que ainda existem na Bahia, embora todos já bem velhos, representam em geral individuos que vieram para o Brazil muito crianças. Mas, afinal, isso importa pouco porque as praticas do culto e as suas crenças foram recebidas directamente do ensino de Africanos vindos adultos e que aqui fundaram templos ou *terreiros* em tudo iguaes aos da Africa. Depois, as viagens constantes para a Africa, com navegação e relações commerciaes directas como ainda hoje existem, facilitaram a reimportação de crenças e praticas, porventura um momento esquecidas ou adulteradas. Conheço muitas negras que têm feito diversas viagens á Africa e lá se têm demorado mais ou menos tempo. Da Africa recebem ellas *cauris, obi* (noz de kola) e muitos outros objectos do culto.

Para o negro creoulo e para o mestiço, que não receberam a influencia tão directa da educação de pais africanos, que delles se foram segregando pela ignorancia da lingua e maior convivencia com os outros elementos da população mesclada e heterogenea do estado, as praticas fetichistas e a mythologia africana vão degenerando da sua pureza primitiva, gradualmente sendo esquecidas e abastardadas, ao mesmo tempo que se transfere para os santos catholicos a adoração fetichista de que eram objecto os *orisás*. Esta phase de transição é curiosa e instructiva e convém ficar apurada por uma vez, porque, quando tiverem desapparecido de todo com os ultimos Africanos as praticas regulares dos seus cultos será muito mais difficil demonstrar que é ainda pura e simplesmente fetichista o culto que os negros possam dispensar aos santos catholicos. Farei observar todavia que não será certamente para muito cedo a extincção total dos cultos africanos neste estado, pois, não só são elles bem aceitos pelos creoulos e mestiços, como já vai bem adiantada a obra da transmissão da sua direcção aos negros creoulos e aos mulatos.

A distincção entre *candomblés* africanos e *can-*

domblés nacionaes é hoje geralmente conhecida. Um dia inqueri de uma velhinha africana que assistia de longe as dansas sagradas do Gantois, se ella não tinha santo e porque não ia dansar. Respondeu-me que o seu terreiro era de gente da Costa (Africanos) e ficava no bairro de Santo Antonio; que o terreiro de Gantois era terreiro de gente da terra (creoulos e mulatas). Conheço diversos pais e mãis de terreiro creoulos. E, quer no Gantois, quer nos outros terreiros desta cidade e do interior tenho visto entre os iniciados mulatos e mestiços de todos os sangues. Os mais intelligentes, atilados e bem relacionados fazem-se *ougans;* os outros são filhos de santo ou outras dignidades inferiores.

Mas, si no negro africano havia e ha ainda simples juxtaposição das idéas religiosas bebidas no ensino catholico, ás idéas e crenças fetichistas, trazidas da Africa; no creoulo e no mulato ha uma tendencia manifesta e incoercivel a fundir essas crenças, a identificar esses ensinamentos. Como que para demonstrar que as leis da evolução psychologica são fundamentalmente as mesmas em todas as raças, esta fusão que tende a adaptar a

comprehensão das concepções monotheistas catholicas á fraca capacidade mental do negro se está fazendo na Bahia exactamente segundo o mesmo processo porque, nos começos do christianismo, se fez a conversão da Europa polytheista ao monotheismo christão então nascente.

A proposito dessa legião de santos catholicos que cria no seio da religião christan um verdadeiro polytheismo para uso das classes menos cultas, escreve Tylor: "O culto christão aos mortos, que decorre naturalmente do antigo culto dos manes foi adoptado no momento da transição que se operou na Europa para corresponder a um outro fim. Os deuses locaes, os deuses patronos de certas profissões, de certos officios, os deuses de que os homens imploravam uma assistencia especial por occasião de necessidades especiaes, eram ainda muito caros ao coração da Europa neo-christan para que se pudesse destruil-os sem nada repor nos seus lugares. Deram-lhes por isso, como substitutos, santos que se encarregaram de suas funcções especiaes e até os succederam nos templos que lhes haviam sido construidos. Depois, com o tempo, o systema da divisão espiritual do trabalho foi appli-

cado com uma admiravel minudencia ao vasto exercito dos santos profissionaes..."[1]

E' estabelecendo por seu turno uma equivalencia, que facilmente se converte em identificação, entre os santos catholicos e os *orisás* yorubanos, que os negros creoulos se habilitam a comprehender a religião christan a seu modo e a serem considerados convertidos. Ora, ainda uma vez, esta equivalencia ou identificação tem aqui por base uma correspondencia profissional. Para alguns santos a equivalencia está feita e é facil de seguir o processo mental e as analogias em que ella se funda; para outros é menos clara e para alguns ainda não uniforme.

Assim, em todos os terreiros e para todos os negros que conhecem os santos africanos, *Sango* é o equivalente de Santa Barbara ou é a propria Santa Barbara. Mas *Sango* sendo masculino e Santa Barbara do sexo feminino era preciso que entre elles houvesse de commum um ponto de contacto tão capital que tornasse secundaria a differença de sexo. *Sango* é o deus do trovão e é

---

1 Tylor, loc. cit., vol. II, pag. V, 156. (Nota da traducção franceza.)

representado por meteoritos, machados de pedra ou pedra de raio. Santa Barbara é por sua vez a padroeira das tempestades e dos raios de que foi victima. Como é o sentimento de terror provocado pelo phenomeno physico do trovão e do raio, que constitue o elemento fundamental da crença e a origem da invocação do patrono, a identidade mental dos protectores foi mais forte do que as suas differenças individuaes de sexo. Todas as vezes que eu insistia com os crentes fetichistas para me explicarem esta equivalencia physicamente absurda, elles me respondiam invariavelmente com a interrogação: pois a Santa Barbara não é a advogada dos raios? A inversão para alguns negros é mais curiosa ainda. *Sango* tinha por mulher a *Osun,* e Santa Barbara por companheiro no patronato contra os raios a S. Jeronymo. Pois bem, elles invertem as coisas; *Osun* de mulher de *Sango* passa a ser marido de Santa Barbara, e portanto S. Jeronymo. Todavia esta ultima equivalencia não é tão geralmente admittida como a primeira. Muitos negros que consultei a respeito, de todo a desconheciam. *Oso-osi* é considerado equivalente ou synonimo de S. Jorge. Assim no

dia da festa de *Oso-osi*, no terreiro do Gantois, ao passo que no santuario fetichista ou *Peji* se sacrifica a *Oso-osi*, na grande sala de dansa está um quadro com a effigie equestre não pequena de S. Jorge, collocado em um mostrador de tampa de vidro e suspenso na parede do lado direito da sala. De um e outro lado do mostrador acham-se dois castiçaes em que ardem velas dia e noite. Já em tres annos seguidos ali tenho visto a imagem do santo catholico durante o *candomblé*.

A explicação da equivalencia é ainda aqui muito simples. *Oso-osi* era um caçador afamado, que muitas vezes andou a cavallo e serviu-se de lança, e por esta fórma é representado em alguns idolos. Por sua vez, S. Jorge é representado como um cavalleiro de lança em punho. No emtanto, nos terreiros do interior do estado que eu pude observar, o orisá *Oso-osi* é conhecido, mas pouco adorado e a sua equivalencia ou identificação com S. Jorge tão trivial nesta cidade, muito pouco conhecida. Para outros *orisás*, a equivalencia é ainda fluctuante e variavel nos differentes terreiros, o que bem prova que ella está apenas em via de formação.

Grande influencia exerce *Obatalá* ou *Orixa-lá* na devoção das classes inferiores desta cidade da Bahia porque é aqui identificado com o Senhor do Bomfim que, na sua igreja erecta na collina do mesmo nome é objecto do culto mais popular entre nós. Em alguns terreiros do interior do estado, *Orixa-lá* é considerado ao contrario equivalente de Sant'Anna. Nestes ultimos terreiros me explicavam que, sendo Sant'Anna mãi de Nossa Senhora e Nossa Senhora mãi de Deus, de Sant'Anna provêm todos os santos catholicos exactamente como de *Obatalá* dependem todos os *orisás* yorubanos.

Torna-se assim digno de nota como os negros fetichistas se revelam por esta fórma incapazes, não direi de comprehender, mas de acceitar o mysterio do Deus uno e trino dos christãos, e subordinam a filiação divina ás regras e contingencias da filiação humana, fazendo, não sem logica, da avó, isto é, da mãe da mãe de Deus, ultimo termo da genealogia divina que conhecem, — a origem e a fonte de todas as divindades ou santos.

A identificação nesta capital de *Obatalá* com o Senhor do Bomfim me parece provir da paridade

que existe entre o grande prestigio da devoção do Senhor do Bomfim, considerado pela nossa população o mais milagroso dos santos bahianos, e o grande prestigio de *Obatalá* entre os negros. Diversas foram, no emtanto, as explicações que desse facto me deram alguns negros, mais instruidos das suas crenças religiosas, e não duvido que ellas concorram em parte para o mesmo resultado. A uns ouvi que essa equivalencia resulta da paridade da situação dos dois santos (?) nas duas religiões, a dos brancos e a dos negros. O Senhor do Bomfim é aqui o representante de Deus na terra, como *Obatalá* é o de *Olorun* na Africa. E como Deus e *Olorun* não são para elles objecto de culto algum, o Senhor do Bomfim torna-se o primeiro dos santos (pelo menos nesta cidade), como *Obatalá* é o primeiro dos *Orisás.* A outros ouvi que essa equivalencia resulta de estar a igreja do Senhor do Bomfim no alto de um monte, exactamente como na Africa, no cimo de um morro (Oukê) viveu e depois de morto é adorado *Obatalá.*

Um pai de terreiro referiu-me que ha aqui, no arrabalde da Plataforma um morro que tem sido adorado como *Oukê,* porque os negros depois de

terem adorado *Obatalá* sobre um morro acabaram por divinizar e adorar o proprio morro. Mas seja como fôr o que é fóra de duvida é que o culto prestado ao Senhor do Bomfim pelas classes inferiores da nossa população está impregnado de praticas rigorosamente fetichistas. Para me tornar de todo insuspeito de qualquer *parti-pris* em favor dos meus estudos, tomarei a descripção das festas e culto do Senhor do Bomfim, ao artigo *As festas do Bomfim,* de um pequeno jornal literario *A Renascença* (n. 18, de 24 de janeiro de 1895), que era publicado nesta cidade.

C'est une description des fêtes et du culte rendu au Saint. Cet article, comme tous ceux dont je donnerai des extraits, était une contribution à l'histoire du folklore bahianais.

Escreve *A Renascença*:

"O mais milagroso e festejado dos santos que temos nesta cidade é sem contestação o Senhor do Bomfim, cuja rica igreja está collocada no aprazivel arrabalde que tem o seu nome.

"Toda sexta-feira, dia que lhe é consagrado, uma romaria de povo a bonde, a carro ou a pé descalço dirige-se logo pela madrugada á igreja do

miraculoso santo para ouvir ás pomposas missas que são ditas neste dia, levando garrafas de azeite, velas ou milagres que consistem em quadros e peças de cêra representando molestias e desgraças succedidas aos seus portadores e das quaes se livraram com vida graças á milagrosa intervenção do bondoso Senhor."

Ora, já vimos que sexta-feira é o dia da semana consagrado a *Obatalá,* aquelle em que os iniciados deste *orisá* são obrigados a andar de branco, trazer as contas brancas, lavar as quartinhas e mudar a agua de santo. E para provar que não é o sentimento da adoração christan que ali leva a grande massa da população todas as sextas-feiras, basta saber que quer na ida quer na volta, mesmo dentro dos bondes, as negras entoam sambas, esboçam dansas que destoam completamente das praticas christans. As coisas chegam ao ponto da imprensa diaria reclamar providencias da policia em termos duros e por demais severos.

Sob o titulo *Vergonhoso* escrevia o *Jornal de Noticias* (n. 4640, de 31 de maio de 1895): "Para uma capital como a nossa, quotidianamente visitada por pessoas em transito, é de pessima impres-

são o modo pelo qual voltam nas sextas-feiras do Bomfim, devotos dessa romaria, entoando sambas e chulas populares dentro dos bondes da *Vehiculos*. Pudesse evitar fazer de publico esta reclamação e nós o fariamos.

"Infelizmente, porém, somos forçados a trazer á publicidade esses factos na esperança de uma providencia. Ahi fica o nosso protesto por similhante abuso que muito concorre para a critica dos costumes bahianos."

A lavagem da igreja do Senhor do Bomfim, na quinta-feira da semana da festa, é uma pratica copiada das lavagens de santo do culto fetichista e executada de accordo com os preceitos desse culto. Eis como *A Renascença* a descreve:

"A lavagem na quinta-feira era uma verdadeira bacchanal num templo christão! Negros aguadeiros e mulheres com potes d'agua e vassouras em grande alarido de sambas e vivas entravam pela igreja com o fim de laval-a e os cantos obscenos, os *lundús* e a bebedeira reinavam sem respeito ao lugar, sendo toda a scena representada por homens e mulheres semi-nuas e embriagadas! Terminavam sempre com disturbios, pancadaria, ciumadas, feri-

mentos e até, quando esquentavam-se os animos, davam-se casos de morte. Felizmente o poder competente tem prohibido similhante festa."

Apenas escapou á *Renascença* observar que a prohibição se limitou á festa do Bomfim e não abrangeu a *lavagem* no dois de fevereiro de Santo Amaro, na festa de N. Senhora das Candeias, onde o simile africano se mantém inalteravel.

Tout ce que l'auteur de ces lignes aurait pu ajouter, c'est que ces chants étaient pour la plupart des cantiques sacrés d'*Obatala* ainsi que cela résulte de mes recherches personnelles.

Menos constantes e claras são as equivalencias das diversas invocações da Virgem Maria. A umas mãis de terreiro ouvi que lhe correspondia *Osun*, a outras que *Iê-man-já*.

L'équivalence qui semble la plus naturelle est, sans aucun doute, celle qui est établie avec N. D. das Candeias à qui, dans le village du même nom, on rend un culte presque aussi renommé que celui du *Bomfim* et où les *Candomblés* d'*Osun*, célébrés à l'occasion des fêtes catholiques n'ont pas moindre réputation.

Não consegui ainda saber porque fazem de Santo Antonio o equivalente de *Ogun*. Sem poder

affirmar, acredito que vem aqui qualquer similhança do modo de festejar Santo Antonio com fogueiras e fogos de artificio, essa reminiscencia catholica do culto solar. *Ogun* é, como vimos, o deus da guerra e do ferro, das armas de fogo portanto. E é para notar que os negros festejam *Ogun,* não no dia de Santo Antonio, mas no dia de São João.

Mas o ponto capital deste estudo é que a esta equivalencia das divindades corresponde a mais completa harmonia de sentimentos religiosos, na adoração prestada aos deuses dos dois cultos. E é precisamente este facto que dá a illusão da conversão catholica dos negros. Sem renunciar aos seus deuses ou *orisás,* o negro bahiano tem, pelos santos catholicos, profunda devoção levada até ao sacrificio e ao fanatismo. Mas esse sacrificio e esse fanatismo não podem ser sinão essencialmente fetichistas; os santos catholicos e até mesmo as invocações do filho de Deus constituem para os negros outros tantos *orisás.*

A mãi de terreiro, Livaldina, é devotada ao mesmo tempo a Nossa Senhora da Conceição e a *Ogun.* O proprietario do engenho onde ella reside,

admirado de eu lhe dizer que ella era ali a mãi de terreiro, me affirmava que esta negra faz grandes despezas com a festa catholica da Virgem Maria. No dia de Natal, assisti-a interromper pela madrugada o *candomblé* que dirigia e em que se festejava *Obatalá* para ir ouvir a missa do gallo. Interpellei-a sobre o modo por que conseguia harmonizar as suas crenças catholica e fetichista fazendo-lhe ver que não podia haver conciliação possivel entre os dois cultos, pois os padres christãos não admittem a existencia das suas divindades e chamam de infieis aos que adoram pedras, idolos, etc. Ella respondeu-me que os padres não conhecem os deuses da Costa, mas que ella tem provas materiaes de que elles existem e são tão verdadeiros como os santos dos brancos. Nada tem ella que ver, porém, com a irreconciliação dos santos das duas crenças, pois não somos obrigados a esposar as dissensões dos nossos amigos, e me perguntava si pelo facto de dois amigos meus se desavirem eu havia de tomar o partido de um delles contra o outro.

Au *Péji* de Livaldina une image de la Vierge est accrochée au mur au dessus des fétiches.

Mas ha casos desta dualidade verdadeiramente notaveis pela intensidade do fervor catholico dos protagonistas. Conheço pelo menos duas negras que são catholicas fervorosas, *habituées* da igreja de N. Senhora da Piedade, submettendo-se a constantes jejuns, ouvindo missas e confessando-se de continuo e que no emtanto prestam ao mesmo tempo culto igual aos fetiches africanos, vivendo na intimidade de afamados pais de terreiro, a cuja direcção espiritual se submettem cegamente. Uma negra que bem póde figurar no numero destas, e cujo filho de leite, hoje alumno da escola juridica, procurava convencel-a que se devia prestar a uma conferencia commigo, advertiu-lhe que não se mettesse a entender de santos da Costa, pois estava certa de que eu ainda havia de arrepender-me da minha temeridade.

Mas esta associação das praticas dos dois *cultos* é a coisa mais trivial e frequente nesta cidade. Nem se procura acobertar ou escondel-a. Encontram-se a cada passo vendas ou açougues como um que existe na rua da Valla onde acha-se pendurado na porta um volumoso *Osê* de Sango em quanto em um aparador, preso a uma das paredes

da sala, arde dia e noite uma lamparina abaixo de um pequeno quadro de N. Senhora das Candeias.

Juntamente com os outros *gris-gris* ou talismans fetichistas se encontram por toda a parte pequenas cruzes de madeira, que ao lado das figas, buzios, etc., figuram nas cestas das compradeiras, nos taboleiros das vendedeiras ambulantes, nas vendas, etc. Ha mesmo uma figa muito curiosa que se encontra em toda a parte e em que esta associação ainda é mais completa. O index da mão fechada prolonga-se bastante para terminar em uma pequena cruz.

Por este modo se torna perfeitamente comprehensivel a associação dos ritos catholico e yorubano; tem uma explicação a interpolação de missas e outros actos catholicos nos grandes *candomblés* annuaes; das missas e requiem nos *candomblés* funerarios, etc.

Não se vá acreditar no emtanto, que estas praticas limitem e circumscrevam a sua influencia aos negros mais boçaes e ignorantes da nossa população. Tylor affirma que é tal o prestigio communicativo das crenças fetichistas, que mesmo o europeu estabelecido na Africa experimenta a sua

acção, não sendo difficil descobrir-lhe no pescoço um osso, uma garra ou um objecto similhante, que ahi traz ás escondidas. E' o que ali se expressa, dizendo que o individuo está apto a se — *tornar negro.*

Para nos servir da expressão de Tylor ou melhor da expressão consagrada na Costa d'Africa, pode-se affirmar que na Bahia todas as classes, mesmo a dita superior, estão aptas a se *tornarem negras.* O numero dos brancos, mulatos e individuos de todas as côres e matizes que vão consultar os negros feiticeiros nas suas afflicções, nas suas desgraças, dos que creem publicamente no poder sobrenatural dos talismans e feitiços, dos que, em muito maior numero, zombam delles em publico, mas occultamente os ouvem, os consultam, esse numero seria incalculavel si não fosse mais simples dizer de um modo geral que é a população em massa, a excepção de uma pequena minoria de espiritos superiores e esclarecidos que tem a noção verdadeira do valor exacto dessas manifestações psychologicas. E' que no Brazil o mestiçamento não é só physico e intellectual, é ainda affectivo ou dos sentimentos, religioso igualmente portanto.

Todavia, nesta affirmação geral o asserto teria pouco valor si não pudesse ser comprovado com documentos, e os dois casos que de momento posso invocar em apoio, como dos mais notaveis nos ultimos tempos, melhor o demonstrarão.

Quando ha quatro annos (1893), o cholera-morbus manifestando-se na Europa prendia a attenção do Brazil inteiro que justamente se arreceiava da importação da epidemia, espalhou-se um dia em toda esta cidade a noticia de que em um dos *candomblés* dos arrabaldes, o *orisá* ou Santo *Gonocô* havia declarado ao pai de terreiro que a cidade estava ameaçada da invasão de uma peste terrivel. Como unico recurso efficaz para conjurar o perigo imminente indicava elle o acto expiatorio ou votivo de levar cada habitante uma vela de cera a Santo Antonio da Barra, que, tendo a sua igreja situada na entrada do porto, podia facilmente impedir a importação da epidemia. Para logo levar uma vela a Santo Antonio da Barra tornou-se a preoccupação exclusiva de toda a população, e a romaria tomou proporções taes que em breve quasi não havia mais espaço na igreja para receber as velas votivas.

A intervenção pela imprensa do clero catholico veio tirar toda a duvida sobre a procedencia fetichista desta manifestação a Santo Antonio da Barra, demonstrando ao mesmo tempo o prestigio e a influencia das praticas fetichistas na nossa população.

O que é mais grave é que o orgão catholico denunciou a irmandade deste santo como connivente nessa exploração da credulidade fetichista do publico. Transcrevendo aqui esses documentos de precioso valor para a demonstração da nossa these, não tenho em mira reviver as animosidades de que se resentem. Mas elles são a um tempo o reconhecimento official da existencia dos cultos africanos neste estado, a proclamação do prestigio e vasta extensão dessas crenças na população bahiana e a confissão documental do clero catholico da associação de praticas catholicas com praticas fetichistas. Não podemos assim prescindir delles.

Sob o titulo *Romaria a Santo Antonio da Barra*, o *Jornal de Noticias* (n. 4087, de 17 de julho de 1893) escreveu:

"Referindo-se a essa supersticiosa romaria que,

dia a dia, torna-se mais consideravel observa o nosso collega do *Monitor Catholico*: "Temos ouvido e lido diversas versões sobre similhante romaria e sua origem que provocam de nossa parte a mais justa indignação, que não podemos conter, profligando severamente similhante e supersticiosa pratica, similhante e injustificavel abuso.

"Pois havemos de ser victimas da ignorancia, da má fé, dos embustes, dos fetiches muitas vezes *illuminados* pelos interesses de quem quer auferir lucros e esmolas para a festa de Santo Antonio da Barra, para constituir-se o santo catholico alvo de manifestações estupidas e sem razão plausivel?

"Queremos o culto para os grandes heroes que o catholicismo tem levantado ás alturas da veneração, como modelos de virtude, dignos do respeito universal; queremos que se promovam festas e solemnidades as mais pomposas em sua honra; mas a especulação, essa romaria banal, não; é deponente, é anti-christan, é esdruxula.

"E' necessario um remedio efficaz contra similhante mal que vai se propagando fóra da capital; pois já se fala em romarias que virão de Cachoeira, de Santo Amaro, etc. Urge uma medida energica

por parte do clero que não deve ser alheio a similhante facto. O remedio poderosissimo, efficaz, na presente situação, é a pregação, a orientação do povo por parte dos senhores vigarios. E' de toda a conveniencia que em suas matrizes os Rvd. Srs. vigarios falem, preguem, illustrem os ignorantes com quem se está especulando.

"E' necessaria a pregação, quando sabemos que não são simplesmente os populares e gente das ultimas camadas os que procuram a capella de Santo Antonio da Barra, mas familias e boas familias que se vão deixando cegar pela supersticiosa pratica."

Não podia ser mais explicito. Mas para deitar os pontos nos *ii,* no dia seguinte a commissão promotora da festa de Santo Antonio da Barra respondia ao *Monitor Catholico* nos seguintes termos (*Jornal de Noticias,* n. 4088 de 18 de julho de 1893):

"A commissão encarregada de realizar a festa do glorioso Santo Antonio da Barra, no anno de 1894, lendo no *Jornal de Noticias* de 17, uma observação extraida do *Monitor Catholico,* não póde

deixar de responder e protestar, desde que essa folha attribue-lhe a autoria da dita romaria.

"Somos religiosos e catholicos, talvez mais que a propria folha intitulada *Monitor Catholico,* para que descessemos da nossa dignidade em ir pedir a um Africano para que esse, debaixo de um nome de seus santos, incutisse no espirito do nosso povo que deveria em romaria levar velas e esmolas a Santo Antonio da Barra, afim de que tivessemos dinheiro para fazer-se a festa do mesmo santo. E' preciso que saiba o *Monitor Catholico* que todos os annos realiza-se com toda a pompa a festa de Santo Antonio da Barra, independente de romaria. Nunca assistimos a nenhum *candomblé;* porém, quem sabe si a gente do *Monitor Catholico* os não frequenta e toma parte nos lautos banquetes que nelles se dão?

"Nunca lembrou-se o tal *Monitor Catholico* de chamar a attenção do clero deste estado quando a igreja de Santo Antonio da Barra estava em abandono e que se hoje não está no chão é devido aos esforços do Sr. José de Azevedo Fernandes, que desde 1883 tornou-se protector e bemfeitor da mesma; disso nunca soube e nem viu o tal *Monitor*

Catholico, porém sabe agora clamar contra a romaria dos devotos que têm ido levar algumas velas e esmolas a Santo Antonio, tudo isto por inveja e porque nada lhe rende!

"Aconselhamos, porém, ao tal *Monitor Catholico* que vá ao papai Terreiro ver se consegue do tal santo *Gonocô* alguma romaria para si, afim de tambem ter velas para alumiar seu prelo e melhor distribuir o celeberrimo *Monitor Catholico* aos seus assignantes."

Não parece no emtanto que tivesse grande efficacia a pregação aconselhada pelo *Monitor Catholico*, pois a romaria a Santo Antonio da Barra não foi a ultima façanha de *S. Gonocô* cujo culto continuou então como continúa hoje inalteravel e firme. O terreiro de S. Lazaro do pai Joaquim N. da Silva onde se manifestou *S. Gonocô* tem por diversas vezes depois disso chamado a attenção da policia a pedido e reclamação dos vizinhos.

L'article suivant publié dans le *Jornal de Noticias* du 22 Juillet de la même année, montre bien que le pèlerinage de St. Antonio da Barra n'a pas été le dernier exploit de St. Gounocô, dont le culte continuait à être alors comme il est aujourd'hui, inaltérable et ferme, malgré les prédications des prêtres catholiques recommendées par le *Mo-*

nitor Catholico comme un remède efficace contre la superstition populaire.

"CANDOMBLÉ — On nous écrit ce qui suit: M. le redacteur du *Diario de Noticias* et ami. — Comme vous avez protesté dans votre feuille éclairée contre les abus de ce pays, j'appelle encore une fois votre attention sur l'infernal candomblé de St. Lazare, appartenant au sorcier nommé Joaquim N. da Silva qui, confiant dans la tolérence des autorités locales, continue ses pratiques en prophetisant une peste et'autres calamités.

"Le père Joaquim Gounocô est à St. Lazare entouré d'une nombreuse réunion, où il se vautre dans les pratiques de l'immoralité la plus raffinée et se livre à l'extorsion des petites économies des femmes de mauvaise vie, des filons et des vagabonds, pensionnaires habituels de la maison de correction. Dimanche, 23 du courrant, le sorcier va dire la bonne aventure et il y a là-bas des familles qui par ignorance vont dans cet antre, dans ce sale lieu de débauche où elles sont victimes de la bestialité libidineuse du père Joaquim et de ses compères.

"Là, à St. Lazare, où se trouve le luxurieux sorcier, le public assistera à la scène la plus dégradante qui ait eu lieu à Bahia.

"Je vous en prie, au nom de Dieu, au nom de la morale, d'appeller à cet égard l'attention de M. le Chef de la surêté publique pour qu'il oblige ce sorcier à vivre d'une vie honnête et pour qu'il désigne aux autres, vagabonds et filons, un endroit."

O segundo exemplo não é menos eloquente pela expressão da dualidade que, apezar de todas as igualdades politicas e constitucionaes, a ethnologia estabelece na nossa população.

Quando, em dias de abril de 1895, as lutas politicas das facções partidarias deste estado, chegaram a uma tensão tal que a toda a hora se esperava o rompimento da guerra civil, aprazada para o dia da abertura do parlamento estadual, a população desta cidade, justamente sobresaltada e em parte em franco exodo, foi um dia informada de que na porta do edificio das camaras, amanhecera deposto um grande feitiço ou *coisa feita.* A imprensa diaria metteu o caso a ridiculo sem se lembrar de que era aquelle um modo de intervenção da população fetichista da cidade, tão logico e legitimo na sua manifestação sociologica, quanto era natural a intervenção do digno prelado archidiocesano que, conferenciando com os chefes dos dous grupos litigantes, procurava restabelecer a paz e a concordia na familia bahiana.

Mas não é só o culto catholico que recebe na Bahia o influxo do fetichismo negro. Tambem reflectem essa influencia as praticas espiritas e a cartomancia.

Existe nesta cidade, no Bom Gosto da Calçada do Bomfim, uma mulher que dirige sessões espiritas muito afamadas e concorridas. Em compa-

nhia dos distinctos collegas, Drs. Alfredo Britto, Aurelio Vianna e Juliano Moreira que ali iam em commissão da *Sociedade de Medicina Legal da Bahia,* tive occasião de assistir uma destas sessões onde devia colher notas curiosas para o presente estudo.

A directora da casa, mulher mestiça, quasi branca, que se diz *cabocla* (mestiça de indio) é ao mesmo tempo directora da *troupe* espirita e mãi de terreiro, alternando de tempos a tempos as sessões espiritas com os *candomblés.* A historia da revelação da sua vocação espirita ou medianimica não é pouco curiosa e expressiva. Vivia em serias difficuldades financeiras com o amante que é um italiano, antigo mercador ambulante de livros velhos, quando, tendo ido um dia assistir um *candomblé* africano, caiu de repente em estado de santo e toda vestida e calçada como se achava lançou-se a dansar por muitas horas até tombar extenuada. Aquella visita foi uma revelação, a sua fortuna estava feita, era só abrir uma casa de consultas espiritas. Aberta a casa, a fortuna fez-se rapidamente com lucrativa clientela.

Ainda não me foi possivel ir assistir o *candomblé*

para que aliás já estou convidado, mas não tem pequeno alcance a sessão espirita de que fui testemunha. Na casa de um só pavimento, em que funcciona a *troupe,* além da sala de espera para os consultantes e de alguns aposentos particulares da familia, existem duas peças capitaes. A sala das sessões, installada onde devia ter sido a sala de jantar e a capella armada num quarto vizinho.

E' uma linda e bem arranjada capella catholica com muitas imagens e quadros de Christo, da Virgem e de santos. Ha ali todos os preparativos necessarios para se celebrar missa, e missas, dizem, ali se têm celebrado. A sala das sessões espiritas, larga e espaçosa, é forrada de esteira e panno porque nella devem cair os possuidos dos espiritos ou médios. Estas médias são negras, mulatas e brancas que ficam alinhadas de encontro ás paredes, emquanto de pé no meio da sala, a cabocla toda vestida de branco entôa a invocação em voz de falsete, passeando de um para outro lado. A formula esdruxula da invocação dirige-se a Deus, á Virgem, ás almas, aos santos africanos ou *orisás.* E' um especimen a seguinte:

"Andava nas mattas, andava nas selvas, a Vir-

gem sempre adorando! Vinde homens, vinde almas, vinde sem demora, pelo poder do Deus de Israel, pelo poder do Salvador, pelo poder de Ogun!!"

Ao que as médias repetem em côro:

"Andava nas mattas, andava nas selvas, um Deus verdadeiro, andava adorando."

De repente uma ou mais das médias põe-se a tremer, a cambalear, a descrever movimentos choreicos, gestos saltatorios, etc., e por fim cae redondamente em violentas contorsões hystero-epilepticas. E' a manifestação do espirito.

A cabocla dirige-se á média, interpella-a, indagando quem é, o que fez e o que quer. Ella responde invariavelmente que é a alma de uma pessoa que foi sua conhecida e que morreu no hospital de Caridade ou em qualquer catastrophe que mais tenha impressionado o espirito publico, pede uma oração qualquer que é rezada ali mesmo e desperta em seguida. A's vezes em estado de somnambulismo procura systematizar typos conhecidos como o de um barão ha tempos fallecido ou mesmo ainda vivo, que espirrava muito e usava grande lenço de rapé; o de um hemiplegico que andava pelas ruas arrastando a perna, etc.

Como já referi quando me occupei da hysteria no negro, as manifestações mais francas da nevrose constituem o fundo do pretenso espiritismo da cabocla. Mas o que ha de curioso é que estes mesmos médios servem nos *candomblés* para as manifestações dos santos africanos ou *orisás,* o que ainda uma vez corrobora a opinião de que os estados de santo dos africo-bahianos não são mais do que manifestações do somnambulismo hysterico.

Não é para desprezar a observação que a cabocla fez á commissão, de que os negros ou individuos que têm sangue de negro são mais faceis de cair de santo do que os brancos. Grande como é o numero de médios sobre que ella tem experimentado, a sua opinião tem autoridade neste particular.

A mais afamada e consultada das cartomantes desta cidade é ainda uma mulata que dirige *candomblés.* Ainda ha pouco tempo uma senhora da nossa melhor sociedade communicou-me confidencialmente que, tendo ouvido á cartomante Josephina sobre os seus soffrimentos, esta aconselhou-lhe que mandasse dizer missas a diversos santos catholicos, e fazer festas a *Sangô* e a *Ogun.* E como a senhora lhe declarasse que lhe era facil

satisfazer a exigencia em relação aos santos catholicos, mas muito difficil em relação aos *orisás,* a cartomante propoz-lhe incumbir-se desta ultima parte. A cartomante Josephina tem residido em diversas partes desta cidade sempre com grande celebridade e clientela; ouvida, affirma-se, até por medicos distinctos em apuros de concurso na Faculdade. De um se diz que fez em concurso diagnostico psychiatrico por inspiração da cartomante. Tal é a disposição de animo da nossa população em geral.

Continuar a affirmar, em face de todos estes documentos, que os negros bahianos são catholicos e que tem exito no Brazil a tentativa de conversão, é, portanto, alimentar uma illusão que póde ser cara aos bons intuitos de quem tinha interesse de que as coisas se tivessem passado assim, mas que certamente não está conforme á realidade dos factos.

INDICE

O "NEGRO BRASILEIRO" E ALGUMAS OPINIÕES CRITICAS

...Arthur Ramos entra no dominio ethnographico com pleno conhecimento de causa, firme e lucidamente, com os seus pontos de vista consolidados, argumento substancial e rigorosa erudição...

...Livro de estudo e de erudição, tambem interessa ao leigo, seja pela familiaridade do thema entre nós, seja pela dextreza da prosa, nem arida, nem ingreme á comprehensão. "O Negro Brasileiro" attinge propria e plenamente seus objetivos, no sentido da divulgação scientifica, inexploravelmente pobre num paiz em que a riqueza de motivos é um desafio á intelligencia e á pericia dos estudiosos.

(G. P. — *A Noite,* 12-12-1934.)

...Arthur Ramos representa, hoje, no mundo intellectual brasileiro, uma expressão forte de valor cultural. São conhecidos os seus trabalhos de neuro-pathologia, escriptos com uma vivacidade de exposição que, em parte, esconde o grande quadro de sua formidavel erudição. No terreno da psychanalyse um dos seus mais decididos pendores, os trabalhos publicados são uma demonstração de que esse novo sector da indagação scientifica não possue segredos para elle, tal e tão forte é sua tempera de pesquisador. Este traço caracteristico de sua personalidade se ostenta em sua integridade no decurso do volume sobre o negro brasileiro. Vê-se, ahi, que toda a bibliographia, nacional e estrangeira, sobre o assumpto, foi percorrida e apreciada com espirito critico. Mas, a despeito do acatamento merecido pelos autores que o antecederam, o prof. Ramos não descuidou, minimamente, a observação directa dos factos. Dahi o ter peregrinado pelos candomblés e macumbas da Bahia e do Rio e de outros Estados do Norte á procura de documentação que apparece com fartura e variada na obra de que nos occupamos.

(*A Nação,* 16-12-1934.)

Este bello volume inaugura a "Bibliotheca de Divulgação Scientifica" dirigida pelo proprio professor Arthur Ramos.

Em materia de sciencia, o Brasil precisa muito mais de quem divulgue de que mesmo de quem se dedique á pesquisa. No emtanto o livro de Arthur Ramos pertence ao que de melhor se tem feito neste paiz em assumpto da mais alta e seria investigação. O autor não é apenas admiravel semeador de idéas conhecidas. E', alem de professor dos mais lucidos, espirito de aguda penetração, paciente perquiridor, honesto e equilibrado. Nesse volume o seu apurado senso critico e a sua pertinacia juntaram-se para deslindar o problema psychologico e religioso dos nossos negros, tão cheio de difficuldades, a começar pela deficiencia de informações ou pelo erroneo interpretar de alguns precursores...

...E confesso que encontrei na psychanalyse uma interpretação que ás vezes me parece genial nos factos psychologicos que a ethnographia tem de considerar.

O "Negro Brasileiro" é uma das nossas mais lindas affirmações de cultura e de espirito scientifico.

(Roquette Pinto — *Boletim de Ariel*, Janeiro, 1935.)

...O livro do sr. Arthur Ramos, "O Negro Brasileiro", é o primeiro de uma série de volumes em que esse autor se propõe a estudar tambem o folklore, a anthropologia e a sociologia negra, pois o volume agora apparecido versa apenas sobre ethnographia religiosa e psychanalyse. Obra de um homem que é realmente um scientista, merece o "Negro Brasileiro", pela seriedade com que foi escripto, os maiores louvores. Não se trata de um livro de concepção puramente theorica e livresca, mas de trabalho de observação pessoal, pois o autor estuda os phenomenos que analysa nas proprias fontes, procurando na observação das praticas religiosas, macumbas, candomblés, etc., material para a sua dissertação...

...O que desejo resaltar neste meu registro é a importancia do livro, a escolhida bibliographia do autor, a sua intimidade com os negros, e a comprehensão das mentalidades primitivas nas suas manifestações religiosas e psychicas, de que dá provas abundantes.

Isto dito, quero me referir á propriedade com que é escripto o volume, pois o sr. Arthur Ramos é realmente um escriptor sobrio e preciso, o que vem de maneira visivel demonstrar que estamos deante de um homem que não é apenas um erudito, mas um espirito culto e agil, que honra tanto a nossa sciencia como as nossas letras.

(Augusto Frederico Schmidt — *Diario de Noticias*, 23-12-1934.)

...E' uma contribuição inteiramente nova, digna da attenção dos leitores brasileiros.

Arthur Ramos assim se firma na ethnographia afro-brasileira, preenchendo um honroso claro e colhendo uma bella herança: a de continuador á altura da obra de Nina Rodrigues.

Considerado como psychologo, no momento passa a ser uma das grandes autoridades na ethnographia do negro brasileiro.

E o Brasil moço de 1934, que viu um sociologo como Gilberto Freyre, viu tambem um ethnographo como Arthur Ramos.

(Renato Mendonça — *Jornal do Commercio*, 13-1-1935.)

Appareceu no penultimo mez de 1934 um livro que reputamos notavel, ao lado da *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, como obra sobre o aspecto geral, ou de conjuncto, do negro no Brasil. Trata-se do livro cujo titulo é o mesmo que o deste artigo, de autoria do Professor Arthur Ramos, livro excellente nos seus traços geraes e revelador de muita observação, encerrando grande somma de estudo e erudição. O autor, que é merecedor de legitimos encomios, deve estar contente com haver publicado obra util a quantos o assumpto interessa, sobretudo pela honestidade dos dados que ministra.

(Jacques Raymundo — *Jornal do Commercio*, 3-2-1935.)

...O livro "O Negro Brasileiro" despertou no paiz a maior curiosidade.

Arthur Ramos é um jovem medico, de tenacidade incrivel nas pesquisas anthropo-socio-psychologicas do negro no Brasil. Suas obras se esteiam na sciencia e nas affirmativas derivadas de observações colhidas em vieiros originais, onde esse garimpeiro da alma mergulha sua curiosidade de fanatico da verdade...

...O leitor fica estarrecido deante do panorama inacreditavel que o dr. Arthur Ramos lhe rasga aos olhos. O Brasil já não é sómente um vasto hospital. E' vastissimo *terreiro*, onde as *macumbas*, *candomblés* e *catimbós* exercem poderosas magias de dominio absoluto nos negocios, nos amores, nos emprehendimentos, na politica...

(Renato de Alencar — *A Nação*, 10-3-1935.)

...livro que representa um esforço serio, uma intenção louvavel de contribuir para a cultura nacional, para o conhecimento da influencia do negro, do que vem do negro na formação da mentalidade do nosso povo, para a constituição, emfim, de dados que permittam a formulação e consequente solução de nossos problemas sociaes...

...E que dizer da discriminação anthropo-geographica das tribus africanas, promettida para livro proximo, mas já neste esboçada, senão que corrige, como se impunha, muito erro alheio? Que dizer do syncretismo religioso, senão que é muito bem observado e melhor explanado? Que dizer, finalmente, de toda essa parte informativa da vida religiosa dos negros e mulatos brasileiros, senão que é interessantissima e a melhor cousa do livro?...

(V. de Miranda Reis — *Boletim de Ariel,* Fevereiro 1935.)

...Neste "O Negro Brasileiro", o sr. Arthur Ramos revela-se o maior estudioso dos problemas da raça negra no Brasil...

...Tudo elle nos revela: desde a significação dos "paes de santo" até a planta de um "terreiro", o mapa minucioso de um "candomblé" e os cantos originaes, e a musica, e a letra dos versos, tudo transcripto e exacto, tudo certo, como num grave livro de sciencia allemã. Mas a sciencia é brasileira. E por isso, nenhuma gravidade, mas, ao contrario, uma maneira simples, directa, elegante, de dizer as cousas.

(*Rio Magazine,* Anno III, n. I.)

...Que o livro de Arthur Ramos é notavel, os mais autorizados criticos já o disseram, bastando citar o nome respeitado de Roquette Pinto entre os que tiveram palavras do mais alto elogio para o volume. Porém poucos sabem o que este volume representa de heroico, de resultado de trabalhos incriveis num meio nada propicio a apoiar estudos de tal natureza...

...Arthur Ramos não se contentou com ler muito e estudar nos outros o assumpto. Elle foi directamente ao assumpto, viu o negro de perto, penetrou nestes ambientes mysticos, do negro da Bahia, como poucos brancos já penetraram. Se fez, por assim dizer, negro como elles, e saiu escrevendo sobre "Meu irmão negro". Não saiu enojado, cheio de preconceitos. Arthur Ramos se fez negro nas macumbas da Bahia, e pôde assim dar ao Brasil qualquer cousa de grande e de serio...

...A sua obra não é para o successo de um momento. Porém é hoje impossivel falar sobre negros no Brasil sem citar Arthur Ramos, mestre joven e risonho que passou pela Bahia sem fazer discursos.

(Jorge Amado — *Diario de Noticias,* 17-3-1935.)